

COM AS PRÓPRIAS MÃOS

WAGNER SARMENTO

PREFÁCIO DE GALVÃO BUENO

PRETORIAN 



PANDA
BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A Deus, senhor do mundo e do meu destino.
A meus pais, Zuleica e Babinha (*in memoriam*), a quem sempre procurei honrar e a quem
devo tudo o que tenho e o que sou.
A meus seis filhos – Rafael, Igor, Iago, Juan Popó, Gustavo e Popozinho.
A meus cinco irmãos, em especial a Luís Cláudio, meu ídolo e incentivador.
A todos os amigos que fizeram parte desta trajetória.
Àqueles que permitiram que minha luta, dentro e fora dos ringues, seja contada e sobreviva
ao tempo.
Ao povo brasileiro, que sempre esteve comigo, nas vitórias e nas derrotas, e a quem sempre
busquei representar da melhor forma.
A Wagner Sarmento, por contar com maestria a minha história.
A Sóstenes Marchezine, que apostou no devaneio do livro e o fez acontecer.
Ao boxe, que me fez sonhar e realizar, viver e aprender, chorar e sorrir.

ACELINO FREITAS

A Deus, pela luz de todos os dias.
A minha mãe, Conceição, pelo amor de todas as horas.
À Débora, pelo sonho dividido e a vida compartilhada.
A Popó, pela confiança ao depositar em minhas mãos a sua história, umasaga tão brasileira
e tão singular.
A Sóstenes, pela parceria incansável e a atenção inestimável.
Aos familiares e amigos que trilharam junto comigo esta estrada.

WAGNER SARMENTO

Sumário

[PREFÁCIO – Beбето](#)

[PREFÁCIO – Galvão Bueno](#)

[Introdução](#)

[Round 1 – Uma família de lutadores](#)

[Round 2 – Os primeiros rounds no esporte](#)

[Round 3 – O amador se tornou profissional](#)

[Round 4 – O mundo cabe em um cinturão](#)

[Round 5 – Um laço e um rompimento](#)

[Round 6 – Um novo time](#)

[Round 7 – A glória da unificação](#)

[Round 8 – O adeus a Babinha](#)

[Round 9 – A primeira derrota](#)

[Round 10 – O tetra e o fim](#)

[Round 11 – Sai Popó, entra Acelino](#)

[Round 12 – A redenção](#)

PREFÁCIO

Um dia, fui à casinha da família Freitas, lá na Baixa de Quintas, a convite de um amigo que sempre me falava que eu precisava ver Popó lutando. Acelino e Luís Cláudio, o mais velho, improvisaram um ringue e fizeram uma demonstração para mim. Na hora, passou um filme.

Meu irmão Nilton amava boxe e foi a partir dele que passei a me interessar pelo esporte. Nilton hoje está com Deus e, quando vi Popó em ação, era como se o visse. Ali, Deus tocou meu coração e eu falei que aquele menino seria campeão mundial. Na hora, coloquei na cabeça que tinha de ajudá-lo.

Passei a falar dele nas minhas entrevistas e cheguei a promover um evento. Na primeira luta que vi ao vivo, Popó me deu as luvas de presente. Guardo-as até hoje. Isso não tem preço. Popó seguiu seu caminho, fez sua história e se tornou campeão do mundo quatro vezes. Ele merece tudo o que conquistou.

Muitos anos depois, a gente, já aposentado do esporte, se encontrou na Assembleia Legislativa. Foi pura emoção. As palavras de Popó me fizeram chorar na frente de todos os deputados. Popó é feito eu, um homem simples e humilde, um homem que levou o nome da Bahia e do Brasil ao topo do mundo. É sempre um prazer e uma honra falar dele.

BEBETO,

ex-jogador de futebol, campeão da Copa de 1994.

PREFÁCIO

Eu me sinto extremamente honrado com o convite de Popó para escrever este prefácio. O livro que vocês têm em mãos conta em detalhes a saga de um dos grandes campeões que o Brasil já produziu. Uma história bem brasileira, feita de golpes certos, tanto nas agruras de uma vida de pobreza como nos adversários do boxe internacional.

Admiro o esportista Acelino Freitas desde a luta contra Anatoly Alexandrov, um grandalhão do Cazaquistão, derrubado duas vezes no primeiro round e que Popó pôs para dormir com uma poderosa direita, que o então campeão até hoje não descobriu de onde veio. Aquela luta valeu o primeiro dos quatro títulos mundiais do nosso bom baiano. Popó desceu daquele ringue internacionalmente consagrado. Desde então, costumo dizer que primeiro fui admirador do pugilista e, mais tarde, do ser humano.

Quando o conheci pessoalmente, aquele menino pobre da Baixa de Quintas, na periferia de Salvador, já assombrava o mundo, e aqui no Brasil ocupava um lugar que, pelo menos para mim, estava vago havia mais de quarenta anos – o de sucessor de Éder Jofre. Educado, simpático e de fala mansa, Popó sempre me impressionou por sua humildade e pela maneira respeitosa com que trata as pessoas à sua volta. Para ser campeão, Popó derrotou a miséria, a mais terrível das doenças sociais, uma realidade que este livro retrata de maneira fiel e sem retoques.

Éder Jofre era fruto da classe média paulistana, vinha de uma família de pugilistas. Seu técnico era o próprio pai, Aristides Kid Jofre. Seus tios – irmãos da mãe de Éder – representavam uma das grandes dinastias do pugilismo do Brasil e da Argentina.

Com Acelino a história é outra. O filho de Zuleica e Niujalma – conhecido nas rodas da boemia baiana pelo apelido de Babinha – se formou sozinho, à custa de sua própria força de vontade. Ele procurou o boxe, esporte em que via uma possibilidade de redenção. Como bem lembra este livro, o menino Popó tanto insistiu que seu irmão Luís Cláudio – que treinava com Luiz Dórea, na época começando uma brilhante carreira de técnico – “pendurou um saco de areia em uma trave erguida em um terreno ao lado do casebre onde morava (a família Freitas) e mandou Popó socar. As luvas eram feitas de espuma de colchão amarradas com cadarço”. Foi com esses primeiros golpes que Popó começou a derrotar a desesperança para se transformar em campeão e inspiração para uma legião de jovens lutadores baianos.

Peço licença para narrar dois episódios da minha relação com Popó – um profissional e outro pessoal – que me encham de orgulho.

Em janeiro de 2004, convidei Popó e Éder para participarem juntos do programa *Bem, amigos*, que apresento semanalmente no SporTV. Isso aconteceu em uma época em que os dois andaram se estranhando sem saber exatamente a razão, e eu vi que ali se apresentava uma rara ocasião de deixar lado a lado – ou frente a frente, para usar uma imagem do pugilismo – nossos dois maiores campeões de boxe. Não deu outra. Foi um programa alegre e emocionante, e eu me sinto um pouco “padrinho” do respeito que existe hoje entre os dois.

O outro episódio aconteceu em abril de 2010, quando recebi o título de Cidadão Soteropolitano em uma cerimônia na Câmara Municipal de Salvador. Imaginem a minha emoção e o meu orgulho de estar ali com a minha família, em meio a tantas homenagens e cercado de grandes amigos baianos, ao som dos tambores do Olodum. Pois, naquele plenário repleto, quem eu vejo sentado ao meu lado na cerimônia? Ninguém menos que o tetracampeão mundial de boxe Acelino Popó Freitas.

Esse é Popó, amigo dos amigos, dono de um caráter exemplar, um menino pobre que, quando se viu cercado de oportunidades, resolveu estudar direito para poder ajudar aqueles que não têm outra chance na vida a não ser a solidariedade dos que podem. Popó não se cansa de mostrar que pode e faz. Obrigado, campeão!

GALVÃO BUENO

Introdução

A primeira lição é: por um filho, o pai faz qualquer sacrifício sorrindo. Promete, jura, afiança, assevera. Sua, corre, luta, se entrega. Faz de tudo para mostrar que é mesmo o super-herói em que todo rebento acredita. Popó abraçou Popozinho depois da luta e, aclamado por uma torcida barulhenta, disse baixinho: “Papai ama você”. Fez-se ouvir. Pronto, dever cumprido. Estava realizado, como boxeador e como pai. Ensinava, no ringue, valores da vida. Correu todos os riscos, mas lutou. O choro de pai e de filho era um só.

A segunda lição é: não mexa com quem está quieto. Michael Oliveira cavou a própria cova. Provocou, zombou, subestimou. Falou que ia fazer e acontecer. Tem 22 anos, está no auge da forma e nunca havia conhecido o sabor de uma derrota. Talentoso, invicto, título latino em mãos, achou que o pouco caminho percorrido e a pouca sola de sapato gasta eram suficientes para arrotar arrogância contra o maior boxeador brasileiro ao lado de Éder Jofre. Guiou-se pela típica afoiteza adolescente. Chamou Popó para a briga como o menino que, corajoso, toca a campainha do vizinho e sai correndo ou picha com giz de cera o muro do colégio. Um campeão se faz com humildade. Assim mesmo: mais clichê impossível, também mais verdade impossível. Michael devia ter apanhado de cinturão para aprender. Popó tem logo quatro.

A terceira lição é: nunca duvide de um campeão. Aposentado, meia década sem lutar, 36 anos de idade. Em longa abstinência do boxe, Popó respirava outros ares, estava acima do peso, nem de longe lembrava o boxeador de outrora quando foi desafiado. O Brasil inteiro vaticinou um vexame homérico. Qualquer comentário que não fosse passional dava como certa a vitória de Michael Oliveira. Chamaram Popó de velho, gordo, acabado, ultrapassado. Cometeram o erro fatal de registrar um tetracampeão mundial de boxe como azarão e dá-lo como morto. Jogaram a história no lixo e ignoraram o significado da palavra “superação”. Popó não adentrou o ringue apenas para vencer. As vitórias nem sempre dizem tudo. Ele entrou para ensinar, para provar que, mesmo sem precisar provar mais nada, restava um último ato de enredo imprevisível antes de fechar as cortinas.

A quarta lição é: quem sabe não desaprende. Popó parece ter passado cinco anos congelado. Voltou tinindo, jogando no ralo o vácuo do tempo sem treinar. Propalavam que ele não aguentaria mais de três rounds. Só de pirraça, o baiano esperou até o nono para nocautear. Sobrou em todos os outros. Bailou no ringue, buscou mais a luta, castigou o adversário. Quando Michael tentava algo,

esbarrava em uma esquiva afiada. Parecia que o desafiante atacava em câmera lenta. Um menino em *slow motion* contra um coroa na velocidade cinco da dança do créu. E créu.

A quinta lição é: foi a aula de boxe mais cara de que se tem notícia. Custou 500 mil reais, sem contar os remédios para curar a ressaca.

Esta história começa pelo fim. O último capítulo da carreira do ex-pugilista Acelino Popó Freitas é o resumo implacável da sua trajetória. Envolveu luta, fé, descrença, sofrimento, humilhação, desconfiança, entrega, suor, batalha e redenção. Na vida foi sempre assim. O combate contra o paulista Michael Oliveira desnudou o baiano em sua essência. O mundo duvidou, Popó provou. Ação e reação. No boxe foi sempre assim.

Tive convicção da grandeza de Popó desde bem antes de mergulhar na sua história, um mar que reveza tempestade e calmaria, uma luta que vem do berço. Antes de biógrafo, fui fã. Era, até o encontro improvável, apenas um brasileiro a mais que chorou com seu retorno épico contra Michael. Inquieto, transformei a emoção em crônica. O desengasgo das palavras, aqui transcrito, foi postado em uma rede social de maneira despreziosa em 3 de junho de 2012, um dia após a fênix saltar da mitologia para o tablado, das cinzas para o nocaute, da descrença unânime para os braços do povo.

Uma lida aqui, um compartilhamento acolá, a publicação no site especializado em lutas MMA Magazine, e a internet engoliu barreiras com o mesmo ímpeto de um nocaute de Acelino Freitas. Na semana seguinte, a vida bateu à porta. Popó não só gostara do texto, como gravara um vídeo de agradecimento. Um gesto simples e ao mesmo tempo imenso. Ali, naqueles 18 segundos postados em um site de carregamento de vídeos, Acelino emparedou predicados – humildade e gratidão eram os mais gritantes. Na verdade, nada mais que o espelho de toda a sua trajetória.

Conheci o homem muito depois do esportista. Admirava o boxeador de mãos fatais desde anos antes, pelos combates televisionados, pela saga vitoriosa na luta pela sobrevivência e pelo estrelato que esmurrou a falta de apoio, mas passava a respeitar também o ser humano que se esconde por trás das luvas, o homem que o Brasil poderá conhecer a fundo nesta biografia.

O tempo voou. Meses depois, Popó tocava a sua vida como parlamentar, e eu, a minha, como jornalista. Caminhos distantes, independentes, desconhecidos. Como disse o poeta francês Victor Hugo, “nada é mais iminente que o impossível”. Acelino Freitas, tetracampeão mundial de boxe, me procurou para que eu escrevesse a sua biografia. Costurou essa certeza com a intuição que sempre o guiou nos ringues, sentiu que era a hora certa para fazer uso da sua direita letal. Esse é Popó, o coração como motor, a alma sem prisões, o instinto

infalível.

Aceitei o convite para contar em detalhe, e com muita emoção, uma história tipicamente brasileira. A saga de um pugilista que, com as próprias mãos, nocauteou a fome, a miséria, os desarranjos familiares e uma penca de outros oponentes, dentro e fora dos ringues. Um nordestino que saiu de um barraco com menos de dez metros quadrados para ocupar o topo do mundo no esporte que escolheu e para ser reverenciado por uma nação.

round 1

Uma família de lutadores

A história de Acelino Freitas começa muito antes do seu nascimento. O ponto de partida dessa saga é o longínquo ano de 1957. Foi naquele Dia de São João, no bairro pobre da Baixa de Quintas, em Salvador, na Bahia, que Zuleica Freitas, então com 13 anos, conheceu o primeiro e único homem de sua vida, Niujalma Ferreira Jones, o popular Babinha – casado, fioso e oito anos mais velho que ela. Estava com amigos em uma festa, tomando licor escondida – prática corriqueira e sua maior transgressão –, quando se deparou com o moreno de cabelos lisos. Ela piscou o olho, ele consentiu. Sem dizer nada, disseram tudo. Babinha, sempre afeito a exageros alcoólicos, acabou dormindo no sofá no meio da noite, após beber mais do que podia. O primeiro beijo, no rosto, aconteceu ali: ele desmaiado, ela apaixonada.

Dias depois, ambos combinaram de se encontrar em um circo. Zuleica avistou o paquera, mas disfarçou. Queria ser vista. Foi então para a fila da pipoca, bem na frente do poleiro que ele fazia de arquibancada. Não tinha dinheiro, só queria chamar a atenção. Conseguiu. Ela não se lembra do espetáculo, mas tem vívida até hoje a recordação da volta para casa, quando foi pedida em namoro. O amor ignorou as circunstâncias e subverteu os conceitos de certo e de errado. Ela disse sim a um homem que tinha mulher e dois filhos.

Todos à volta aconselhavam a adolescente a desistir de uma relação que parecia sem futuro, já que Babinha tinha fama de namorador, beberrão e desordeiro. Era um boêmio incorrigível. O coração de Zuleica foi surdo a tudo. Apostou que aquela paixão que havia começado da maneira errada terminaria no caminho certo. Tinha razão. O amanhã daria todas as respostas que o ontem não sabia.

A estrada, no entanto, foi tortuosa. Zuleica entregou-se a Babinha dois anos depois. Antônio Freitas, seu pai, descobriu que a filha não era mais moça, e isso era uma ofensa aos costumes da época. Aos 15 anos acabou expulsa de casa. Esse foi o primeiro baque em sua vida, quando se viu obrigada a ir morar com Neide Ferreira, sua futura cunhada, enquanto o namorado continuava casado – com o matrimônio em crise, mas multiplicando filhos e amantes. Zuleica chegou a ir para o Rio de Janeiro, seguindo o conselho da mãe, Dionísia Maria da Conceição, que havia se separado de Antônio e estava morando na capital fluminense. Trabalhou em uma casa de família na Vila Isabel, mas a saudade a mandou fazer o caminho de volta em apenas um mês. Não tinha onde ficar. Apesar da difícil relação entre eles, recebeu a acolhida do pai.

Zuleica tinha menos de vinte anos quando Paulo, seu primeiro rebento, nasceu. Luís Cláudio chegou três anos depois. Babinha não ajudava na criação das crianças. Sumia por meses, depois emergia do nada, para logo em seguida desaparecer outra vez. A união sofreu estremecimentos, mas ele sempre dava um

jeito de amolecer o coração daquela mulher que não conseguia lhe dizer “não”. Depois de mais um “sim” ela deu à luz Orlando.

Quando Antônio morreu, em 1971, a proprietária da casa que ele alugava retomou o local. Zuleica, com três meninos nos braços, foi morar na rua. Viveu mendigando. Dormiu pelas praças e calçadas, e às vezes conseguia passar a noite na casa de algum conhecido. Babinha seguia à risca a tática de sempre: vez ou outra aparecia atrás de chamego.

Um ano depois, Zuleica recebeu a pensão do pai, ex-servidor público – menos de um salário mínimo, quantia a que tem direito até hoje. Ela então alugou a casa na qual o pequeno Popó nasceria, cresceria e se tornaria ídolo do Brasil. Com o pouco dinheiro que sobrava, comprou um fogão a querosene, alguns pratos, talheres, lençóis. Mobiliou a esperança.

O quase nada já era muito, mas ainda seria mais. Naquele mesmo ano Babinha chegou de mala e cuia para ficar, trazendo o violão e o riso. Decidiu abandonar a mulher com quem tivera, ao todo, sete crianças, para fazer de Zuleica sua esposa. Nilton foi o primeiro filho a nascer no aconchego do novo lar.

Acelino Freitas, o quinto filho homem, nasceu em 21 de setembro de 1975. Herdou o nome do marido de Neide, homenagem feita ao indivíduo que acolhera Zuleica tempos antes e que morrera havia alguns anos.

Dos cinco meninos, o caçula era o que mais mamava. O apelido Popó, que carregaria pela vida e seria marca inconfundível no esporte, derivou do barulho que fazia quando sugava o leite materno, o que se manteve até por volta dos cinco anos de idade. É dessa mesma época o mais remoto documento fotográfico de Acelino, a imagem desbotada de uma criança subnutrida, mas feliz. A foto – motivo inusual de festa e momento que juntou toda a família – revela um Popó de cabelos penteados e barriga de fora, denunciando que a camisa, herdada dos irmãos, já não lhe cabia mais. Zuleica guarda o antigo retrato como um tesouro. Costuma dizer, com seu palavreado típico e original, que nunca viu filho de preto nascer loiro. Os registros são raros, quase inexistentes. Na falta de dinheiro até para comer, fotografia era artigo dispensável.

Popó, assim como os outros, nunca teve berço. Dormia em um colchonete de não mais de quatro centímetros de espessura, forrado com papelão e jornal. Dividia o espaço diminuto com os quatro irmãos. O carinho da mãe compensava a falta de conforto. Zuleica sempre os cobria depois de dormirem para que não se resfriassem.

Um lençol surrado funcionava como parede, que separava a meninada do casal. Eles, sim, tinham uma cama: um colchão velho equilibrado entre caixotes de cebola. Na hora de “fazer ousadia” – eufemismo da mulher para o sexo –, eles

aproveitavam os momentos em que os garotos não estavam em casa. Zuleica, com o choro tão fácil quanto o riso, se diverte ao recordar todo o sufoco e as aventuras.

O casebre dos Freitas tinha menos de dez metros quadrados e apenas um cômodo, era um dos mais pobres do bairro. O lugar não tinha energia elétrica nem água encanada, e a família fazia as necessidades no quintal. De tão baixo, quem andava descuidado e esticado batia a cabeça no telhado. O piso era de terra. As paredes, erguidas com madeira e arame e vedadas com massa de barro, não resistiam à chuva – o reboco caía e a água molhava tudo. No morro, uma encosta atrás do barraco ameaçava ruir sempre que o temporal engrossava. Popó chorava. Tirar a família dali foi o sonho que habitou sua mente desde menino, muito antes de o boxe surgir em sua vida.

Popó foi criado em um ambiente instável. O amor disputava cada palmo do caminho com a hostilidade. Babinha, figura central na trama familiar, era um poço de contrastes: conseguia ser amistoso e agressivo, presente e distante, necessário e dispensável. Alcoólatra, a bebida o transformava e ele descontava a embriaguez em Zuleica. Não foram poucas as vezes que Acelino presenciou o pai batendo na mãe. Empurrões, socos, chutes. Até hoje guarda na memória as cenas que, ao longo da vida, tentou – mas não conseguiu – esquecer.

Mesmo assim, os filhos ainda são apaixonados pelo pai e asseveram que era o álcool que o estragava. E a mãe deles nunca fez uma denúncia à polícia, pois o amor sempre vencia. Em um tempo em que a falta de esclarecimento imperava, ela entendia, aceitava. Simplesmente amava.

Zuleica era pai e mãe. Tinha a responsabilidade de sustentar a casa, criar e alimentar os filhos. Fazia faxinas, cortava cabelo e cozinhava para fora. Não rejeitava os trabalhos que surgiam. Ela nunca calçou luvas, mas é a maior lutadora da família Freitas. Guerreira. Babinha de vez em quando se atrevia a pescar, mas gastava tudo com cachaça. Fazia também apostas no jogo do bicho, mas o trocado era direcionado a farras. Quase nunca levava dinheiro para casa.

Ele passava noites e noites sem aparecer, mergulhado em bebedeiras. Popó algumas vezes se revoltava e decidia ir buscá-lo. Rodava a Baixa de Quintas à procura do pai e não voltava sem ele. Babinha era fácil de ser encontrado: estava sempre a uma mesa de bar, o violão no colo, entre uma roda de samba e um punhado de mulheres. De vez em quando se metia em alguma briga. A bebida afluía o que havia de pior nele. Batia errado, mas batia bem. Pode-se dizer que ele foi o primeiro pugilista da família. Chegou a lutar por dinheiro, em ringues improvisados sobre o asfalto. Popó espiava o pai.

Babinha não gostava quando Acelino chegava para levá-lo para casa. Tinha vergonha de se ver, diante dos amigos, subjugado por uma criança. Mandava

Popó se afastar e esperar alguns metros adiante, escondido de todos. Jogava conversa fora, disfarçava alguns minutos e saía de fininho, cantarolando com o filho, que sempre fora o seu xodó.

Uma vez, quando Popó tinha somente cinco anos, Babinha ultrapassou os limites do bom senso e resolveu dar cachaça à criança. Um vizinho viu pai e filho cambaleando alegres pelo bairro e correu para avisar Zuleica, que estava na estrada da Rainha fazendo o cabelo de uma cliente. Quando ela chegou em casa, Popó estava todo vomitado. Deu uma bronca homérica em Acelino, reforçada por algumas palmadas, e proibiu o filho de sair com o pai. Não ousou reclamar com Babinha, por saber que não daria mesmo jeito no marido – e ainda corria o risco de apanhar.

O dinheiro da família sempre foi curto e não dava conta de tantas bocas. Acelino chegava a passar o dia com um mingau no estômago. Às vezes nem isso. Popó e os irmãos, quando não tinham com o que se alimentar em casa, vagavam pela vizinhança à procura de um prato de comida. Uma das que mais ajudavam era Virgínia Santos, dona de um grande coração. Pedia a Acelino que fosse à padaria comprar os pães que desejava e, em troca, lhe dava o jantar. Noutras vezes, a meninada sentava em um banco de madeira em frente a sua casa enquanto Zuleica estava fora, trabalhando. Virgínia escutava o murmurinho e já sabia. Aparecia com algo para comer e suco. Festa geral.

Paulo, o primogênito, quando tinha oito anos foi morar com a tia, Creuza Maria da Conceição, para aliviar um pouco a situação da família. Teve educação, comida farta e uma cama para chamar de sua. Deixou para trás dias difíceis. Podia-se dizer que era um privilegiado. Nada, entretanto, preenchia o vazio de ter sido afastado do convívio familiar.

Valoriza ter tido a chance de estudar, e hoje sabe ler e escrever. Paulo sabia de todas as dificuldades enfrentadas pelos pais, entendeu que Zuleica queria algo melhor para ele, mas sofreu com a separação. A dor aumentou quando seus tios começaram a fazê-lo de empregado. Paulo tinha de lavar pratos, varrer a casa, fazer o que lhe instruíam; caso contrário, apanhava. Aos 14 anos fugiu de lá e retornou ao casebre dos Freitas. Voltou para dormir no chão, voltou para às vezes não ter o que comer. O que importava era tornar a fazer parte da família.

Luís Cláudio, o mais velho dos filhos que permaneceram com Zuleica, diante da falta de Babinha, acabou se arrogando o papel de pai. No afã de ajudar na renda familiar e desafogar um pouco a sobrecarga nos ombros da mãe, passou a catar e vender ferro-velho, entregar jornais, fazer jogo do bicho e carregar pilhas de tecido em uma confecção.

Assim que chegava em casa, exausto, ainda preparava em um antigo fogareiro o mingau de Popó, à base de farinha, água e açúcar. Em seguida, dava

banho em Acelino e o punha para dormir. Luís Cláudio sempre foi muito mais que irmão. A lembrança traz a certeza de que preencheu a lacuna deixada por Babinha. Ele conta que o pai saía de casa, bebia demais, fazia besteiras, agredia a mãe, pouco ajudava, mas garante que todos os irmãos sempre o amaram. Chegou a levar um murro no olho, mas não guardava mágoa. Responsabilizava a bebida pelo descontrole.

Certo dia, sem ter roupas para usar, Luís Cláudio vestiu uma peça íntima da mãe que acabou lhe cabendo como bermudas. Amarrou com uma corda e saiu disfarçando. Os moleques na rua logo descobriram a farsa e inventaram o apelido que ele carrega – a contragosto – até hoje: Calçolinha!

Noutra vez, ele levava às costas o irmão Nilton, que nascera com um problema nos membros inferiores – a deficiência seria corrigida mais tarde, após algumas cirurgias, graças à insistência e à teimosia de Zuleica –, quando os vizinhos atiraram pedras no garoto e caçoaram dele, chamando-o de “pé torto”.

Luís Cláudio enraiveceu-se e partiu para cima dos moleques, mas apanhou feio. Voltou para casa cheio de hematomas. A cena se repetiu um sem-número de vezes. Popó via tudo de longe e nada podia fazer, pois nem tamanho tinha. Babinha cobrava reação. Zuleica mandava o filho parar de brigar. Nessas horas, ninguém se entendia.

Ainda um garoto de dez anos de idade, Acelino também passou a fazer bicos para complementar o orçamento da família. Perambulava de porta em porta pedindo para recolher o lixo. Ganhava um trocado, um prato de comida, outras vezes um simples “não”. Em muitas ocasiões Popó foi destrutado, os constrangimentos e as humilhações eram frequentes. Apesar de tudo, ele insistia, batalhava, não se dava por vencido.

Trabalhou também como borracheiro, como ajudante de carpinteiro, como servente de pedreiro. Orgulha-se de ter ajudado a fazer o forro da paróquia Nossa Senhora da Luz, no bairro litorâneo da Pituba, na capital baiana. Os bicos não rendiam mais que trocados, que sempre eram repassados a Zuleica.

O pouco que recebia ajudava a desafogar a escassez em que vivia a família, mas o trabalho prematuro engolia a sua infância. Chegou a ter bolinhas de gude e um carrinho de rolimã feito por ele mesmo, mas somente depois de adulto é que conseguiu ter bicicleta e videogame. Popó confeccionava as próprias sandálias, com borrachas velhas e cordas colhidas no meio da rua. Nutria o sonho de ter um par de Havaianas. Não só teria o calçado, como seria garoto-propaganda da marca anos depois. Antes disso, no entanto, ainda havia muita sola a ser gasta. Na mesma época nasceu Jaqueline, a sexta filha de Babinha e Zuleica, a única mulher da vasta prole do casal.

A criatividade garantia o divertimento da família. Orlando, também

conhecido pelos apelidos de Tonny e Tintim, sempre foi apaixonado por dança e canto. Uma vez, decidiu participar de um show de calouros realizado no Centro Social Urbano (CSU), com um número em que imitava Michael Jackson. Os aplausos da plateia instigaram Orlando a criar um *cover* do grupo Menudo, uma *boyband* porto-riquenha que se tornou febre na América Latina na década de 1980.

O grupo Sabor – também conhecido como Freitas Brothers, nome também adotado pelos irmãos pugilistas – tinha Tonny, Kal (nome artístico de Luís Cláudio) e mais três amigos, Léo, New e Nal. Popó, muito novo e tímido, não integrava a banda, mas fazia sua parte para ajudar: ele corria pelas ruas esburacadas da Baixa de Quintas e da Caixa D'Água divulgando a atração. Eles ganharam fama na comunidade, foram chamados para algumas entrevistas, eram tocados em rádios comunitárias, chegaram a fazer shows, mas o sucesso foi local, limitado. A recordação rende risadas estridentes.

O boxe, até então, passava bem longe dos devaneios infantis de Acelino. Popó compartilhava os mesmos anseios dos outros meninos pobres da sua idade – fazer sua vida no futebol. Jogava no time do bairro como atacante e o futebol o divertia, mas não saciava. Popó venceria pelo esporte, chegaria ao topo por meio dele, mas não da forma que imaginava no início.

Não muito depois ele trocou o campo de terra batida pelo ringue, as chuteiras pelas luvas, o gol pelo nocaute. O boxe foi apresentado a Acelino pelo irmão que também era pai, amigo, ídolo e referência. Luís Cláudio era adolescente quando descobriu o esporte. Passava em frente à Escola Parque, no bairro de Caixa D'Água, em Salvador, e um treino de boxe que transcorria no local chamou a sua atenção. O rapaz pegou a ficha de inscrição, mas o valor da mensalidade era um empecilho quase intransponível; ele ganhava pouco e ajudava em casa: as três refeições diárias – café, almoço e jantar – ainda eram um sonho distante, quase nunca alcançado.

Teve então a ideia de pedir dinheiro emprestado a Paulo, que também faturava uns trocados, mas, como ainda morava com a tia, não tinha gastos. Paulo ficou desconfiado. Chegou a imaginar que o irmão estivesse endividado por causa de drogas. Depois de bom sermão, recebeu a garantia de que nada tinha a ver com isso, embora com respostas vagas e incompletas. Mesmo assim, o primogênito lhe emprestou a quantia. Seis meses de aulas estavam assegurados e o interesse pelo boxe foi logo descoberto. Paulo, em vez de repreender o irmão, seguiu o seu exemplo.

Depois dessas aulas, Luís Cláudio pediu para treinar com o então pugilista Luiz Dórea, que o mandou comparecer à academia do Esporte Clube Bahia, na Fonte Nova. O novato, logo de cara, recebeu uma missão das mais inglórias: foi

escalado para fazer luva – termo que significa realizar um treino aberto de troca de golpes – com um dos lutadores mais experientes da academia. Seu oponente tinha um cartel com mais de vinte duelos, então ele apanhou até não poder mais. Fora do tablado recebeu um golpe ainda mais doloroso. Ouviu do técnico Gilberto Oliveira que não levava jeito para o esporte e deveria tentar outro caminho na vida. Foi expulso da academia. Ouviu tudo sem dar um pio. Não insistiu nem contestou. Precursor dos irmãos Freitas no boxe, ele sofreu a queda, mas se reergueu antes de o juiz abrir a contagem. A história da família é assim mesmo: um misto de dificuldade, insistência, sofrimento e redenção.

Luís Cláudio foi literalmente à luta. Luiz Dórea – que por causa da opinião de Gilberto não era, a princípio, simpático à ideia de ver o rapaz treinando – havia viajado para o exterior para a disputa do Campeonato Mundial de Boxe e essa foi a brecha que encontrou. Aproveitou a chance e pediu a um conhecido que treinava com Dórea para ter aulas gratuitas na academia Triathlon, na Graça, bairro nobre da capital baiana. Teve então a licença para o sonho que mudaria a sua vida e, por tabela, a de Popó também.

O caminho não seria fácil. Luís Cláudio destoava dos outros alunos, não tinha tênis, luvas, roupas adequadas, nada. Ficava com vergonha quando observava os “barões” paramentados com seus apetrechos de marca. Despido de quase tudo, cansou de se diminuir. A única forma de mudar aquela realidade era treinando duro para talvez entrar na história daquele esporte.

A academia ficava a aproximadamente dez quilômetros da Baixa de Quintas e, sem dinheiro para ir e voltar de ônibus, o único jeito era correr todo o percurso. Descalço. Muitas vezes subia ao ringue com os pés em carne viva.

Sua privação sensibilizou o proprietário da academia, Rubens Soares, mais conhecido como Rubão, que o presenteou com um par de calçados para as aulas. Pouco importava àquela altura que os tênis fossem 42 e Luís Cláudio calçasse 39, três números a menos. O aspirante a pugilista preencheu o espaço vazio com papel e resolveu o problema. Não precisaria mais correr descalço no asfalto quente, no percurso entre a sua casa e a academia. A lembrança dos tempos árduos e do gesto de Rubão comove o mais emotivo dos seis filhos de Babinha e Zuleica.

Popó, até então, ainda não havia entrado para o boxe, mas já se encantava. Chegava a matar aulas para ver o irmão treinando. Luís Cláudio foi o primeiro – e o maior – ídolo de Acelino no esporte. Interessado cada vez mais pela modalidade, e sem ter televisão em casa para assistir às grandes lutas da época, Popó se virava do jeito que podia: qualquer janela aberta na vizinhança com um aparelho de TV ligado era chamariz para o menino cujos olhos brilhavam diante do ringue. Acelino perdeu as contas de quantas vezes não foi bem recebido.

Mesmo assim ele pagava o preço.

Foi persistindo que passou a conhecer lendas do boxe como o norte-americano Sugar Ray Leonard – que ostenta um cartel de 36 vitórias, 25 delas por nocaute, três derrotas e um empate, lutou de 1977 até 1997 e foi campeão em seis categorias – e o peso-pesado brasileiro Adilson Rodrigues dos Santos, o Maguila – que lutou de 1983 a 2000, chegou a enfrentar Evander Holyfield e se aposentou com 77 vitórias, 61 delas por nocaute, sete derrotas e um empate.

O duelo mais marcante que espio em uma televisão da vizinhança foi o disputado entre Sugar Ray Leonard e Marvin Hagler, em 6 de abril de 1987. Popó tinha apenas 11 anos e estava encantado. Sugar venceu por decisão dividida o título dos pesos-médios do Conselho Mundial de Boxe (CMB).

No dia em que viu, por outra brecha qualquer, um cinturão do Mundo Hispano ser erguido após uma luta, a dúvida deixou de habitar o imaginário de Acelino Freitas. Deu lugar à certeza total e irrevogável de que seu caminho calçava luvas. Jurou que um dia aquele cinturão seria seu. E com muito sangue e suor lutaria para cumprir a promessa que fizera a si mesmo.

O destino promoveu a primeira luta de Luís Cláudio. O ano era 1988. O jovem, então com 19 anos, estava na arquibancada do ginásio de esportes Antônio Balbino, o Balbininho, na Fonte Nova, para assistir a um evento de boxe. Acompanhado da namorada, chupava uma laranja despreocupado quando um convite inesperado fez seu coração palpitar. Ele foi chamado às pressas para encarar Killer – apelido autoexplicativo –, invicto havia dois anos e representando a academia de Gilberto Oliveira, o mesmo que asseverou que não vingaria no boxe.

Luís Cláudio taparia o buraco deixado por um colega da Triathlon que não pôde lutar. Nem se deu tempo para pensar, o “sim” foi dito no susto. O sonho de adentrar o ringue do Balbininho se concretizava por obra do acaso. Ele conseguiu roupas e luvas emprestadas e foi da arquibancada à arena, sem passar pelo vestiário, sem treinamento prévio, sem estudar o oponente. Somente cara e coragem. Gilberto desdenhou. A torcida zombou. Popó, de longe, não acreditava no que via. Arrebatado, passou a torcer. Babinha, mais afastado, pôs-se a vibrar. O espanto era geral.

Se o representante da família Freitas nem sequer teve tempo de titubear na resposta ao desafio que caiu do céu, Killer não teve tempo de reação. Após um primeiro round morno, no qual o favorito aplicou alguns *jabs* que não fizeram estrago, Luís Cláudio entrou no segundo assalto para decidir. Um golpe certo rasgou o rosto do oponente. Com o ferimento, o juiz se viu obrigado a interromper o combate, dando a vitória ao azarão por nocaute técnico. Os olhos do irmão de Popó buscavam Gilberto, buscavam se certificar de que o técnico

não havia ficado sem resposta. Killer não aceitou a derrota. Antes de se dirigir ao chuveiro tentou partir para cima do adversário, aos gritos. Acabou contido por seguranças.

O corte no rosto não só tirou Killer da luta como também, por decisão médica, o deixou fora do Campeonato Norte-Nordeste. Outro convite caía no colo de Luís Cláudio. No dia seguinte ao duelo ele – até pouco tempo antes renegado – era nada menos que o representante baiano na competição da categoria peso-mosca. O irmão de Acelino organizou-se do jeito que deu e conseguiu o improvável: sagrou-se campeão.

Um pouco antes ele já havia acertado as contas com os vizinhos que o espancaram, que ofenderam seu irmão Nilton e que ridicularizaram a pobreza de sua família. Toda vez que se deparava com algum de seus desafetos, provocava uma briga e descontava a opressão sofrida. Vingou-se de um por um, sob a torcida e as gargalhadas entusiasmadas de Acelino.

round 2

Os primeiros *rounds* no esporte

Para Popó, não era tarefa fácil comparecer todo dia à Escola Estadual Leopoldo dos Reis, na Baixa de Quintas. Usava calças velhas sem zíper e calçava as sandálias artesanais que confeccionava. Utilizando os livros que a escola distribuía, equilibrava-se entre a necessidade de estudar e a de sobreviver. Quando aprendeu a ler e a escrever, esta foi uma de suas primeiras anotações: “Popó campeão mundial”. Seria um sonho com ares de premonição ou apenas delírio de menino?

Acelino tinha entre 11 e 12 anos de idade quando deixou de ser espectador para se tornar ator no boxe. Luís Cláudio finalmente dera ouvidos aos apelos do irmão mais novo. Pendurou um saco de areia em uma trave erguida no terreno ao lado do casebre em que moravam e mandou Popó socar. As luvas eram feitas de espuma de colchão amarradas com cadarço. O primeiro golpe que aprendeu foi o *jab* de esquerda. O irmão repassava as orientações gerais e o dom natural de Acelino tratava de dar prosseguimento de um jeito próprio. Começava ali, no improviso, uma narrativa que alçaria o caçula dos cinco filhos homens da família Freitas ao protagonismo do boxe mundial.

Popó tinha 14 anos quando foi levado para treinar na academia Botafogo, situada no bairro de mesmo nome em Salvador. Boxeava gratuitamente, graças a um projeto social voltado para menores carentes. O primeiro “cinturão” que ganhou foi um cachorro-quente. Acelino viu seu irmão Paulo apostar um sanduíche com o pai de um garoto que era o maior destaque da academia Botafogo. Popó, recém-chegado à academia, ficou sem entender bem a situação mas lutou. No ringue da Botafogo, castigou o colega de treinos até não poder mais. Ganhou o *sparring* sem maiores embaraços e, como premiação, faturou o lanche. Enquanto se deliciava com o cachorro-quente, reforçava o convencimento: o boxe seria seu ganha-pão.

Em 1990, Acelino passou a fazer parte do time da Champion, academia inaugurada naquele ano por Luiz Dórea e Luís Cláudio. Embora no início Dórea fosse reticente em relação ao futuro de Luís Cláudio no boxe, dada a desconfiança do técnico Gilberto, eles se aproximaram nos treinos e a amizade floresceu. Dórea, que se aposentou como pugilista um ano antes, em 1989, assumiu a função exclusiva de treinador na academia que abriram nos fundos de sua casa no bairro da Cidade Nova, em Salvador.

Não tinham dinheiro nem para comprar um ringue. Apelaram para a criatividade de Luís Cláudio, que revezava o uso das luvas com a pá e o cimento. Perfurou o chão, implantou quatro canos e os encheu de concreto. Deu tão certo que, anos depois, a sede da Champion mudou-se para um imóvel vizinho, bem mais espaçoso e moderno, mas o primeiro ringue – aquele no qual Popó começou como amador – continua lá: cordas frágeis, algumas soltas, mas

imperecível. Um templo da história do boxe brasileiro.

A entrada de Popó na Champion ocorreu na ausência do irmão, que estava em São Paulo disputando o 45o Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, do qual sairia campeão após vencer na final o paraense Paulo Guedes – no ano anterior, em 1989, Luís Cláudio já havia conquistado o título na categoria peso-mosca contra o paulista Edevaldo Almeida, também em torneio disputado em São Paulo.

Em meio à competição amadora na capital paulista, Popó foi até a academia para saber se Dórea tinha alguma notícia do irmão. Puro pretexto. Aproveitou para perguntar se podia treinar lá. Ele disse sim ao adolescente, e essa foi uma resposta que mudaria o rumo da sua história.

Popó se viu transformado por aquele esporte. Era aluno dedicado, bom em matemática, mas não conseguia pensar nos estudos mais que o necessário. Quando as aulas terminavam, também ignorava os chamados dos colegas para bater bola. O baba, a gíria baiana para pelada, já não o tentava mais. Corria, ainda de uniforme, para treinar boxe. Sabia que sua redenção estava ali. Sabia que a glória era fruto de talento, mas também de esforço. Não tardaria a abandonar a Escola Estadual Leopoldo dos Reis para se dedicar apenas à luta. Acelino parou de estudar na 4ª série, uma decisão que não aconselha pelo risco que apresenta. Na época, achou necessário abrir mão de um leque de perspectivas para apostar em um caminho.

Nos dois primeiros meses, Popó apanhou de todo mundo. Ainda engatinhava no esporte e não dominava as técnicas necessárias para sobrepujar os colegas de treino. Luís Cláudio não aguentava ver o irmão naquela situação. Nervoso, esperava sua vez de fazer luva com os mesmos pugilistas e então descontava neles a sua raiva.

Do terceiro mês em diante, no entanto, a mão de pedra que seria a assinatura de Acelino começou a despontar. Luís Cláudio diz que, quando menos se deu conta, Popó passou a espancar qualquer um que aparecesse pela frente. Dórea reforça que a evolução do menino impressionava. Ele chamava a atenção pela técnica, pela habilidade e, claro, pela mão pesada, seu diferencial desde cedo.

Acelino, na época com 1,58 metro de altura, pesava 52 quilos e baixava para 48 para lutar na categoria mosca ligeiro do boxe amador. O sacrifício para atingir o peso necessário sempre fez parte da vida de Popó, que na época não tinha acompanhamento nutricional. Parava até de tomar água algumas vezes. Enfraquecido, chegava a ficar de cama.

Quando a fome rompia o limite do suportável, Acelino desaparecia por alguns minutos. Zuleica o flagrava, vez ou outra, chupando uma pedra de gelo escondido. O drible na dieta mostrava que Popó já não aguentava mais. A boca

seca, o estômago vazio, e apenas um pouco de gelo para aliviar. A mãe pedia que ele desistisse do esporte, mas nada contava a Luís Cláudio, responsável por fiscalizar a preparação do irmão.

Zuleica acompanhava, desde anos antes, o sofrimento do filho para perder nove quilos antes de cada luta. Não queria que o mais novo fosse pelo mesmo caminho. Luís Cláudio não discutia com a mãe. Suas únicas palavras eram “Deus sabe o que faz”.

Já Babinha volta e meia brigava com Zuleica por causa disso. Batia o pé e apoiava o filho, qualquer que fosse a sua escolha. Na verdade o encorajava – vencer na vida pelo boxe era um sonho a acalantar.

Luís Cláudio, somando conquistas, passou a ser patrocinado por uma marca de leite. Ganhava por mês um salário mínimo e caixas da bebida láctea. Resolveu dar um pouco de conforto à família e instalou energia elétrica no barraco, puxando uma gambiarra e dividindo a conta com uma vizinha. Adiante ele comprou uma televisão em preto e branco. Acelino não precisaria mais mendigar a tela da TV na vizinhança. Quando ligou o aparelho pela primeira vez, deu de cara com um desenho animado do qual se tornaria fã: *Papa-Léguas*.

Popó, aos poucos, aprimorava a técnica e juntava peso nas mãos, sobretudo a direita – dela saíam os diretos, sua marca registrada. A maior inspiração de Acelino estava dentro de casa: Luís Cláudio. Mike Tyson e Sugar Ray Leonard eram outras referências. Mesmo assim, ainda iniciante já tinha a certeza de que não precisava imitar ninguém. Bastava ser Popó.

Nessa época nenhum colega queria fazer luva com Acelino na academia. Um faltava, outro alegava indisposição, fulano se dizia doente, beltrano corria argumentando alguma pendência a ser resolvida na rua. Valia tudo para se esquivar dos inevitáveis hematomas. Esses colegas eram os mesmos que antes batiam em Popó. A situação era outra.

Precoce, Acelino não custou a se tornar campeão: ele tinha apenas 14 anos quando aceitou disputar e venceu o Campeonato Baiano. Como um presente, a grande final foi em 21 de setembro de 1990, dia do seu aniversário.

Nesse certame Acelino teve o patrocínio da Jorginho Flores, o primeiro incentivo financeiro de sua carreira, conseguido graças à intervenção do amigo Marquinhos Nambu. Recebeu cerca de 150 reais por estampar na sua camisa a marca da floricultura. Popó entregou o dinheiro a Zuleica.

Depois disso Acelino viajou ao Recife, capital pernambucana, para disputar o Campeonato Norte-Nordeste. Popó se credenciou à disputa regional por ter

vencido o torneio baiano. Aos 15 anos de idade fazia a sua primeira viagem pelo boxe amador.

A decisão do Campeonato Norte-Nordeste, disputada no ginásio de esportes Geraldo Magalhães, o popular Geraldão, no bairro da Imbiribeira, foi contra um lutador da casa, Jaime Moraes. As arquibancadas tinham bom público, embora se tratasse de uma competição amadora. Toda a torcida era contra Acelino, mas isso pouco importou, pois a concentração sempre foi o seu ponto forte. Acelino ignorou a pressão.

Popó dominou o combate, jamais esteve ameaçado, mas, duas décadas depois, faz uma revelação: no terceiro round, mesmo batendo, mesmo estando bem, teve vontade de desistir. Conta que foi a única vez que esse sentimento o arrebatou. Juntou a pouca idade, a emoção, a distância de casa. Mesmo assim, Acelino Freitas não desistiu. Não havia caminhado tanto para parar no meio da estrada. A mente logo apagou esse impulso e o baiano voltou a castigar Jaime até soar o gongo. Popó sagrava-se, por pontos, campeão regional. Essa conquista reforçou a crença no futuro.

Acelino Freitas ainda era o menino pobre que morava em um casebre de apenas um cômodo na Baixa de Quintas. O dinheiro continuava escasso. As viagens só eram possíveis porque a Federação Baiana de Boxe – responsável por organizar os torneios estaduais e formar as delegações para disputas fora do estado – custeava parte das despesas e os colegas de academia forneciam o restante. Luiz Dórea auxiliava no que podia. Dava roupas, passagem, alimentação.

A época amadora guarda passagens engraçadas, como a luta contra um boxeador que tinha somente um pulmão. O pugilista, ciente da fama de nocauteador de Popó, implorou antes do duelo para que o rival “pegasse leve”. Chegou a oferecer dinheiro a Acelino para que ele entregasse o combate. Acabou beijando a lona ante um Popó enraivecido pela proposta indecente.

Acelino Freitas disputou seu primeiro Campeonato Brasileiro em 1991, no município de Guarujá, no litoral de São Paulo. Foi na final do torneio que conheceu sua primeira derrota no boxe amador, por pontos, para Jairo Moura. Um golpe duro de digerir, mas inevitável – na vida e no esporte. No ano seguinte, outra competição nacional e outro revés na decisão. Desta vez contra Edson do Nascimento, o Xuxa.

Apesar disso, nenhuma dessas derrotas doeu tanto quanto a experiência em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Em 1993, Popó tinha 17 anos, estava mais maduro e vivia sua melhor forma física até então. Sua rotina era extenuante, com cerca de vinte lutas por ano e treinos integrais.

Rumava ao sul do país para disputar o 48o Campeonato Brasileiro de Boxe

Amador. A turbulência durante o voo o assustou mais que um adversário difícil no ringue. Popó tremia, segurava na mão de Luís Cláudio e torcia para que o pouso transcorresse bem e o quanto antes.

O voo atrasou. A demora foi suficiente para que a van que esperava pugilistas de todo o Brasil no aeroporto de Porto Alegre partisse sem os irmãos Freitas. Acelino e Luís Cláudio procuraram seus contatos por longos minutos no aeroporto. Em vão. Não havia mais ninguém lá. Nessa época, telefone celular era raridade. Quase sem dinheiro na carteira, apanharam um táxi para Cruz Alta – uma viagem de 336 quilômetros – e pediram socorro financeiro aos organizadores do evento.

Chegaram à noite no ginásio, algumas horas depois da pesagem oficial, que acontecera no final da tarde. Argumentaram, discutiram, reclamaram, mas não houve jeito. Acabaram desclassificados do torneio antes mesmo de pisar no ringue. Derrotados sem lutar – para eles, a pior forma de perder.

Entre os pesos-leves, categoria de Acelino, o campeão foi o paulista Jossineli de Oliveira. Na categoria peso-mosca, peso de Luís Cláudio, venceu Rogério Batista, também de São Paulo. Os irmãos ainda tiveram de esperar a competição acabar para voltar para casa. Foram obrigados a dormir nos alojamentos, comer com os outros pugilistas e engolir esse golpe da vida. Uma frustração impossível de ser medida.

Doeu muito, mas a ferida cicatrizou no ano seguinte. A primeira redenção da carreira de Acelino Popó Freitas se daria em 1994, no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, na disputa do 49º Campeonato Brasileiro. Depois de dois vice-campeonatos e uma desclassificação na bagagem, Popó enfim se tornou campeão nacional nos pesos-leves. Venceu suas três lutas por nocaute, incluindo a decisão contra o sergipano Adrion Henrique. A conquista foi um desagravo e o desempenho no campeonato ainda lhe rendeu uma premiação extra: ele foi eleito a revelação do torneio. Estava, finalmente, no topo.

O sucesso repentino de Popó aliou-se à fama que Luís Cláudio, aos poucos, ganhava em território nacional. O mais velho, havia anos, era atleta da Seleção Brasileira de Boxe e ostentava uma medalha de bronze dos Jogos Pan-Americanos de Havana, realizados em 1991, em Cuba. Luiz Dórea, certo de que a dupla renderia bons frutos, passou a casar combates em que os dois faziam parte do mesmo *card*. Nascia uma marca: os irmãos Freitas.

Como na vida de Acelino tudo foi muito precoce, no âmbito amoroso não seria diferente. Namorador desde cedo, perdeu a virgindade aos 14 anos. Levava as meninas para o mato e já estava habituado a ser interrompido pelo dono da

roça. Saía correndo e sorrindo. Multiplicou as mulheres depois que se tornou boxeador. Seu irmão Nilton era o parceiro contumaz de festas e paqueras.

Foi de uma dessas andanças de Popó que, em 1993, nasceu seu primeiro filho, Rafael Simon Freitas, fruto de uma relação passageira com Ana Cláudia Aquino. Passada a surpresa, Acelino acolheu o seu primogênito. Zuleica e os pais de Ana Cláudia ajudaram na criação do bebê. Rafael morava com a mãe, mas estava sempre na casa do pai.

Ao longo dos anos, enquanto crescia, Acelino via vizinhos, amigos e conhecidos se perderem no mundo das drogas. Alguns, aprisionados no vício. Outros, em situação ainda pior, arregimentados para atuar no narcotráfico. As mortes decorrentes da guerra entre as quadrilhas ou das dívidas com criminosos donos de bocas de fumo eram recorrentes.

Foi assim que Acelino perdeu o amigo Dublê, parceiro de treinos na Champion. Sem que ninguém na academia soubesse, o boxeador começou a se envolver no tráfico. Passou a faltar a compromissos, a ficar dias sem aparecer, até que a temida notícia chegou aos colegas. O boxe perdia a luta para as drogas.

Popó e os irmãos, mesmo diante de condições financeiras desfavoráveis, mesmo com o desajuste familiar, sempre estiveram longe desse universo. Nilton salienta que muitos conhecidos escolheram a criminalidade. Luís Cláudio acrescenta que não foram poucas as vezes que ouviu vizinhos comentando que os irmãos Freitas iriam pelo mesmo caminho. Acelino arremata, com orgulho, que isso não aconteceu.

Troféu brasileiro nas mãos, Popó passou a ser patrocinado pelo Clube Bahiano de Tênis. Recebia um salário mínimo e com isso continuava pobre, mas se embevecia ante a certeza de que, devagar, sua vida caminhava.

Nos torneios locais, os boxeadores representavam os grandes clubes do estado, mas o pagamento era pouco ou nenhum. Em 1993, já com algum respaldo nacional, Acelino assinou com o São Paulo Futebol Clube. Costumava passar três meses em território paulista, ganhava um salário ínfimo e dormia em um alojamento que ficava debaixo de uma escada no estádio do Morumbi. A situação contrastava com a opulência do time de futebol.

Apesar disso, graças ao Tricolor do Morumbi, pela primeira vez na vida, Popó foi a um dentista. Cuidados médicos e odontológicos eram realidade distante em Salvador. Acelino teve o rosto cortado aos oito anos enquanto brincava com um taco de madeira. Tomou sete pontos, mas peregrinou até conseguir atendimento.

No Morumbi, Popó conheceu grandes jogadores, tais como Rogério Ceni, Jamelli, Palhinha e Catê. Torcedor do Esporte Clube Vitória, o baiano passou a ter outro time para admirar.

Em 1992, Popó conhecera um homem que se tornaria um de seus maiores parceiros e incentivadores: Armando Fernandes Leite, apaixonado pelo boxe e proprietário da loja esportiva Monumento Sports, no bairro do Ipiranga, Zona Sul de São Paulo. Armando havia adquirido esse comércio um ano antes e encontrou no boxe, paixão antiga, uma forma de ajudar jovens talentos e ao mesmo tempo divulgar a sua marca. Ciente de que a TV Bandeirantes transmitia a modalidade amadora às terças-feiras, passou a estampar no calção de alguns pugilistas o nome da Monumento, após acordo com Newton Campos, presidente da Federação Paulista de Boxe. Foi precursor da estratégia no país. Antes os patrocínios eram aplicados apenas nos roupões.

Armando fazia sua parte para ver o esporte se desenvolver. Ofertava material esportivo, troféus, medalhas e algum incentivo financeiro a boxeadores. Em uma dessas ocasiões, ao se preparar para mais um torneio, Popó soube que um empresário pagaria trezentos dólares ao dono do nocaute mais rápido da noite. Era Armando. Acelino sonhou, pois jamais havia se deparado com tanto dinheiro assim de uma só vez. Viu seu rival – um paraense que lutava pelo Sport Club Corinthians Paulista – nocautear o adversário no combate anterior em somente quarenta segundos. Popó encarou o alvinegro precisando superar esse recorde para embolsar o dinheiro, o que aliviaria a situação em casa. Ou seja, não bastava vencer, era preciso vencer em, no máximo, 39 segundos.

“Vai lá, baianinho. Vai lá ganhar esse dinheiro”, gritou Armando em direção a Acelino. O baiano castigou. O oponente caiu. O juiz decretou o final do duelo. O tempo: 45 segundos. Uma pequena fortuna escapava em um piscar de olhos. Acelino perdeu a premiação, mas ganhou um amigo para a vida toda, e Armando passou a auxiliá-lo sempre que podia. Ao lado disso, passou a receber uma cesta básica por mês. Armando Fernandes Leite não deixou de ajudar outros atletas, mas Popó virou seu xodó.

A primeira competição internacional de Acelino foi o Campeonato Pan-Americano de Boxe Amador, em 1994, em Buenos Aires, capital argentina. O título nacional deu a ele um lugar na Seleção Brasileira de Boxe que disputou o torneio, ao lado do irmão Luís Cláudio. Popó foi eliminado na estreia. Chegou a derrubar o oponente, um dominicano, duas vezes no primeiro round, mas acabou sofrendo uma torção no pé no segundo assalto, o que obrigou o médico a

interromper a luta. Acelino, na sequência, sofreu nova derrota: perdeu o Campeonato Paulista do mesmo ano para Rogério Brito.

Ele deu a volta por cima no ano seguinte. A vaga nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata, em 1995, também na Argentina, dependia de um triunfo contra Brito, o vencedor no torneio estadual. O receio de perder a seletiva o incomodava, mas resolveu se concentrar apenas na luta. Acelino venceu e, quatro anos depois de assistir pela TV à participação de Luís Cláudio no Pan-Americano de Havana, Popó refazia os passos do irmão.

Em Mar del Plata, Acelino conseguiu vitórias fáceis contra um adversário porto-riquenho e outro colombiano. O combate valendo a medalha de ouro, em 25 de março de 1995, foi contra a lenda do boxe olímpico Júlio González Valladares, um cubano até então bicampeão pan-americano. Em uma luta parelha, a decisão dos juízes, contestada à época, deu o triunfo a González por 6-4.

O amargo gosto da derrota foi minimizado pelo simbolismo daquela medalha de prata: o Brasil estava de volta a uma final do boxe na competição, depois de 16 anos. A última vez havia sido em 1979, no Pan-Americano de San Juan, em Porto Rico. O Brasil se despediu da Argentina em sexto lugar no quadro de medalhas, com 18 de ouro, 27 de prata e 37 de bronze.

Popó jamais passara tanto tempo longe de casa. Com a sensação de dever cumprido com a campanha histórica, Acelino desembarcou em Salvador ante um inédito assédio da imprensa. Entrevista na televisão era algo impensável para o tímido e não mais anônimo boxeador. Popó não tinha noção de que seu nome havia alcançado todo o território nacional, em um país que não investia em boxe. Apareceu em todos os jornais, em todos os canais de TV, em todas as emissoras de rádio. Uma semana depois, a mídia o esqueceu.

No desembarque da viagem a Mar del Plata, Armando presenteou Popó com setecentos reais. Acelino usou o dinheiro para reformar o casebre em que vivia com quatro irmãos e os pais – Luís Cláudio já havia se mudado de lá após se casar com Sandra Paixão Freitas, sua mulher até hoje, com quem tem seis filhos. Popó trocou o piso de barro por um de cimento e instalou um banheiro do lado de fora. Zuleica não cabia de emoção.

O retorno para casa sempre tinha dois lados. Significava que Acelino estava de volta ao cotidiano difícil, mas denotava também que, depois de dias e dias de sacrifício e fome para bater o peso e lutar na categoria desejada, Popó estaria livre para o reencontro com seu prato favorito: a famosa feijoada de Zuleica. Meio quilo de feijão no caldeirão, um punhado de carne salgada. Deleite geral. Houve tempo em que o prato deveria alimentá-los por vários dias. Para Acelino, o que valerá para sempre é o tempero único e inconfundível de Zuleica.

round 3

O amador se tornou profissional

Vice-campeão pan-americano, Acelino Freitas passou a ser cogitado para representar o Brasil nas Olimpíadas de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996. A oportunidade de disputar uma medalha olímpica não o seduziu. O amadorismo pagava mal e tolhia o talento do soteropolitano. Decidiu, então, fazer outro caminho. Uma escolha que, assim como outras, mudaria o rumo de sua vida. Aos 19 anos, em 1995, Popó abraçava o boxe profissional.

Sob as rédeas de Luiz Dórea, seu treinador na Champion, tratou de se adaptar ao novo contexto. Antes, as lutas tinham no máximo quatro rounds de dois minutos. Popó precisaria se habituar a duelos que podiam chegar a dez ou 12 assaltos de três minutos. O protetor de cabeça seria peça descartada. A contagem dos pontos também passaria a ser diferente. Em resumo, era necessário reaprender o mesmo esporte para poder vingar e ir além.

A transição para o boxe profissional não assustou Popó. Pelo contrário. A carreira amadorística oscilante, embora vitoriosa, de 81 lutas e apenas quatro derrotas, com cinco títulos baianos, três do Norte-Nordeste, um paulista, um nacional e um de vice-campeão pan-americano daria lugar a uma nova estrada cujo céu seria o limite. Acelino tinha a convicção de que, enfrentando adversários sem capacete e com mais rounds pela frente, derrubaria qualquer um.

A rotina não mudou muito: treinamentos em dois turnos e limites na alimentação. A maior mudança seria a diminuição do número de lutas por ano – de vinte para cinco ou seis no máximo. Os combates seriam mais longos, mas menos frequentes. Acelino dizia adeus aos torneios amadores, aos contratos com clubes e às disputas olímpicas para somar vitórias e fazer parte do ranking das principais organizações de boxe do planeta.

A estreia como profissional estava marcada para o dia 14 de julho de 1995, no ginásio do Balbininho, em Salvador. Popó foi escalado para fazer o confronto preliminar do *card* que tinha na luta principal o também baiano Reginaldo Holyfield, supermédio e principal boxeador do estado na época, contra o pernambucano Luciano Todo-Duro, uma das maiores rivalidades do boxe regional. Já o oponente de Acelino era Adriano José Soares. Chegava a hora de pôr em prática o trabalho de recondicionamento, de estar pronto para um duelo que se arrastasse por mais tempo, de assimilar golpes na cabeça agora desprotegida. Quando as luvas se tocassem, todas as dúvidas seriam respondidas.

A expectativa durou somente 34 segundos, o tempo de que Popó precisou para, ainda no primeiro round, nocautear Soares. Uma estreia arrasadora, que não deu brechas para ceticismo: esse meio minuto bastou para deixar claro que Popó (1-0-0), com as regras do boxe profissional, era muito mais avassalador.

A vitória rendeu apenas quatrocentos reais de bolsa a Acelino Freitas e,

exatamente um mês depois, em 14 de agosto de 1995, de novo no Balbininho, ele voltava ao ringue para sua segunda luta. Precisava comer e dar de comer. Precisava alimentar o sonho e a família. Do outro lado do tablado estava Valdevino Monteiro, atleta experiente que alardeava um cartel de 18 vitórias. Prometia ser uma pedra no sapato de Acelino Freitas. O baiano não tomou conhecimento do oponente e liquidou o duelo em apenas 23 segundos. Seria o nocaute mais rápido da carreira de Acelino (2-0-0).

A terceira luta trouxe o terceiro nocaute: a vítima da vez foi Manoel Oliveira da Cruz, em combate realizado também na capital baiana, em 18 de setembro de 1995, três dias antes de Popó (3-0-0) completar vinte anos. A diferença é que, dessa vez, a vitória esperou o segundo round para chegar. O duelo posterior foi contra Marco de Lima e novamente não chegou ao fim. O adversário, castigado nos dois primeiros assaltos, não voltou para o terceiro. Desistiu. O árbitro ergueu a mão do baiano (4-0-0) por nocaute técnico.

Acelino Popó Freitas, até então, havia enfrentado somente pugilistas brasileiros e, na maioria, sem expressão no cenário internacional. Não importava. Fazia parte da escalada no esporte. Era o início de sua jornada e, nocaute após nocaute, seu nome ganhava relevo. Alguns de seus duelos começaram a ser exibidos na TV Bandeirantes, mas, como ainda não se tratavam da luta principal, não atraíam muita atenção.

A primeira luta contra um estrangeiro foi a quinta de seu cartel. Acelino recebeu em Salvador, em 2 de abril de 1996, o boxeador paraguaio Ralph Riveros. O estrangeiro viajou quase 2,5 mil quilômetros entre Assunção e a capital baiana para tombar em apenas dois rounds. Popó (5-0-0) já passava a ficar conhecido no mundo do boxe como “mão de pedra”, pela forma que finalizava seus combates. Não havia luta sem vitória. Não havia vitória sem nocaute.

Nesse mesmo dia, o confronto principal teve como grande estrela o conterrâneo Reginaldo Holyfield, que perdeu para Maurício Amaral, por nocaute técnico, no nono round, o título do Mundo Hispano do CMB, na categoria dos supermédios. Era a primeira derrota de Holyfield em 18 duelos. O cenário começava a se modificar. O protagonismo do boxe baiano, aos poucos, passava às mãos de Popó.

O cartel indefectível e a sequência de nocautes deram a Acelino a oportunidade de disputar seu primeiro cinturão logo em sua sexta participação como profissional. Estava em jogo o título do Mundo Hispano do CMB, em um duelo oferecido pela organização à equipe do baiano graças a uma ascensão que impressionava. A luta foi realizada em 16 de agosto de 1996, no ginásio Antônio Balbino, em Salvador, contra o cearense Gutemberg Ferreira, pugilista que tinha

um cartel de quatro vitórias e somente uma derrota. No duelo anterior da noite, Luís Cláudio havia atropelado Zacarias Figueiredo no primeiro round. Um incentivo a mais para o irmão mais novo. Faltava uma vitória de Popó para que a felicidade dos Freitas ficasse completa. E ela não tardou a acontecer, pois Acelino castigou Gutemberg o quanto pôde no primeiro assalto e viu o adversário refugar no *corner*, antes mesmo de voltar para o segundo round.

Popó (6-0-0) sagrava-se ali, aos vinte anos de idade e com mais um nocaute técnico creditado em sua conta, campeão dos pesos-leves (61,235 quilos) do Mundo Hispano pelo CMB, uma das quatro principais organizações reconhecidas pelo International Boxing Hall of Fame (IBHOF). Erguia o mesmo cinturão que, quando menino, viu pela TV e prometeu que conquistaria. Jura cumprida. O Balbininho, lotado de gente, explodia e gritava o nome do filho de Zuleica e Babinha. Acelino era carregado pela multidão. A noite era dele. A Bahia era dele. O futuro era dele.

Passado o êxtase do título, o baiano se via uma vez mais em uma realidade que teimava em não mudar. O campeão, cinturão atado ao corpo, saiu do ginásio para o seu barraco na Baixa de Quintas. O triunfo não rendeu nada além de uma bolsa de quinhentos reais. Apesar de estar habituado com quase nada, a demora em mudar de vida frustrava. O boxeador se perguntava, em silêncio, entre um treino e outro, ou ainda antes de dormir, quando teria condições de tirar sua mãe daquele lugar, como prometera quando criança. Nunca deixou de acreditar.

Acelino foi desafiado para fazer sua primeira defesa somente um mês depois do título, contra um pugilista muito mais experiente. A oferta era de 6 mil dólares, o equivalente, na época, a quase 20 mil reais, valor que esbugalhou os olhos do baiano. O pugilista ficou na vontade de aceitar. Seu treinador recusou a luta. Luiz Dórea acreditava que seria prejudicial para sua carreira pôr o cinturão em jogo sem tempo hábil para recuperação desde a última luta. Por precipitação, uma história que começava bem, muito bem, poderia mudar de rumo.

Acelino questionou-o, disse que precisava do dinheiro. Assegurou que venceria por nocaute. Não entendia de planejamento, queria apenas lutar. Dórea respondeu que, às vezes, era preciso dar um passo atrás para poder dar dois para a frente. O técnico tirou duzentos reais do bolso, mandou Acelino comprar uma roupa para o final de ano e ordenou que se aquietasse.

A decisão do técnico era soberana. Luiz Dórea sabia o que estava fazendo, mesmo que o preço a pagar pela recusa fosse caro. A rejeição resultou em penalidade: dois meses depois o título de Acelino foi cassado pelo CMB. Pouco importava. A trajetória seguia incólume.

A sétima luta demorou quase seis meses para ocorrer, mas teve a duração de apenas quatro rounds. Popó recebeu Hamilton Cerqueira, em Salvador, no dia 10

de fevereiro de 1997, e o fez beijar a lona. Nessa época Ed Dias Matos, que trabalhava com Dórea como preparador físico, fez chegar até os ouvidos do atacante Bebeto o nome de Acelino. Tetracampeão mundial com a Seleção Brasileira de Futebol, em 1994, Bebeto havia retornado para jogar no Vitória, clube que o formou, após passagens vitoriosas por Flamengo, Vasco da Gama e Deportivo La Coruña. O jogador foi até a Baixa de Quintas descobrir quem era o garoto que estava assombrando a Bahia. Em um ringue improvisado na rua, Popó e Luís Cláudio fizeram uma breve exibição para o seu espectador mais famoso. Religioso, o ex-artilheiro recorda que, na hora, Deus tocou seu coração. Falou, naquele dia, que Popó seria campeão mundial.

A estrela do futebol passou a falar sobre o lutador em entrevistas à imprensa e resolveu patrocinar um evento de boxe no Clube Bahiano de Tênis, em 18 de março de 1997, para promover aquela promessa do esporte local. Acelino (7-0-0) encarou Antônio Maria do Nascimento e não tomou conhecimento do adversário. Bebeto viu, das arquibancadas, Popó aplicar um nocaute tão letal quanto um gol de voleio do atacante, o que rendeu ao pugilista uma bolsa de quinhentos reais. Ao final da luta, Bebeto ganhou a luva usada por Popó contra Antônio Maria.

Foi por intermédio do então jogador que o boxeador conheceu um dos donos da Oficina de Ideias, empresa que, a partir dali, passou a agenciar a sua carreira. O carinho de Bebeto por Acelino tinha uma explicação fraternal. Nilton Gama, irmão do ex-jogador, amava o boxe e foi ao lado dele que Bebeto passou a se interessar pelo esporte. Nilton faleceu em 1984, em um acidente de avião. Bebeto afirma que, quando viu Popó boxear pela primeira vez, era como se estivesse vendo Nilton. Uma década e meia depois Acelino relembrou, em sessão solene na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, aquele evento no Clube Bahiano de Tênis. Foi o primeiro encontro entre eles desde o dia da luta. Bebeto, sempre muito emotivo, não escondeu as lágrimas diante dos outros deputados estaduais.

Popó (8-0-0) tinha 21 anos, oito lutas como profissional, nenhuma derrota, um cinturão. Acelino ainda não tinha casa própria, carro ou mesmo um quarto só para ele – o que recebia era dado a Zuleica e uma parte ajudava no sustento de Rafael. A vida já tinha melhorado, é verdade, mas ainda era um esportista que vivia em dois mundos opostos: o do sonho e o da realidade.

Popó estava namorando Grazielle Gutierrez. Em 21 de março de 1997 nasceu Igor Freitas. A responsabilidade do pai havia dobrado. O terceiro, Iago, chegaria em 2 de novembro de 1998, também fruto do relacionamento com Grazielle, que

durou quatro anos. Igor e Iago moravam com a mãe em Barbalho, bairro vizinho à Baixa de Quintas, mas estavam sempre na companhia do pai e de Rafael, o primogênito.

Acelino passou a ficar bem preocupado, pois as bolsas não davam conta de tantas bocas. Joarlindo Oliveira, avô de Grazielle, auxiliava na criação de Igor e Iago. Como acontecia com Rafael, na hora do aperto todo mundo ajudava.

Uma nova disputa de cinturão levou Popó a seguir mudando o curso da sua história. Uma chance a mais para o sonho transformar a realidade. A luta contra o colombiano Arcelio Díaz valia o título latino dos pesos-leves pela Federação Internacional de Boxe (FIB). O duelo estava marcado para o dia 22 de abril de 1997 e teria um componente especial: seria realizado no Planeta Show, uma casa de festas na capital baiana. Acelino já não era mais atração secundária, estrelava como carro-chefe da noite. O adversário era experiente, tinha 31 anos e 45 duelos no cartel, com 32 vitórias. O brasileiro, porém, não decepcionou. Um round bastou para escrever os detalhes de mais uma conquista. Arcelio Díaz foi ao chão, Acelino Popó foi ao céu. O enredo, outra vez, tinha desfecho previsível.

Menos de um mês depois, Popó (9-0-0) foi convidado para disputar um torneio que começaria a catapultá-lo à condição de estrela mundial. Ele estava escalado, ao lado do irmão Luís Cláudio, para lutar no Boxcino, torneio de boxe que envolvia lutadores de oito países em quatro categorias. Pela primeira vez como profissional, Acelino saía de Salvador para se aventurar fora do Brasil, sempre sob a liderança de Luiz Dórea.

O início de sua carreira internacional tinha tudo para começar com derrota. Popó foi casado para enfrentar na estreia ninguém menos que o norte-americano Johnny Montantes, considerado o favorito ao título dos pesos-leves na competição e com um respeitável cartel de 28 vitórias e duas derrotas. O duelo se deu em 10 de maio de 1997, em San José, capital da Costa Rica.

O combate foi cercado de polêmicas. O sorteio dos confrontos foi executado sem a presença da equipe de Acelino, prática ilegal que chateou os brasileiros. Não bastasse isso, Montantes teve problemas com a balança e a organização queria barrar a presença de um representante do time de Popó para verificar o peso do adversário. Dórea lembra que queriam que ele fosse avalizado mesmo acima do peso. O mundo do boxe e suas tramas. Houve discussão e Montantes precisou fazer sauna para atingir o limite.

O favoritismo do norte-americano, entretanto, não resistiu ao peso da mão de Popó. Foi dentro do ringue que a “zebra” baiana mudou os prognósticos e descontou a injustiça que ocorrera nos bastidores. Já no primeiro round o

brasileiro aplicou três *knockdowns* no rival, o que obrigou o árbitro Vic Drakulich a encerrar a disputa por nocaute técnico aos 2 minutos e 39 segundos. O triunfo avassalador e improvável do desconhecido Popó (10-0-0) contra o pugilista dos Estados Unidos foi transmitido ao vivo pela ESPN Internacional. O mundo inteiro acompanhava, estupefato, o estrago que Acelino fizera em um oponente de peso. Nas palavras de Dórea, foi um divisor de águas. A partir daquele dia passaram a ver Popó com outros olhos.

O espanto contagiou o norte-americano Arthur Pelullo, da Banner Promotion, empresa promotora do evento. O empresário estava em busca de pugilistas promissores nos quais pudesse apostar. Popó era tudo que ele procurava: mãos rápidas, poder de nocaute, bem afeiçoado e carismático. Pelullo vislumbrou no baiano uma estrela mundial.

A segunda luta de Acelino no torneio Boxcino foi realizada no dia 27 de junho de 1997, no Mahi Shrine Auditorium, em Miami, nos Estados Unidos. O duelo valia a vaga na decisão e era contra o panamenho Hilario Guzmán, que ostentava 15 vitórias, 11 derrotas e dois empates na carreira, mas vinha em uma sequência de seis triunfos consecutivos. O confronto, previsto para dez rounds, se arrastou por oito. Quando o relógio marcou 1 minuto e 57 segundos do antepenúltimo round, Guzmán estatelou-se com um direto de direita. Não se levantou mais. Acelino estava na decisão.

O espanto de Pelullo se transformou em admiração. O norte-americano ficou encantado com o poder de nocaute de Acelino (11-0-0). E Popó ficou encantado com o estrelato. Passou a ser aclamado pelo público dos Estados Unidos, ficou conhecido, deu entrevistas, hospedou-se em bons hotéis, foi convidado para festas em que se comia e se bebia do melhor, mulheres que ele nem imaginava existir. Deparava-se com outra vida, um universo bem distinto do que estava acostumado na Baixa de Quintas. Chegou a ser comparado por comentaristas locais com seu ídolo do passado, Sugar Ray Leonard. Acelino vivia um conto de fadas. Dan Rafael, escritor de boxe e comentarista da ESPN Internacional, maravilhou-se com o brasileiro a ponto de colocar em seu gato o nome de Popó.

O rival da decisão do Boxcino, realizada em 2 de setembro de 1997, era o porto-riquenho Edwin Vázquez, boxeador com 16 vitórias e quatro derrotas. O palco da finalíssima seria o famoso e luxuoso Belle Casino & Hotel, na Louisiana, também nos Estados Unidos. Acelino estava apenas a um triunfo da consagração internacional. Luís Cláudio havia vencido o título da categoria peso-pena contra o mexicano Moisés Cerrillos, por decisão unânime, na luta anterior do evento. Uma pressão a mais, um combustível a mais.

Popó partiu para cima de Vázquez, mas viu o duelo se arrastar. O trator brasileiro tardou, mas não falhou. No sétimo round veio o nocaute. Mais um. O

final feliz soberano na carreira do nordestino. O juiz John Femia ergueu o braço de Acelino (12-0-0). O cinturão do Boxcino mora até hoje na sala de troféus de sua casa. Para as câmeras, o brasileiro gritou: “Ah, eu tô maluco!”. A frase era febre no Brasil daquele tempo, ecoada dos programas de auditório aos jogos de futebol. Popó voltou ao seu país como sétimo colocado no ranking da Associação Mundial de Boxe (AMB) e 15o no CMB, cada vez mais perto de uma disputa pelo título mundial. A estrada, que começou no terreno de areia batida perto do casebre que ainda era o seu lar, estava perto da esperada redenção.

A conquista rendeu um contrato de três lutas com a ESPN e bolsa individual de 10 mil dólares, mas Acelino, mal orientado na carreira, ficava com uma parte pequena do dinheiro, cerca de 25%. Era uma porcentagem até três vezes menor que a recebida por outros boxeadores. No boxe, em geral, as bolsas são provenientes dos contratos com as emissoras de TV.

O desajuste era fruto de um contrato que Popó assinara – sem ler – com a Oficina de Ideias, empresa que o agenciava. Passava longe da cabeça do pugilista alguma suspeita de estar sendo ludibriado e ganhar menos do que deveria. A única preocupação que tinha era lutar. O acordo acabava sendo um dos entraves ao anseio de Acelino de mudar de vida. Luís Cláudio, vez ou outra, sugeria que havia alguma coisa errada. Popó fazia ouvido de mercador, desconversava. Recusava-se a acreditar em qualquer desvantagem contratual.

No retorno a Salvador, os Freitas Brothers, campeões do Boxcino, ganharam status de *popstars*. Subiram ao palco no show da banda Eva e foram apresentados ao público pela cantora Ivete Sangalo, que disse que dali sairia o próximo campeão do mundo. Popó, microfone e coração na boca, com uma timidez indisfarçável, agradeceu os aplausos e convidou a multidão a assistir a sua próxima luta, que seria realizada no Balbininho. A disputa contra o argentino Gustavo Rodolfo Sayaavedra, em 19 de novembro de 1997, durou apenas um round.

No mesmo mês ele visitou a casa do conterrâneo Jorge Amado, um dos mais célebres e traduzidos escritores brasileiros da história, ídolo do pugilista que mal sabia ler. Amado, que morreria quatro anos depois, lembrou na ocasião que um de seus livros, *Jubiabá*, começava com uma luta de boxe. Zélia Gattai, casada com o romancista, confidenciou, em outra entrevista, as palavras pronunciadas por Jorge Amado quando Popó foi embora: “Esse menino vai ser campeão mundial”.

O 14o duelo da carreira de Popó (13-0-0) foi mais uma vez em Salvador, em 29 de maio de 1998, e valia o título de campeão brasileiro dos pesos-leves. Estavam previstos 12 rounds, mas o 14o nocaute de Acelino se deu de forma

relâmpago e aposentou o rival, o paulista Rildo José Oliveira, ainda no primeiro round.

Cada vez mais conhecido nos Estados Unidos, Popó (14-0-0) lutou pouco mais de uma semana depois do título nacional. Encarou o mexicano Rafael Olvera-Cordero, natural de Ciudad Juárez, cidade dominada pelo narcotráfico. O combate aconteceu na Arrowhead Pond, na Califórnia, em 8 de junho. Na marca de 1 minuto e 58 segundos do terceiro assalto, o árbitro Lou Filippo encerrou o duelo, dando a vitória, por nocaute técnico, a Acelino Freitas (15-0-0). Outra vez o público norte-americano se deleitava com uma apresentação do brasileiro.

A disputa seguinte foi contra o inexpressivo Juan Gutiérrez, que tinha um cartel de cinco lutas e cinco derrotas. Nenhum resultado positivo para contar história. Popó reclamou e os empresários logo trataram de minimizar a insatisfação do pugilista. Sustentaram que o duelo ajudaria a posição no ranking e renderia bom dinheiro – dinheiro que era diluído no meio do caminho e chegava pulverizado no bolso de Acelino. Com a carreira internacional decolando, a vida de sua família ainda não estava de acordo com o status que havia atingido. Popó se encontrou com Gutiérrez no Auditório del Estado, na Baixa Califórnia, pelo tempo de um round.

A luta seguinte de Acelino Freitas (16-0-0) seria nacional. Pela primeira e única vez na vida, o incentivador e amigo Armando Fernandes Leite resolveu promover uma luta. O evento custou em torno de 6 mil reais e ele estava certo de que teria o retorno esperado. Armando organizou o confronto em São Paulo, capital econômica do país, para apresentar Popó à imprensa e consolidar seu nome no Brasil. O duelo colocaria em jogo o título brasileiro dos pesos-leves contra o experiente pernambucano Francisco Tomas da Cruz, então com 37 anos de idade, 48 vitórias e 17 derrotas, dono de um currículo que também incluía a derrota para o mexicano Júlio César Chávez. Era um adversário de nome, escolhido a dedo.

Na tentativa de recuperar o investimento, Armando confeccionou cartões de prata para vender, por cem reais cada um, a cem convidados vips. O convite diferenciado daria direito a uma camiseta personalizada e uma fotografia ao lado de Popó. O comerciante fez dez telefonemas iniciais oferecendo o camarote. Recebeu apenas “não” como resposta. Não conseguiu comercializar um cartão de prata sequer. Procurou então negociar os direitos de transmissão. Ninguém se interessou. Buscou, por fim, lotear o ringue. Não houve um mísero comprador. O jeito foi encher o espaço com publicidade de sua loja, a Monumento Sports, e chamar todas as emissoras de TV para acompanhar Acelino de perto.

O combate no ginásio municipal de Campo Limpo Paulista, em 15 de setembro de 1998, demorou somente dois assaltos. Popó (17-0-0) renovava o

troféu sem maiores dificuldades. Embora tenha tido prejuízo com o evento, o comerciante, que nutria por Popó amor de pai, sentiu-se pleno, realizado com a vitória. Pôde, uma vez mais, auxiliar o guerreiro que conheceu menino.

O retorno daquela luta veio em publicidade. Acelino estava nas manchetes e seu rosto se tornava cada vez mais popular. Seu nome era sinônimo de vitória. Na semana seguinte, ele e Armando foram até a Galeria Pagé, tradicional centro de compras em São Paulo, para adquirir bonés que seu pai, Babinha, revendia em Salvador – um conselho do amigo paulistano para complementar a renda da família. Popó não tinha noção de sua fama crescente. O local foi tomado por uma multidão em busca de fotos e autógrafos. Era o doce sabor do reconhecimento.

Depois disso, Acelino assinou contrato com Arthur Pelullo para fazer duas lutas na cidade de Tijuana, no México. Essa seria a sequência de sua carreira internacional. No entanto, um empresário mexicano ligado à Oficina de Ideias convenceu o pugilista a firmar outros acordos de luta sem o consentimento de Pelullo, o que gerou um problema de duplicidade de contrato. Popó nem de longe desconfiava de alguma irregularidade. Dentro do ringue não havia nenhum problema.

O primeiro confronto em Tijuana foi contra o anfitrião José Luis Montes, no Teatro Mutualista, em 16 de outubro de 1998. O mexicano tinha um cartel de 29 vitórias e quatro derrotas. O combate ficou na história como a primeira transmissão de uma luta principal de Acelino em televisão aberta. Luciano do Valle narraria o duelo para todo o Brasil pela Bandeirantes. Popó tinha duas razões mais que especiais para não decepcionar: a primeira delas, porque a luta valia o cinturão intercontinental (Nabo) da Organização Mundial de Boxe (OMB), na categoria dos superpenas (até 58,967 quilos); a segunda, por ser a estreia televisiva do ídolo baiano em âmbito nacional. O apaixonado por boxe tinha finalmente a oportunidade de conferir, ao vivo, quem era o baiano franzino de origem humilde que colecionava oponentes e não perdia para ninguém. A família Freitas reuniu parentes, vizinhos e amigos para torcer por Popó. A Baixa de Quintas vibrava.

Acelino Freitas entrou no ringue com um roupão azul que exibia um inédito patrocínio da companhia aérea TAM, conseguido por intermédio de Luciano do Valle, a quem Popó reputa como um de seus maiores incentivadores.

O anúncio dos lutadores mostrou que a torcida era toda contra o brasileiro, os locutores mexicanos riram ao anunciar o nome de Acelino, mas o gongo inicial logo permitiu uma boa resposta. Popó dominou o centro do ringue e com menos de dez segundos acertou um golpe de esquerda que fez Montes sentir o peso da sua mão. A menor envergadura foi logo minimizada por um jogo que dosava

agressividade e esquivada. Acelino não permitiu sequer um contragolpe. Enlaçado sobre as cordas, Montes tombou a vinte segundos do final do primeiro round, após um direto de direita atingir a sua mandíbula. Fim da luta, início da festa. Luiz Dórea ergueu o campeão. Reginaldo Holyfield, presente no *corner*, abraçou o conterrâneo. As palavras de um comentarista local resumiram o baiano: “É um autêntico touro, uma máquina de tirar golpes da cartola”. O mexicano, deslumbrado, acrescentou que Popó era carismático e dono de um estilo de luta atrativo. Pela televisão, o povo brasileiro conhecia o jovem que, aos poucos, sedimentava o posto de ídolo nacional. Muito prazer, Acelino.

Popó (18-0-0) mal pôde comemorar o título. Foi intimado a depor na corte de Las Vegas, nos Estados Unidos, sem sequer saber do que se tratava. Pelullo citou Acelino em uma ação judicial pelo boicote de que alegava ser vítima. Queria, na verdade, ficar frente a frente com ele e lhe revelar o que se passava, já que a dificuldade em falar português complicava a relação. No curso do processo, o norte-americano conseguiu uma ordem de restrição temporária (TRO, pela sigla em inglês), que impedia o brasileiro de lutar nos Estados Unidos enquanto a querela não fosse resolvida. Popó foi acompanhado por um dos empresários da Oficina de Ideias, que não lhe explicava qual era o problema.

Ao chegar ao edifício da Justiça, Acelino foi algemado por um policial local e fechado em uma sala. Pálido, suando frio, com a voz trêmula, Popó foi levado para uma audiência, na presença de uma intérprete. A mulher passou a traduzir ao brasileiro as perguntas feitas pelo juiz. Nenhuma linha a mais. O magistrado perguntou se o atleta havia assinado contratos com duas empresas e o réu acenou positivamente. A verdade, nada mais que a verdade, deixou o baiano em maus lençóis. Indiferente ao nervosismo e à apreensão de Popó, o juiz explicou que o procedimento era ilegal e ordenou que ele fosse encaminhado a uma cadeia. Estipulou uma fiança de 10 mil dólares. O desespero tomou conta do campeão.

O advogado de Arthur Pelullo logo apareceu e mandou soltá-lo, dizendo que o esportista não era culpado por aquela situação. O juiz, de acordo com Pelullo, também percebeu que Acelino não entendia a gravidade de violar a ordem de não lutar e que ele estava sendo enganado.

Popó voltou ao Brasil ainda sem compreender o que de fato havia acontecido e acabou persuadido pela equipe da Oficina de Ideias a acreditar que o culpado por tudo era o norte-americano. Pelullo conta que o boxeador era visto por seus empresários como uma mina de ouro. Embora o nível de vida de Popó e de sua família tivesse mudado, e apesar dos alertas de Luís Cláudio sobre haver desvantagem contratual, Acelino não se dava conta de que ele também deveria lutar para ter uma parte maior desse ouro. Seu mundo se resumia ao ringue.

Já refeito, Acelino Freitas foi escalado para enfrentar o britânico Peter

Buckley, lutador com 92 derrotas na carreira (nas contas do BoxRec), em sua primeira luta na Europa, em 19 de dezembro de 1998. O combate no Everton Park Sports Centre, em Liverpool, foi encerrado aos três minutos do terceiro round, com mais um nocaute.

O duelo posterior valia a defesa do título intercontinental da OMB. Seria a segunda luta em Tijuana, e Popó (19-0-0) encararia o mexicano Juan Ángel Macias. A disputa tinha dois componentes especiais. Acelino Freitas entrou no ringue sabendo que uma vitória o deixaria como desafiante número 1 ao título mundial da organização. Além disso, pela primeira vez um confronto de Popó seria transmitido pela Rede Globo, a maior emissora do país, com narração de Cléber Machado. Popó demorou oito rounds para nocautear o adversário. O Brasil esperou oito rounds para explodir. Juntos, ele no ringue e a torcida em casa, extravasaram toda a emoção.

O resultado positivo levou Acelino (20-0-0) à história. O soteropolitano superava ninguém menos que o norte-americano Mike Tyson, uma das maiores lendas do boxe de todos os tempos, que no início de sua carreira contabilizou 19 nocautes seguidos. Popó ostentava vinte nocautes, dos quais 13 no primeiro round.

De volta para casa, curtia uma festa com parentes e amigos na Baixa de Quintas quando viu um rapaz desconhecido xavecando sua irmã Jaqueline, na época com 14 anos. Ciumento, Acelino correu, pegou na mão da irmã, deu nela um selinho e perguntou quem era que estava dando em cima dela. Pálido de medo, o paquera de Jaqueline saiu em disparada.

Como a vida já lhe permitia ter dinheiro no bolso, Popó recompensaria a irmã pelo vexame três anos mais tarde. Jaqueline completava um mês de namoro e não tinha dinheiro para presentear o namorado. Acelino questionou se ela queria 150 reais para ir a um motel. Reticente, Jaqueline não respondeu e telefonou para todas as amigas para perguntar o que achavam da atitude dele. A dúvida era saber se a oferta de Popó havia sido sincera ou se ele só queria saber se a irmã ainda era virgem para lhe passar um sermão. Jaqueline arriscou a sorte, disse que queria o dinheiro e, enquanto esperava uma bronca, ganhou um afago. Ainda pegou emprestado o Uno Mille prateado, ano 1994, que o irmão havia comprado e fez tudo sem Zuleica desconfiar. Quando soube, a mãe ficou furiosa e proibiu o namorado da filha de pisar em sua casa por um mês.

round 4

O mundo cabe em um cinturão

A vida e a carreira de Acelino Freitas podem ser divididas em antes e depois da luta contra o russo Anatoly Alexandrov. O duelo que valia o título mundial dos superpenas da OMB significava também a redenção ansiada por longos anos. Era um passaporte sem volta para a consagração. Ele sabia que um triunfo contra Alexandrov não seria somente mais uma vitória e tinha a noção exata do valor daquele combate contra o experiente campeão russo, europeu e mundial.

Popó contava mais de dez anos de boxe, vinte lutas como profissional, vinte vitórias, vinte nocautes e três filhos. Aos 23 anos, estava cansado de morar nos dez metros quadrados em que nasceu e cresceu. O lugar tinha sido reformado, nem de longe lembrava o casebre precário de antes, já contava com um banheiro anexo, televisão, uma estrutura mais resistente, mas continuava sendo nada mais que um barraco, incômodo e apertado, pelo qual pagavam cinquenta reais mensais de aluguel. Acelino achou que era hora e tomou a decisão de cumprir a promessa que fizera a Zuleica ainda criança: comprou fiado uma casa para dar de presente à mãe antes mesmo do confronto com Alexandrov e da bolsa resultante de uma eventual vitória.

Negociou a aquisição do imóvel por 19 mil reais, deu uma entrada de 5 mil reais, doação feita pelo amigo de todas as horas Armando Fernandes Leite, e assegurou que pagaria o restante quando (ou se) recebesse o dinheiro proveniente do título da OMB. A proprietária perguntou que certeza ele dava a ela. Ele respondeu que não podia dar nenhuma.

No mês anterior à luta, depois de um treino na Champion, Popó chegou em casa, chamou a mãe e lhe entregou um chaveiro. Zuleica ficou alguns segundos sem entender o que significava aquele gesto até que viu lágrimas nos olhos do filho. E entendeu.

Ela então se viu diante do menino Popó, que um dia prometera que a tiraria dali. Zuleica foi desde sempre quem mais sofreu com a profissão escolhida pelo caçula dos filhos homens. Desejava que o garoto não enveredasse pelo boxe, não aguentava vê-lo se sacrificar para perder peso, nem queria imaginá-lo trocando golpes no ringue. A aflição era tanta que ela jamais conseguiu assistir a uma luta de Acelino. Rezava distante, sozinha, e só depois se informava sobre o resultado.

A mudança para a casa situada na Cidade Nova, comunidade vizinha, custou dez reais e transcorreu em clima de festa. Vizinha à Champion, a moradia tinha lá seus problemas, mas permitia à família Freitas gozar de um novo padrão de vida. O novo lar tinha três quartos, cozinha, banheiro, sala de estar, sala de jantar, terraço e quintal. Ficava perto de um ponto de ônibus, havia à volta padaria, supermercado, açougue e ainda um armazém de materiais de construção. Na verdade, nada faltava ali, exceto o pagamento.

O confronto com o boxeador russo, detentor do cinturão dos superpenas da

OMB e sensação do momento, foi marcado para o dia 7 de agosto de 1999, no imponente teatro La Palestre, na cidade de Le Cannet, perto de Cannes, no Sul da França. A escolha do lugar não se deu de forma aleatória. A mulher de Anatoly Alexandrov era francesa e, por isso, o lutador gozava de prestígio no país. O humilde baiano Acelino Freitas despontava como mero coadjuvante de uma festa armada para o europeu brilhar.

Popó havia treinado forte na Champion, ainda a mesma academia improvisada nos fundos da casa de Dórea, em uma preparação que durou ao todo quatro meses. Desembarcara na França faltando apenas uma semana para o combate. Precisava, naquele curto intervalo de tempo, ainda atingir os 58,967 quilos, o peso necessário para estar apto à disputa dos superpenas. Uma parte dos 75 quilos habituais já havia sido perdida, com bastante desgaste, ao longo dos treinamentos no Brasil. A equipe do baiano era composta por Dórea, seu técnico; Jaílson dos Santos, seu amigo e *sparring* principal; o irmão Luís Cláudio, que também ajudava como *sparring*; e Armando, que viajou por conta própria para acompanhá-lo.

Todos, sobretudo Acelino, se indignaram com a promoção desigual da luta. Popó ficou hospedado em um hotel modesto, enquanto o campeão estava em um estabelecimento cinco estrelas, cercado de pompa e regalias. Parecia uma luta do tudo contra o nada. Nascido no Cazaquistão e radicado na Rússia, os holofotes eram todos para Alexandrov, esguio, cabelos loiros, traços finos. Alguns pôsteres espalhados por Le Cannet anunciando a batalha entre os gladiadores exibiam somente a foto de Anatoly Alexandrov. Acelino Freitas era o adversário sem rosto. Entre si, os brasileiros brincavam que, diante daquele circo armado, eles pareciam “os quatro bobos” (Luís Cláudio, Jaílson, Dórea e Armando) e “o otário” (Popó). Havia sede de justiça por detrás da piada interna. Não era possível levar tudo com bom humor e ignorar a diferença de tratamento. E Acelino a guardou consigo para utilizá-la mais tarde.

A concentração do baiano sempre fora um de seus maiores diferenciais. Popó se preocupava em subir ao ringue 100% preparado. O treinamento de Acelino incluía corridas pela orla de Le Cannet. A certa altura, o desgaste para perder peso se tornava quase insuportável. Nessa hora o time que o acompanhava entrava em ação. Popó não estava sozinho.

Luís Cláudio – ídolo e irmão, homem que ajudava a guiar os passos de Acelino e cuidava dele como se ainda fosse o menino que andava descalço nas ruas da Baixa de Quintas – teve uma ideia para incitar Popó que beirou a genialidade. Ele percebeu a irritação do desafiante com o fato de os pôsteres do evento incluírem apenas imagens de Alexandrov e tirou seu coelho da cartola.

Sem que o irmão notasse, pregou uma fotografia do russo nas costas da sua

blusa e passou a correr em um ritmo mais intenso que o mantido pelo já cansado Acelino. Ao ultrapassar Popó, Luís Cláudio gritou: “Olha quem está na sua frente. Se você continuar correndo assim, como um pangaré, ele vai vencer”. Em seguida, indagou: “Vai ficar atrás dele, é?”. A provocação surtiu efeito imediato. Popó pisou no acelerador e deixou Luís Cláudio – e, de quebra, Alexandrov – para trás. Não queria perder para o atual campeão nem por brincadeira. “Deu vontade de socar as costas dele”, Popó recorda.

A pesagem oficial transcorreu sem surpresas. Acelino pesou 58,7 quilos, mais de duzentos gramas abaixo do limite da categoria. Derrubado o peso, o primeiro adversário, o baiano relaxou um pouco. Foi comer e se hidratar, para recuperar o quanto pudesse até a luta. Todos mais relaxados, Armando foi dar uma volta perto do hotel, situado na praia. No passeio descobriu que as banhistas faziam *topless*, sem nenhuma cerimônia, e foi chamar Popó. Toda a equipe correu em disparada para conferir a cena. Felizes, contemplaram a beleza feminina, sentiram a brisa do mar e retornaram ao hotel.

Chegado o aguardado dia da decisão do título mundial, Popó manteve a calma, o foco e a fé inabaláveis. Acelino Freitas estava convicto de que o seu caminho não permitia volta. Não ia deixar o sonho morrer justo diante da maior oportunidade da sua carreira.

Antes de pisar no ringue do La Palestre, em meio a uma torcida estrangeira que não o conhecia e que estava ali para torcer por seu oponente, Popó assistiu, de olhos fechados, ao mesmo filme que passava em sua mente quando viajava em um ônibus velho para disputar torneios amadores, época em que o sonho de alcançar o topo era isso mesmo, um sonho. Agora podia abrir os olhos.

Vaidoso, Acelino preparou um visual diferente para o combate: alisou o cabelo e pintou uma mecha loira, logo escurecida pelo suor. Tranquilo, o lutador vestia bermudas brancas e luvas vermelhas. Obstinado, as 4 mil vozes não o espantaram dali. Dentro do ringue seria um contra um. Venceria o melhor, o mais preparado, o mais talentoso. Nada mais importava, apenas Alexandrov. Ao rememorar esse momento, suas sobrelanceiras se franzem e o olhar enrijece.

O árbitro Mike Ortega apitou o início do duelo que poderia mudar a vida de Popó. Ali estava um campeão de 32 anos encarando um menino de 23. Após alguns segundos de estudo, Acelino Freitas deu a primeira investida, evitada por Alexandrov. Os adversários trocaram golpes infrutíferos para marcar território, observaram-se e bailaram no primeiro minuto. O marasmo logo foi sepultado por uma esquiva seguida de um direto de direita de Popó, que jogou o russo contra as cordas. Acelino tentou emendar uma sequência, mas seu rival apelou para o *clinch*. Ortega os separou e reiniciou a disputa.

A postura ofensiva e frenética não era somente orientação técnica. Fora

também conselho de Babinha, cochichado em seu ouvido antes da viagem: “Assim que bater o gongo, vá para dentro do russo. Não deixe que ele entre na luta”.

Acelino retomou o duelo encurralando o europeu. Alexandrov não teve tempo nem de respirar. Levou três socos e sofreu um *knockdown*. O juiz abriu contagem. A plateia murmurou seu espanto. O campeão dos superpenas da OMB estava sendo neutralizado por um brasileiro desconhecido. O árbitro contou até sete e autorizou o pugilista a voltar ao combate. Pior para ele. Mãos velozes e pesadas não deram nenhuma chance de reação ao detentor do cinturão. Um amálgama de golpes – entre cruzados, ganchos e diretos – culminou com um direto de direita que acertou o queixo de Anatoly Alexandrov. O favorito despencou, apagado. O relógio marcava 1 minuto e 41 segundos do primeiro round.

Popó pulava incrédulo, sua alma em festa. O nocaute mais emblemático de sua carreira era a certeza de que a nova morada dos Freitas seria quitada sem dificuldade. O grande pugilista era, antes de tudo, um bom filho. Erguido por sua equipe, e com a sensação de dever cumprido, Popó não fazia outra coisa senão chorar e agradecer a Deus. Enquanto isso, pela televisão, Galvão Bueno festejava com os brasileiros que nascia ali o mais novo ídolo do Brasil, o campeão mundial dos superpenas da OMB. Aquele era um cinturão histórico. Fazia 24 anos, desde o médio-ligeiro Miguel de Oliveira, que o Brasil não tinha um campeão mundial. Enquanto chorava de alegria, Popó nem se deu conta de que seu irmão demorara para subir ao ringue. Não era para menos. Na hora do nocaute, a felicidade foi tamanha que, em um pulo, a dentadura de Luís Cláudio caiu em meio ao público próximo ao tablado. Depois de descobri-la entre os pés de duas pessoas, dois seguranças ainda quiseram barrar a subida de Luís Cláudio ao ringue. Nada ali podia conter o irmão de um campeão, nem mesmo uma dentadura perdida.

Alexandrov ficou cinco minutos inconsciente. Atendido por médicos da organização do evento, uma cânula de Guedel foi colocada em sua boca para segurar a base da língua e evitar que ela obstruísse a respiração. Em seguida, uma máscara de oxigênio ajudou na ventilação dos pulmões. Acelino revela que não percebeu o que estava acontecendo, tamanho era o festejo. Quando se deu conta, seu frenesi se transformou em susto. Anatoly Alexandrov chegou a ser encaminhado a um hospital, mas o episódio não passou do susto. No dia seguinte, já no hotel, recebeu a visita de Acelino.

Depois que tudo se acalmou, a organização pediu o exame *antidoping* a Acelino. Desconfiado, Armando não desgrudou do campeão um só momento. Tarimbado, tinha medo de que manipulassem o teste e prejudicassem Popó, já

que tudo tinha sido preparado pensando em uma defesa de título tranquila para Alexandrov e o baiano traiu o *script* da produção do evento. O novo detentor do cinturão e sua equipe não puderam ficar no local para ver as outras lutas da noite. Sem nenhum tratamento especial, foram mandados de volta ao hotel. Como a bolsa de 50 mil dólares demoraria um pouco a chegar, além de no caminho ser dissolvida nas mãos dos seus empresários e já ter parte comprometida na compra da casa, Armando tirou os duzentos dólares que tinha na carteira e deu ao boxeador. Popó abriu o mesmo sorriso de menino dos tempos de amador ao ver as notas. O boxe ainda não havia nocauteado a preocupação com dinheiro, uma adversária resistente.

No retorno ao Brasil, um engano quase deixou os brasileiros em maus lençóis. O Aeroporto Internacional Charles de Gaulle, em Paris, foi palco de mais um episódio engraçado na vida de Popó. Desta vez ele não teve envolvimento direto. Armando – que só levava uma mochila na viagem – foi ajudar os colegas e, por engano, pegou o carrinho de bagagem errado para carregar. O empresário acabou detido. Acelino e os demais integrantes da equipe não sabiam se riam ou se ficavam preocupados. De certa maneira, o boxeador foi o responsável pela liberação de Armando. Sem falar sequer uma palavra em francês, o dono da Monumento Sports mostrou aos policiais um jornal local com a reportagem sobre a luta e uma bandeira do Brasil. Isso desfez o mal-entendido e ele foi solto.

A recepção do povo baiano ao novo campeão mundial da OMB foi um dos momentos de maior emoção da carreira de Acelino Freitas. O pugilista ainda não tinha ideia do tamanho de seu feito até sair do Aeroporto Internacional de Salvador. Popó foi recepcionado por autoridades e desfilou em um carro do Corpo de Bombeiros pelas principais ruas da capital baiana. Aquela multidão sabia seu nome e estava ali por sua causa. Parecia Carnaval. Salvador quase parou para recebê-lo.

Babinha, Zuleica e quatro filhos – Paulo, Orlando, Nilton e Jaqueline – tinham sido convidados pelo amigo Bruno Machado para assistir ao duelo decisivo no Clube Bahiano de Tênis, no bairro da Pituba. Foram, vibraram, mas não se sentiram à vontade. De origem simples, a família ficou deslocada naquele ambiente. Agora estavam em casa, e o reencontro deles com Popó misturou sorrisos e lágrimas. “Meu galinho de ouro!”, exclamou Babinha com orgulho ao abraçar o filho. O apelido, cultuado desde a infância, nunca fizera tanto sentido. Acelino era criança quando o pai repetia, em um arroubo profético, que ele era o seu galinho dos ovos de ouro. O apelido foi tatuado no braço esquerdo do boxeador.

O título lançou o pugilista em um mundo novo, com assédio da imprensa,

ofertas de patrocínio, convites para festas e mulheres. A situação econômica começava a se transformar de verdade. Acelino ganhava em torno de 15 mil reais mensais de patrocinadores – embora só ficasse com 25% dos repasses. Ainda recebia menos do que devia e do que merecia, mas a vida já não era a mesma. Trocou seu Uno Mille 1994 por um Mitsubishi Pajero azul-marinho, zero quilômetro. Três meses depois de se sagrar campeão mundial, Popó foi morar sozinho. Comprou uma casa espaçosa, com quatro quartos e piscina, avaliada em 100 mil reais, em Vilas do Atlântico, região do município de Lauro de Freitas, na Região Metropolitana de Salvador. Como o padrão de vida era mesmo outro, o novo Acelino, campeão do mundo, era visto como um super-herói influente e endinheirado. Um sociólogo deixou lá um currículo para que Popó o ajudasse. Uma mulher depositou uma carta na casa de sua família, na Cidade Nova, pedindo 1,5 mil reais para quitar as prestações atrasadas de seu condomínio. Acelino tentava lidar da melhor forma possível com esses casos.

Antes de se mudar para o novo sobrado, Acelino Freitas (21-0-0) faria sua primeira defesa de título. O campeão seria posto à prova. Um duelo para saber se o cinturão da OMB fora merecido mesmo ou se tinha sido mero golpe de sorte. O desafiante era Anthony Martínez, atleta da Nicarágua, mas que representava a Costa Rica, e emendava uma sequência de sete triunfos consecutivos. Popó trocou a frieza de Le Cannet, palco da conquista histórica, pelo calor de sua cidade natal. De desconhecido, estranho, subestimado, seria a estrela principal, o carro-chefe do evento. Não era apenas ao povo brasileiro que Popó devia aquela vitória; ele estaria em casa, perto dos seus. Na primeira fila, a família do campeão dividia agonia e esperança. Apenas Zuleica – repetindo um ritual seguido à risca – não estava lá. Luís Cláudio gritava qual um *corner*. Babinha, vestindo o melhor traje do guarda-roupa, não pronunciava uma palavra sequer. Galvão Bueno narrava, pela Rede Globo, o combate para todo o Brasil, assim como fizera na luta anterior. A nação, uma vez mais, parava para ver o ídolo que nascia. O boxe, tantos anos depois, voltava a ser paixão nacional. Um esporte individual, meia década depois da trágica morte de Ayrton Senna, voltava a ter referências: Gustavo Kuerten no tênis, Popó nos ringues.

Uma semana antes da luta, um sobressalto. Popó fazia *sparring* com o amigo Ricardo da Baga quando foi atingido no supercílio esquerdo. O golpe abriu um corte profundo. Acelino precisou tomar 11 pontos. A sutura foi realizada pelo médico Otto Alencar, vice-governador baiano nomeado em 2010. O pugilista abusou do uso de bonés e caprichou na maquiagem para que ninguém, sobretudo alguém do time rival, notasse o ferimento. Esse problema poderia desclassificá-lo. No dia anterior ao combate, Acelino tirou os pontos.

A luta ocorreu em 26 de outubro de 1999 no estádio da Fonte Nova e foi

arbitrada por William Connors. A arena foi instalada no meio do campo e as arquibancadas foram tomadas por 45 mil pessoas. O público, embora distante, era barulhento. Popó não ligava para torcida contra ou a favor. Era como se não enxergasse nem ouvisse nada além dos cerca de trinta metros quadrados de ringue.

Acelino Freitas condensou todas as boas energias que emanavam dali e começou o duelo com tudo. Maestrito, como era conhecido seu oponente, nem sequer teve tempo de respirar. Foi sacudido sobretudo por diretos de direita e cruzados de esquerda e não partia para o contra-ataque. Mesmo assim, Martínez aguentava firme e, do meio para o final do primeiro round, tentou igualar as ações. Foi quando Popó se sobressaiu. O latino-americano ajoelhou-se aos 2 minutos e 31 segundos. Galvão vaticinou: “Com Popó lutando, cada instante é tempo para terminar”. Mas não terminou. Martínez se reergueu e esperou o gongo soar. Sobreviveu ao assalto inicial.

No intervalo, Luís Cláudio – cuja carreira como boxeador tinha uma luta marcada para o mês seguinte, também em Salvador – exibia um sorriso eloquente. Parecia prever que a vitória do irmão era só questão de um pouco mais de tempo. O segundo round começou com um aviso de Galvão Bueno: “Lá vem a máquina de bater brasileira”. Em 1 minuto e 20 segundos o sorriso de Luís Cláudio foi explicado e as palavras do narrador ganharam vida. Maestrito caiu, levantou-se, bambeou e perdeu. A família Freitas explodiu. A Fonte Nova delirou. A Bahia se rendeu. O Brasil se emocionou. O laço com o torcedor havia sido fortalecido e o título da OMB, mantido.

Segundos antes do nocaute, Maestrito esticou o braço para marcar distância contra o brasileiro e acabou atingindo exatamente o supercílio esquerdo de Acelino. O corte reabriu e um fio de sangue começou a descer pelo rosto. Por sorte, Martínez caiu nocauteado logo depois.

Popó (22-0-0) já sabia que sua próxima defesa seria contra o inglês Barry Jones, de 25 anos, invicto em 18 lutas e primeiro no ranking da OMB, em um desafio que exigia todo o cuidado possível. A preparação para o duelo incluiu uma disputa com ares de amistoso contra o argentino Cláudio Victor Martinet, de 35 anos, com 59 vitórias e nove derrotas no cartel. O confronto em Salvador, arbitrado por José Conrado e realizado em 18 de dezembro de 1999, menos de um mês antes da luta contra Jones, era válido pelos pesos-leves (61,235 quilos), acima dos 58,967 dos superpenas, categoria da qual Acelino era campeão.

O combate durou três assaltos – dos dez que estavam previstos. Foi finalizado na marca de 1 minuto e 40 segundos com mais um nocaute do baiano, o 23o em 23 apresentações. O brasileiro dominou as ações, mas recebeu algumas críticas por ter sofrido dois contragolpes de Martinet no momento em que acuava

o adversário. “Quando levo socos em contra-ataques, procuro recuar um pouco para assimilá-los melhor”, argumentou no pós-luta. Foi o que fez. O fato de ter demorado até o terceiro round para ganhar do argentino – campeão sul-americano, mas considerado um oponente fraco – lançou dúvidas às vésperas da defesa do cinturão da OMB. Acelino desconversou. Justificou que necessitava estudar Martinet para depois derrotá-lo. Adotou a cautela, mas terminou como sempre: fazendo o rival beijar a lona. Popó não foi convincente, mas venceu, como um time de futebol que joga mal mas fatura os três pontos.

O que relativizava o desempenho contestável de Acelino era o fato de ele ter relaxado e engordado oito quilos após a vitória contra Maestrito, sua primeira defesa de título. A briga com a balança, como sempre, castigava. Popó precisou passar dez dias – entre 1o e 10 de dezembro – internado em um *spa* na praia de Buraquinho, localizada no litoral norte da Bahia, para perder o excesso de peso. O duelo contra o argentino era quase que para obrigar Acelino a se manter em forma.

Não adiantou muito. A duas semanas da luta valendo a manutenção do título da OMB, Popó (23-0-0) ainda estava cinco quilos acima do limite dos superpenas. “Depois da conquista do título mundial eu me descuidei. Mas agora estou trabalhando para perder peso e entrar em forma”, admitiu ele em uma entrevista concedida à *Folha de S.Paulo* e publicada no dia 2 de janeiro de 2000. “Meu prazo é curto. Treino quatro horas por dia e não posso bobear.” A feijoada de Zuleica, seu prato preferido, estava proibida até segunda ordem. A dieta para bater o peso era à base de verduras e legumes. As celebrações de Natal e de Ano-Novo transcorreram sem excessos. Um empenho para não dar vexame no esperado duelo contra Barry Jones.

O combate estava marcado para 15 de janeiro e seria realizado no Doncaster Dome, em Yorkshire, no Reino Unido, casa do seu oponente. Acelino Freitas desembarcou em Londres uma semana antes da luta e o que já era difícil ganhou contornos dramáticos. A neve tomava conta da Inglaterra. O frio intenso era um obstáculo a mais – e dos mais ingratos – no sacrificante rito para perder peso. Um boxeador geralmente se vale de lugares quentes para queimar os quilos a mais. Popó comia pouco, quase nada; treinava muito, quase o dia todo. O suor não pingava de jeito nenhum. O risco de um fiasco estava assombrando o campeão.

A pesagem, no dia anterior ao confronto, foi talvez mais temida que o próprio duelo. Na pré-pesagem, duas horas antes da oficial, aconteceu o que já se prenunciava. Jones estava dentro do limite de peso. Acelino, por sua vez, apresentou 150 gramas acima dos 58,967 quilos da categoria.

Popó teria somente 120 minutos para eliminá-los. Pode parecer pouco, mas

era uma imensidão diante do que enfrentara para reverter um quadro de cinco quilos excedentes em 15 dias. À sua equipe confidenciou que não aguentava mais. O clima de tensão e incerteza permeou os primeiros minutos da conversa. O técnico Luiz Dórea chegou a admitir a possibilidade de Acelino não lutar e, em consequência, perder o cinturão da OMB.

Debilidado, deitado em seu quarto no hotel, Popó recebeu a visita de Luís Cláudio, o irmão que o auxiliava como um de seus *sparrings*. Quase não conseguia se levantar da cama. Luís Cláudio olhou para o banheiro, olhou para Acelino, pensou no sonho de Popó e da família que ainda não podia ser terminado. Uma sauna na suíte talvez resolvesse o problema. Regulou a água a ponto de fazer vapor e encheu a banheira. Em seguida, vestiu Popó com roupa, roupão, agasalho e cobertor. Dórea chegou ao quarto e foi mais um a ajudar. O pugilista ficava de pé, tocava nas mãos do treinador, sentava-se no vaso sanitário e era abraçado por Luís Cláudio, que fazia uso de mais um cobertor. O processo se repetiu por cerca de uma hora. Finalizada a sauna, Popó foi enxugado pelo irmão e teve o corpo todo raspado, à exceção do cabelo. Valia tudo para fazer os 150 gramas teimosos desaparecerem.

O relógio marcava a hora da pesagem, a hora da verdade. Era tudo ou nada. Barry Jones novamente passou no teste. Era a vez de Popó. Um Acelino receoso subiu na balança e um Acelino aliviado desceu dela. Foi considerado apto a lutar e a defender o seu cinturão dos superpenas. O desafio seguinte era superar a fragilidade, comendo e se reidratando.

A Inglaterra na época respirava boxe. Em menos de duas semanas, no dia 29, o país seria palco de outra superluta envolvendo o peso-pesado Mike Tyson, que encararia o anfitrião Julius Francis, em Manchester. Na plateia da disputa entre Popó e Jones faixas agitadas pela torcida mostravam a expectativa em torno da presença do mítico Tyson.

O início da batalha traiu qualquer *script*. Em apenas vinte segundos Acelino Freitas se viu pela primeira vez perto de uma derrota. Um contragolpe de esquerda aplicado pelo britânico levou o baiano ao chão. Um *knockdown* que, somado ao desgaste na perda de peso, elevou a tensão da luta. O guerreiro caiu, mas se levantou. No retorno, demorou um pouco para encontrar a distância e acompanhar o ritmo do veloz Jones, mas achou o ponto ideal. Um *upper*, um cruzado de esquerda e um direto de direita derrubaram o inglês. Era um troco bem dado e o aviso de que o campeão estava no ringue. Meio minuto depois, novo *knockdown* aplicado por Popó. O europeu, de joelhos, os punhos apoiados no chão, reergueu-se vacilante e desse modo seguiu até o final do primeiro round.

Dali em diante, um Popó inteiro, a mão de pedra de sempre, sufocava o

adversário com uma performance que eliminava as dúvidas sobre o seu estado físico. No segundo assalto, o terceiro *knockdown* chegou depois de apenas 35 segundos. No terceiro round, a quarta queda foi fruto de um direto de direita no rosto, na marca de 1 minuto e 40 segundos. Acelino exibiu uma variedade de golpes que, aos poucos, minava o rival. No quarto assalto, o mais equilibrado, o nordestino dominava o centro do ringue, mas cedia aos contragolpes. O quinto round foi morno. Cansados, os pugilistas mais perscrutaram um ao outro do que atacaram. No sexto, a mesma tônica.

Ciente do vacilo da fadiga, o campeão tornou a se impor. A um segundo do término do sétimo assalto Popó derrubou o britânico pela quinta vez. O intervalo aliviou um pouco e Acelino precisou somente de trinta segundos para aplicar o sexto *knockdown*, após um direto de esquerda que acertou a cabeça do adversário. Jones se levantou, mas a sequência de quedas já o derrotara. O castigo ininterrupto imposto por Acelino foi interrompido por uma toalha branca lançada pelo time inglês e significava o fim do combate. A segunda defesa bem-sucedida do detentor do cinturão da OMB estava terminada. Jones, depois da derrota, nunca mais voltou a lutar. Trabalha atualmente como comentarista no canal Box Nation.

Nem houve tempo para celebrar. Popó (24-0-0) foi logo desafiado pelo mexicano Javier Jáuregui a defender pela terceira vez seu título dos superpenas. A Oficina de Ideias confirmou a luta para 18 de março em São Paulo, no Credicard Hall, uma das maiores casas de espetáculo da América Latina. Inicialmente Acelino enfrentaria o nicaraguense Genaro Ríos, mas o atleta cancelou o duelo após um desmaio súbito seguido de convulsões. Jáuregui, então com 26 anos, tinha 51 lutas no cartel, com 42 triunfos (trinta por nocaute), oito reveses e um empate. O campeão reencontraria a capital paulista, bonita passagem de sua trajetória como amador e como profissional.

A cada dia mais famoso e cultuado pelo povo, o ídolo nacional precisava manter os pés no chão. Popó tinha somente 24 anos, a fama que se multiplicava nos nocautes, a aclamação de um país, e deveria ter maturidade para não acabar atraído pelo sucesso. O assédio, caso subisse à cabeça, derrubaria Acelino com o mesmo furor com que ele levava seus rivais à lona.

Às vésperas do duelo contra Jáuregui haveria o Carnaval, entre os dias 4 e 7 de março, uma festa que sempre paralisa a cidade de Salvador. Jovem e um dos maiores expoentes baianos da época, Popó foi convidado para diversos camarotes. A edição da revista *IstoÉ Gente* daquele mês dimensionava a reverência ao boxeador: “Atores globais, como Luciano Szafir e Eri Johnson, entraram na fila para tirar uma foto ao lado do lutador”. De tão requisitado por artistas e fãs anônimos, Acelino Freitas já andava na companhia de um

segurança. Pouco mais de um ano antes ele treinava na incerteza do mês seguinte. O esporte e seus contrastes.

A Quarta-Feira de Cinzas chegou e Popó precisava recarregar as baterias e perder o peso necessário para a defesa do cinturão da OMB. O confronto, que teve como *announcer* o apresentador global Léo Batista, arrancou lágrimas de Babinha antes mesmo de começar. Na primeira fila, o pai do atleta não conteve a emoção. Perto dele estava o ilustre Éder Jofre, único brasileiro no Hall da Fama do boxe, campeão mundial pela AMB em 1960 e pelo CMB em 1973. A presença ampliava a responsabilidade do baiano.

Acelino sempre soube lidar com pressão, e um minuto de luta bastou para mostrá-lo. A agressividade do brasileiro incendiou a torcida, estimada em 3,5 mil pessoas, que logo começou a gritar: “Popó! Popó! Popó!”. O coro entoado pelo público ecoou no ringue. Um Acelino inebriado pelo calor que emanava das arquibancadas acertou um cruzado de esquerda fulminante – seguido de um direto de direita, seu golpe mais característico. Chatito, como é conhecido Javier Jáuregui, estatelou-se no tablado e lá permaneceu à contagem do juiz Roberto Ramírez, que encerrou o combate. O mexicano chegou a confidenciar ao seu treinador nem sequer ter visto o golpe de Acelino que o nocauteou. Os torcedores gritaram ainda mais alto. Jofre ergueu o punho direito, abriu um sorriso convincente e recebeu um abraço emocionado de Babinha. Popó (25-0-0) mantinha o cinturão pela terceira vez.

A transmissão do combate pela Rede Globo foi histórica. Teve o mais alto índice de audiência para eventos de boxe da história da emissora, atingindo 46 pontos – o programa anterior, o humorístico *Zorra total*, registrou elevada pontuação. Isso significava que 68% dos aparelhos de televisão ligados naquele horário estavam sintonizados no canal que exibiria a luta, sinal de que o Brasil queria ver Popó lutar. Esse número bateu o recorde anterior, os 42 pontos de audiência anotados no retorno aos ringues do ex-campeão dos pesos-pesados Mike Tyson, em 19 de agosto de 1995, na vitória contra Peter McNeeley. De novo Acelino quebrava uma marca de Tyson.

A imprensa, à época, questionava a qualidade de alguns oponentes de Popó. Cobrava adversários mais fortes. Jáuregui, no entanto, estava longe de ser um lutador inadequado para a disputa. E o tempo mostraria isso: em 22 de novembro de 2003 o mexicano se sagraria em Las Vegas nada menos que campeão da FIB ao bater, por nocaute técnico no 11o round, o norte-americano Leavander Johnson.

As defesas de cinturão não cessavam. O mundo queria ver até onde poderia ir o jovem baiano de origem humilde e socos nada discretos. Desconhecendo seus próprios limites, Acelino Freitas também buscava essa resposta. O quarto

desafio a Popó viria do norte-americano Lemuel Nelson, que contabilizava 19 vitórias e apenas duas derrotas. Sua credencial era uma sequência de oito triunfos. Acelino retornaria aos Estados Unidos depois de dez lutas em outros países. O duelo estava marcado para acontecer no imponente Fox Theater, em Detroit. Essa seria a estreia de Popó na rede de televisão a cabo HBO.

Pela primeira vez Acelino duelaria na ausência de Luís Cláudio, irmão, amigo, ídolo, *corner* e *sparring*: tudo e mais um pouco. Não seria fácil olhar e não ver o entusiasmo implacável daquele que fez o campeão enveredar pelo boxe. A razão de ele não estar presente era mais que justa. Na semana seguinte, o precursor dos Freitas no boxe enfim teria pela frente a maior oportunidade de sua carreira. Aos 32 anos, com um cartel de 19 vitórias e uma derrota, Luís Cláudio disputaria o título mundial dos supergalos (até 55,338 kg) contra o mexicano Marco Antonio Barrera, detentor do cinturão. Era a sonhada chance de dividir um protagonismo que havia alguns anos passara de suas mãos para as de Popó.

Adversário de Acelino, Lemuel Nelson era protegido de Roy Jones Jr., comentarista da HBO, sensação do momento no esporte e campeão unificado dos meio-pesados pelas organizações CMB, AMB e FIB. No boxe profissional, as quatro grandes entidades internacionais concedem cinturões de campeão mundial. Um pugilista que detém um dos cinturões de uma das categorias consegue “unificar” seu título quando vence, em disputa pela mesma categoria, o campeão mundial de outra organização. Boatos denunciavam que Nelson havia sido escalado para o duelo mais por sua proximidade com Roy que por méritos próprios. Popó sabia da força que havia nos bastidores. As entidades não tinham critérios fixos para arquitetar combates, o que dava brechas a costuras de empresários e personalidades influentes. Isso não era da conta de Acelino. O confronto, que ocorreria no dia 10 de junho de 2000, diria se Nelson merecera ou não essa chance.

O primeiro round foi de muito estudo, movimentação, algumas ofensivas do brasileiro e poucos *clinch*es do norte-americano. O equilíbrio do toma lá, dá cá, logo foi desfeito pelos ataques de Acelino, mas, em um descuido a quarenta segundos do assalto inicial, ele sofreu uma queda. O baque foi mais vacilo que *knockdown*: quando o juiz Dale Grable iniciou a contagem, ganhou um sorriso do baiano.

No segundo round Popó, bem ao seu estilo, deu seu boa-noite ao telespectador da HBO. Primeiro, em um coquetel de *jabs*, cruzados e diretos que levou Nelson ao chão aos 2 minutos e 15 segundos. Depois, noutra sequência que culminou com um direto de direita. O norte-americano caiu de quatro, deitou-se de bruços e se levantou vencido, desnortado, quase um minuto após o

nocaute, a um segundo do fim do round. A HBO exibia, em suas imagens, mais o drama do atleta local que a festa brasileira, mais os sinais de negativo com a cabeça que Lemuel Nelson ensaiava fazer que os sorrisos de Popó (26-0-0), abraçado à bandeira do Brasil.

Os Estados Unidos já tinham visto o mais importante: o superpena que batia como peso-pesado. Os comentários do pós-luta reputavam Acelino como o maior da categoria, incluindo todas as entidades do boxe, e como um dos atletas que proporcionavam os duelos mais emocionantes em toda a modalidade. O processo de “americanização” do baiano tinha mais um capítulo vitorioso. Na entrevista que deu após a luta, Popó repetiu uma palavra à exaustão: “unificação”. Desafiava, ao vivo, os campeões das outras organizações: os norte-americanos Floyd Mayweather Jr. (CMB) e Diego Corrales (FIB), e o cubano Joel Casamayor (AMB). Os rumores de mais uma superluta se multiplicavam.

Antes, o Acelino Freitas pugilista descansaria para entrar em cena o torcedor. O menino que matava aulas para conferir o irmão treinando. O campeão, enfim, veria Luís Cláudio disputar um título mundial. Tirava, antes de tudo, um peso das costas. Popó já havia se dado conta de que, para os seus empresários, mesmo antes do duelo contra Anatoly Alexandrov ele era o preferido. Notou que, com o tempo, a marca Freitas Brothers fora ignorada e que Luís Cláudio, pela idade mais avançada, passara a ser preterido. O dia de tentar consertar isso havia chegado.

O combate contra Marco Antonio Barrera foi realizado em 17 de junho, na Arena México, na Cidade do México. Luís Cláudio, cabelo pintado de loiro, entrou no ringue fragilizado pela perda de peso. Costumava lutar entre os pesos-pena (57,153 quilos), mas a disputa de cinturão que lhe foi oferecida era uma categoria abaixo. Sob uma torcida ensurdecidora a favor do boxeador mexicano, Luís Cláudio viu o sonho morrer em pouco mais de um minuto. Ele sofreu uma sequência de golpes, finalizada com um gancho de esquerda. O dedão do latino entrou em seu olho e provocou um leve derrame. A cabeça começou a doer. Quando se deu conta, já havia tombado, nocauteado.

Veterano, ele sabia que não teria outra chance como aquela. O gosto da derrota foi bem amargo. O pugilista ainda faria uma luta sete meses depois, mas encerraria sua carreira em seguida. Passou a se dedicar, de corpo e alma, ao irmão. Uma mistura de sparring e conselheiro, Luís Cláudio se realizou no boxe de Popó. Ele se sente campeão mundial porque fez o campeão mundial. Ele sempre foi a referência de Acelino, e sempre esteve ao seu lado. O desabafo derruba Luís Cláudio, que se emociona.

Na quinta defesa do cinturão da OMB de Acelino, Luís Cláudio já estava lá, recomposto. Duas semanas antes da batalha contra o argentino Carlos Alberto

Ramón Rios, marcada para 23 de setembro de 2000, Popó e equipe chegaram ao Canadá. A briga com a balança mais uma vez foi uma pedra no sapato. Acelino precisou passar 48 horas dentro de uma espécie de estufa para conseguir bater o limite de peso dos superpenas. As dificuldades cada vez maiores para se encaixar na categoria faziam-no começar a pensar em subir para os pesos-leves.

Carlos Rios, ao contrário das expectativas, foi duro na queda. Popó, mesmo superior no combate, não conseguia nocautear o argentino, que ainda se arriscava a contra-atacar em alguns momentos. O martírio só teve fim no nono round, a 1 minuto e 18 segundos do término da disputa, momento em que uma toalha branca jogada pela equipe de Carlos Rios encerrou a luta, após Popó ter castigado o rival o quanto pôde. Resistente, mas combalido, o desafiante precisou levar sete pontos no rosto que fora rasgado pela mão pesada do brasileiro (27-0-0), cada vez mais campeão.

Antes de o prodígio ano 2000 acabar, o baiano tinha mais um duelo a disputar. A luta do dia 16 de dezembro na Sheffield Arena, Yorkshire, no Reino Unido, seria contra o norte-americano Lewis Wood, que desistiu de última hora por conta de uma lesão na mão. A definição do novo adversário, o porto-riquenho Daniel Alicea, só aconteceu dez dias antes do evento. Popó encararia um oponente de nível intermediário, 11o no ranking da OMB e vindo de uma derrota. Pelas circunstâncias, ficou acertado que o combate não valeria o título.

Não era a primeira vez que Acelino tinha um rival trocado às vésperas do duelo. A situação desagradava ao brasileiro, cuja preparação ficava comprometida. Não era fácil encontrar pugilistas que topassem enfrentar um boxeador como Popó tendo poucos dias para treinar, e esse era um fator que explicava a dificuldade de novo arranjo.

Outro agravante era o excesso de interesses em jogo: a Oficina de Ideias gerenciava sua carreira; o norte-americano Arthur Pelullo promovia seus duelos nos Estados Unidos, embora com a antipatia declarada dos empresários do boxeador; e o britânico Frank Warren organizava as disputas na Europa. Achar um denominador comum para satisfazer todos os envolvidos era tarefa árdua.

Se a situação de Popó era desconfortável, para Alicea era pior ainda. O tempo escasso para o condicionamento – aliado à inferioridade técnica – pesou bastante. O latino foi um adversário fácil. Levou um direto de direita tão súbito quanto sua escolha para a luta. A certeza chegou com 1 minuto e 1 segundo no primeiro assalto. Um golpe que fez o protetor bucal de Alicea voar por mais de dez metros e cair fora do ringue.

A luta na Grã-Bretanha tinha outro objetivo. Fazia parte de uma cruzada empreendida pelo baiano para desafiar o britânico Naseem Hamed, o melhor peso-pena da época, campeão da OMB e do CMB. Acelino buscava uma

superluta com o inglês, o que renderia uma bolsa milionária. Um texto distribuído pelos promotores de Popó tentava incitar o adversário: “Viajei meio mundo para lutar no quintal de Hamed. Espero que ele apareça para ver a luta, mas isso provavelmente vai amedrontá-lo”. A provocação era tamanha que, em um dos pôsteres do evento, o brasileiro perguntava aos moradores se Hamed residia em alguma rua de Sheffield, porque estava à sua procura. A instigação não surtiu efeito. Hamed declinou do desafio e perderia sua luta seguinte para Barrera, o mesmo que havia derrotado Luís Cláudio.

Foi tão fácil o duelo contra Alicea, e tão rápido, que um mês e meio depois, em 27 de janeiro de 2001, lá estava Acelino Freitas (28-0-0) pronto para entrar no ringue, dessa vez valendo a defesa do cinturão dos superpenas da OMB contra o panamenho Orlando Soto, 32 anos, e um cartel de trinta vitórias e seis derrotas, três delas nas últimas seis lutas.

Um dia antes do duelo, Popó anunciou que tentaria, em junho, em dia ainda a ser definido, a unificação do título dos superpenas contra o cubano Joel Casamayor, campeão pela AMB. A declaração evidenciava que, apesar da iminência do combate com Soto, a cabeça de Acelino estava em outro lugar. O cenário cobrava cautela. Um revés inesperado contra o panamenho poderia abortar os planos dele de alçar o voo mais alto de sua carreira.

A superluta fazia parte da estratégia das redes de TV norte-americanas – incluída a Showtime, que patrocinava Popó e transmitia as suas lutas – de transformar os superpenas em uma das principais categorias do boxe. O alto número de pugilistas de elite nessa faixa de peso sustentava essa ideia.

Parte dos empresários de Acelino preferia que ele unificasse os cinturões com o norte-americano Floyd Mayweather, campeão pelo CMB. Em uma declaração polêmica, Popó desafiou Mayweather, prometeu nocauteá-lo e jogar o cinturão do CMB no lixo, por discordâncias com Newton Campos, presidente da Federação Paulista de Pugilismo e vice-presidente vitalício do CMB. O brasileiro não tinha preferência, queria fazer história. Entre o sonho e a realidade, havia Casamayor. Entre Acelino e Casamayor, havia Soto.

Em pleno dia do combate contra Orlando Soto, Popó e Casamayor trocaram algumas declarações ácidas. O cubano, provocador nato, iniciou a conversação: “Popó partirá para o ataque, mas terá três quedas, e a luta acabará”. Não ficou sem resposta. O bom baiano dispensou a calma característica de seu povo e, de sangue quente, devolveu a cutucada: “Cada um fala o que quer. Digo o que posso cumprir, que é meter a mão e nocautear”.

Era preciso levar a cabo a filosofia de dar um passo de cada vez. Respirar a luta contra Casamayor antes do tempo poderia tirar o foco do brasileiro e aumentar a possibilidade de surpresa contra Soto, que, se não estava no melhor

momento da carreira, era um oponente respeitável.

Popó lutava no Brasil quase um ano depois do último confronto em território nacional. Fazia sua estreia em Brasília, no ginásio Nilson Nelson. Iniciada a luta, Acelino demorou um pouco para achar Orlando Soto, boxeador que abusava da movimentação. O jogo de pernas beirava a fuga. O latino escapou até onde pôde, mas um direto de direita o lançou ao chão no tempo de 1 minuto e 45 segundos do primeiro round. O *knockdown* seguinte, aos 2 minutos e 13 segundos, foi fatal. A torcida explodiu de felicidade. Popó (29-0-0) conseguia sua sexta defesa do cinturão. “Obrigado, pai” foram as palavras ditas com o rosto voltado para o céu enquanto sua equipe o carregava.

O nocaute arrasador contra Soto era o último carimbo no passaporte para o topo. Acelino Freitas, campeão dos superpenas da OMB, estava pronto para a superluta contra Casamayor. As circunstâncias levavam a crer que o cubano seria o próximo e principal obstáculo no caminho de Popó, mas uma série de acontecimentos – entre verdades, mentiras e dúvidas – mudaria para sempre o destino do baiano antes dessa disputa.

round 5

Um laço e um rompimento

Nas arquibancadas da luta entre Popó e Orlando Soto havia um sorriso diferente. Um perfume doce em meio à profusão de testosterona. A morena exuberante driblou as cordas do ringue apressada, alegria indisfarçável com o triunfo de Acelino. Calças brancas, blusa cor de vinho, lisos cabelos longos tingidos de ouro, ela observava – cada vez mais de perto – o campeão ter o braço erguido uma vez mais. O cinturão de Popó era o abraço da empresária Eliana Guimarães, o amor de sua vida.

O primeiro encontro entre eles havia acontecido meses antes da luta, no começo do ano 2000, em uma festa pré-carnavalesca organizada por uma amiga em comum. Quando ele avistou a baiana foi tiro e queda e a desinibição costumeira passou a anos-luz dele. A barriga gelou, as mãos transpiraram, as pernas tremeram. Na falta de coragem para tomar a iniciativa, pediu à amiga para apresentá-lo a Eliana e, já naquela noite, o boxeador percebeu que nocautear o coração daquela mulher seria mais difícil que levar um oponente ao chão.

Acelino se deparou por acaso, dias depois, com Eliana Guimarães no aeroporto. Titubeou, fez que ia e voltou, imaginou muitas cenas em poucos segundos, mas finalmente foi até ela. A ocasião possibilitava uma pergunta básica: “Está comprando passagem para onde?”, Popó indagou. Eliana respondeu que a família ia para Cancún, na costa leste do México.

Acelino fez cara de surpreso. Arregalou os olhos e declarou: “Que coincidência... Também estou indo para lá”. Eliana sorriu espantada, talvez fosse uma artimanha do destino. Antes de tomarem seus rumos trocaram telefones e a semente do futuro já estava plantada. Popó deixou o terminal aéreo eufórico mas também receoso, já que a viagem a Cancún não passou de invenção. Foi a primeira ideia que veio à sua cabeça.

Popó e Eliana se falavam todos os dias, por telefone ou em encontros agendados por um desejo que se transformava em algo impossível de medir. Passaram-se noventa dias, noventa longos rounds e nenhum beijo. O processo da conquista foi árduo e demorado. Eliana insistia que Acelino, muito jovem e no auge da carreira, não estaria preparado para um relacionamento sério. Popó não negava sua fama de galinha, mas a justificava por ser solteiro, e tentava convencê-la de que ela era diferente de todas as outras. Eliana custou a dizer sim.

Acelino fazia jus às dúvidas da morena. Àquela altura, ele era pai de cinco filhos, de quatro mães diferentes. Juan Popó Freitas, filho de Manuela Vidal, namorada do lutador por um ano, nasceu em 2000. O quinto herdeiro, Gustavo Freitas, chegou em 2001, fruto de um encontro casual com Carla Reis. Popó se dava bem com as mães de seus filhos, era presente na criação deles, contribuía

financeiramente para o que fosse necessário, mas procurou deixar claro a Eliana que nenhuma delas representava alguma ameaça.

Além disso, havia muitas outras. Popó aprontava das suas. Pode-se dizer que havia puxado ao pai, Babinha, na fama de mulherengo construída ao longo dos anos. Mesmo nos relacionamentos, para Acelino nada era muito duradouro. O pugilista decepcionou-se com umas, encantou-se com outras, mas nenhuma delas chegou perto de despertar em Popó o sentimento que tinha por Eliana. Acelino tentava fazê-la entender que não podia mudar o passado, mas queria provar que, por ela, era capaz de mudar.

Para ele, Eliana valia toda essa insistência. O primeiro beijo, três meses após a primeira troca de olhares, selou o início da união. O casal começou a namorar e, na luta contra o panamenho Orlando Soto, Eliana Guimarães – herdeira de uma das mais ricas e tradicionais famílias da Bahia, do ramo da construção civil – estava na primeira fileira. Popó tinha, a partir dali, ainda mais inspiração para vencer.

Eliana, à medida que foi participando da vida do namorado, começou a estranhar a situação financeira de Acelino. Por mais que tivesse mudado da água para o vinho em comparação com o passado, ainda mantinha um padrão de vida médio, incompatível com a fama mundial que arregimentara em 29 lutas e 29 nocautes. A suspeita era a mesma nutrida havia muito tempo por Luís Cláudio, mas sempre minimizada por Popó.

Administradora de empresas, habituada a cuidar dos empreendimentos do pai, Eliana Guimarães um dia questionou se Popó tinha contrato assinado com a Oficina de Ideias e como ele funcionava. O campeão afirmou que sim, mas que não sabia maiores detalhes. Eliana pediu para analisar o documento. Acelino chegou a desconversar, falando que confiava em todos que estavam à sua volta. Não satisfeita, e cada vez mais convicta de que havia algo errado, ela explicou que era preciso atinar para todas as cláusulas: como se dava a divisão, a validade do vínculo, os benefícios, as contrapartidas. Depois disso, Popó se convenceu a mostrar a ela o contrato.

Pediu uma cópia do documento aos empresários da Oficina de Ideias e, de imediato, percebeu a mudança no tom. O carinho tornou-se ameaça. Ouviu deles que, da mesma forma que o fizeram ganhar tudo, o fariam perder tudo. Acelino conhecia, naquele momento, a realidade que sempre evitou enxergar.

De posse do documento, já lido por Eliana, ambos foram consultar advogados. O contrato que Popó assinara repassava 75% de todos os ganhos para os empresários. Não havia seguro para o atleta em caso de acidente – a integridade física do boxeador não contava. Para finalizar, a rescisão contratual implicava uma multa astronômica, na casa dos milhões. Acelino jamais

desconfiou. Para quem dormiu no chão até os 23 anos, o pouco que recebia já era muito. Luís Cláudio sempre buzinou em seu ouvido, mas Popó preferia ignorar os conselhos e fazia de conta que estava tudo certo. Mal sabia o que ocorria. No final de março, Acelino decidiu romper com a Oficina de Ideias.

No olho desse furacão, o último adversário do baiano, o panamenho Orlando Soto, foi a público denunciar que os empresários de Acelino pagaram sua bolsa, de 10 mil dólares, utilizando um cheque sem fundos. “Se havia dinheiro em espécie disponível, e pagaram minha bolsa com cheque, havia má intenção”, Soto esbravejou em entrevista à imprensa mundial, publicada na época do escândalo. Os agenciadores de Popó negaram o calote. Argumentaram que tudo não passava de um mal-entendido.

Outras verdades indigestas começaram a pipocar. Surgiu a informação, publicada em veículos do mundo todo, de que Acelino tivera a assinatura falsificada no endosso de um cheque que ele deveria ter recebido e que seguiu outro caminho. O dinheiro – 50 mil dólares, feitos os descontos do valor original, de 75 mil dólares – era proveniente da bolsa pela vitória por nocaute contra Lemuel Nelson, em 10 de junho do ano anterior. No verso do cheque emitido pelo norte-americano Arthur Pelullo, copromotor internacional dos combates do baiano, a assinatura falsa autorizava o repasse da quantia a um parente de um dos empresários ligados à Oficina de Ideias. Popó ainda soubera que um documento assinado anos antes como se fosse uma extensão do contrato com a empresa que o gerenciava era uma versão reformulada de um acordo de patrocínio. A sociedade comercial em questão não permitia ao baiano examinar os documentos.

Vale ressaltar que Pelullo – que sempre fora correto com Acelino – já ganhara uma ação na Justiça dos Estados Unidos contra a Oficina de Ideias, a mesma passagem na qual Acelino acabou detido por duplicidade de contrato. Foi a batalha judicial vencida que permitiu ao norte-americano se reaproximar de Popó e voltar a promover suas lutas no exterior.

Sua separação dos empresários foi doída, recheada de declarações amarguradas de parte a parte. Acelino se disse explorado. A Oficina de Ideias rebateu, chamando o pugilista de ingrato. Duas semanas depois, as partes anunciaram uma reconciliação. Eliana não aceitava o restabelecimento das relações de Acelino com a empresa, e estava determinada a brigar pelos direitos do boxeador. Ao ver o noivo uma vez mais ao lado dos empresários, resolveu pôr fim ao noivado. Popó desabou.

* * *

Turbilhão de problemas à parte, Acelino Freitas tinha um duelo marcado para

o dia 5 de maio de 2001 contra o húngaro Laszlo Bognar, no Mississippi, Estados Unidos. O baiano lutaria no mesmo evento que Joel Casamayor, uma estratégia da Showtime para promover a superluta entre ambos marcada para 14 de julho que valeria a unificação dos cinturões da OMB e da AMB. Popó e Casamayor defenderiam seus títulos na mesma noite para que o público pudesse compará-los. Um momento ideal para o jogo de provocações.

Às vésperas do evento, corpo e mente de Acelino estavam despreparados para o confronto. Alegando estresse e falta de condições psicológicas, Popó cancelou a luta contra Bognar. O soteropolitano, em depoimento dado à imprensa na época, dimensiona sua angústia: “Estou psicologicamente perturbado com tudo o que ocorreu. Ninguém me ajuda. Minha família não entende muito bem o que estou passando. Até minha namorada não aguentou a pressão e me abandonou”.

Mesmo diante da desistência de última hora, o presidente da OMB, o portoriquenho Francisco Paco Valcarcel, garantiu que Acelino não perderia o cinturão da entidade por não se tratar de uma defesa obrigatória, mas voluntária. Já a Comissão Atlética de Miccosukee, no Mississippi, anunciou que pediria a suspensão do boxeador por tempo indeterminado.

Um boato chegou a dar a superluta entre Popó e Casamayor como cancelada. A rede de TV Showtime, transmissora do combate e patrocinadora dos pugilistas, logo apareceu para colocar panos quentes no ruído de comunicação. Assegurou ao planeta que a disputa estava mantida, mas fora remarcada. Acelino vivia o maior período de inatividade na carreira.

No entanto, Acelino refez os laços com Eliana Guimarães e foi visto com a noiva no Rio de Janeiro jogando futevôlei, entre amigos e artistas. O flagra, embora trivial, gerou críticas ao baiano. A mídia condenou a postura do campeão, como se estivesse alheio à tempestade que pairava sobre a sua carreira.

Em meio a isso, o lutador voltou a ser criticado por seus empresários. Um deles chegou a dizer que o baiano era uma “pílula amarga” que ele era obrigado a engolir. A resposta de Acelino foi definitiva. No final de junho, dois advogados contratados por Popó ingressaram na justiça baiana com uma ação de rescisão contratual, com reposição de perdas e danos, contra a Oficina de Ideias. O casal, enquanto isso, curtia férias em Miami, nos Estados Unidos.

Os ex-empresários do atleta contra-atacaram. Asseveraram que correriam atrás de seus direitos. Um deles seria a multa de 2,5 milhões de reais pela quebra do contrato. O processo envolvendo as partes corre ainda em 2013. Popó ganhou em quatro instâncias, mas houve pedido de recurso em todas elas. Acelino diz que nunca teve problemas com seus empresários, mas ganhava bem menos do que merecia.

Enquanto na justiça corriam o processo e os recursos, Acelino Freitas soube que Arthur Pelullo estava à sua procura. Decidiram conversar e foram além. O contrato entre o baiano e Pelullo – que incluía número de lutas por ano, valor de bolsas e direitos de transmissão, além de ser protegido por cláusula de confidencialidade – foi assinado em um dia. Eliana acompanhou tudo. Leu, releu, assinou embaixo. De saída, Acelino ganhou 50 mil dólares, quantia que nunca tinha recebido com os antigos empresários. Com o contrato, o brasileiro estava delegando maiores poderes a Pelullo, a quem já conhecia há anos, mas que antes atuava somente como promotor de alguns combates no exterior. A reaproximação com o norte-americano devolveu a paz ao brasileiro. Acelino deu uma caneta de presente a Artie, apelido carinhoso do empresário, e pediu que ele testasse a escrita. Quando o gringo clicou na caneta, tomou um choque. Popó não conseguia parar de rir e Pelullo se juntou a ele na gargalhada.

A felicidade ficou plena quando a história de amor com Eliana Guimarães chegou ao matrimônio. O casamento civil foi firmado em maio de 2001 e, cerca de dois meses depois, em 21 de julho, ambos subiram ao altar para a cerimônia religiosa diante de quatrocentos convidados no Cerimonial Marie Louise, um buffet no bairro da Federação, em Salvador. Emocionado, Popó cantou para a noiva a música *Pareço um menino*, de Fábio Júnior, canção que embalava o romance. Na perna, uma tatuagem com o rosto de Eliana. No dedo, uma aliança. No coração, o conforto necessário para continuar o caminho.

Acelino Freitas estava livre para seguir adiante, mas ainda teria de encarar outra separação dolorosa. Uma mudança bem mais traumática, pois Luiz Dórea foi embora com a Oficina de Ideias. Popó, o campeão do mundo, estava sem treinador. O baiano não perdia apenas um técnico. Dórea era parte da história de Acelino, estava com ele desde menino. Foi na Champion improvisada no quintal de sua casa que Popó nasceu, cresceu e brilhou como boxeador.

Muito magoado, Acelino deu declarações contundentes na imprensa a respeito do técnico: “Gostaria que minha mãe se mudasse de casa para que eu não precisasse mais cruzar com Dórea na rua”, já que eram vizinhos na Cidade Nova. O técnico reclamou de traição e ingratidão por parte do pupilo. Popó, na verdade, esperava que Luiz Dórea ficasse do seu lado na briga com os empresários, o que não aconteceu.

Acelino desabafa e a voz logo engasga. Falar de Dórea é remexer em uma ferida que ainda não cicatrizou por completo. É se referir ao homem que sempre foi mais que treinador, que dividiu as dificuldades e as conquistas, que era padrinho de Igor, seu segundo filho. Não era fácil desatar um nó de 12 anos.

O robusto Luiz Dórea, campeão mundial como pugilista e tetracampeão como treinador, técnico de gigantes de MMA (artes marciais mistas) como

Júnior Cigano dos Santos e os irmãos Rodrigo Minotauro Nogueira e Rogério Minotouro Nogueira, chega às lágrimas ao lembrar a trajetória erguida com Acelino. Dórea assegura que nunca abandonou o seu prodígio. Lamenta que Acelino, guiado pelo calor do momento, tenha feito afirmações sem sequer procurá-lo. Acredita que bastava um diálogo e tudo poderia ter sido resolvido de forma simples e amigável. Para ele, não passou de um desencontro.

Luiz Dórea viveu com Popó momentos felizes e tristes, mas prefere guardar somente as boas lembranças. De consciência tranquila, garante que nunca se envolveu nas tramas financeiras dos empresários. Ele recebia somente 8% das bolsas das lutas de Acelino e não tinha participação alguma além do trabalho técnico. Mora na mesma casa até hoje. Dórea tinha e tem um orgulho franco do pupilo. Reconhece que, depois de Popó, sua carreira como técnico despontou. O treinador tomou seu rumo, mas continuou torcendo, de longe, pelo artista do nocaute, como ele mesmo define.

Um adversário de Popó, sabendo da separação, procurou Luiz Dórea para que integrasse sua equipe em luta contra Acelino Freitas. O duelo valia o título mundial. O pugilista ofereceu 30 mil dólares por 15 dias de trabalho. Uma proposta irrecusável – e indecente. O boxeador, que é estrangeiro, mas cujo nome Dórea prefere não revelar, queria minar o desempenho de Acelino. Tinha plena consciência de que, além do ganho de ter o competente treinador em seu time, a presença pura e simples de Dórea no *corner* rival abalaria Popó. Ninguém o conhecia tão bem quanto seu ex-treinador.

Nada impedia Dórea de aceitar o convite. Faz parte da rotina dos técnicos de qualquer esporte a dança das cadeiras. Um dia aqui, outro ali. A cartilha do profissionalismo não trata do assunto de forma pejorativa e antiética. Pelo contrário. Na teoria, caminho livre para o técnico. Na prática, porém, era impossível estar do outro lado. Já no primeiro telefonema o técnico disse “não”. Um categórico e convincente “não”.

O boxeador em questão queria que Dórea lhe desse orientações técnicas sobre como ganhar de Popó, focando nos pontos fracos do baiano. O técnico respondeu na hora que não tinha condições. O vínculo com Popó não era somente profissional, mas emocional. Dórea nem sequer chegou a pensar na proposta. Teve apoio irrestrito de sua família. “Como vou subir no ringue contra um filho?” A indagação é respondida por ele mesmo com um choro incontido.

Acelino Freitas não soube dessa história mesmo depois do reencontro deles em 2005. Popó buscou a reaproximação com Dórea por meio do amigo Josafá Santos, assessor e depois sócio de Acelino. Ele marcou um almoço com Dórea. No restaurante, falou o que pensava: que estava na hora de se perdoarem, que as mágoas deveriam ficar no passado. Dórea aceitou na hora. Pazes feitas, almas

refeitas.

round 6

Um novo time

Diante do afastamento de Luiz Dórea, Popó ficou encurralado. Tinha uma unificação de título iminente, o principal desafio de sua carreira, e estava sem treinador. O combate contra Joel Casamayor entrara em uma rotina de protelações que poderia prejudicar Acelino. No dia 1o de agosto de 2001, Popó anunciou que seu novo técnico seria o porto-riquenho Oscar Suárez, que conquistou notoriedade no mundo do boxe como treinador do britânico Naseem Hamed, a quem Acelino já havia desafiado. O vazio, enfim, estava preenchido.

Oscar, entretanto, não estaria sozinho nessa jornada. Dias antes do anúncio do técnico latino-americano Popó decidiu reatar com um passado longínquo. Telefonou em um sábado para Belém, capital do Pará, pois queria falar com Ulysses Pereira, o ex-técnico da Seleção Brasileira de Boxe. Entre 1994 e 1995, imediatamente antes de o soteropolitano se profissionalizar, Ulysses havia ajudado o baiano a conquistar a prata histórica no Pan-Americano de Mar del Plata.

Popó queria Ulysses como treinador ao lado de Oscar Suárez e fez este convite, uma convocação: “Quem vai dizer não ao campeão do mundo?”. A pergunta já vinha com resposta embutida.

O que Popó não sabia é que dois dias antes dessa convocação Ulysses havia conversado com Rosa Helena Coelho, parceira das horas boas e ruins, e disse que estava bastante preocupado com a vida financeira deles. Desanimado com o futuro, pediu que Deus olhasse por ele. Rosa somente disse, resignada, que algo haveria de chegar para o marido. O telefonema de Popó ratificaria as palavras dela. O voo para Salvador já estava comprado para o dia seguinte, um domingo. Na segunda-feira, o paraense se apresentava ao seu novo velho comandado.

Precisava correr contra o relógio para enfrentar os desafios que se avizinhavam. Acelino chegou a ficar ameaçado de perder o cinturão da OMB pela demora em realizar uma defesa. A hipótese da destituição do título chegou a ser levantada. O baiano voltaria à rotina de treinamento e preparação, mas seria temeridade encarar Joel Casamayor depois de oito meses sem lutar. Antes de Casamayor o brasileiro foi escalado para duelar contra o ganês Alfred Kotey, de 33 anos, ex-campeão mundial dos pesos-galo, com um cartel de 24 vitórias, sete derrotas e um empate. Das seis lutas anteriores ele perdera três. Isso ajudaria Acelino a ganhar ritmo. Mas havia um detalhe que o desafiava: Kotey jamais fora nocauteado. Pesaria contra o africano o fato de lutar nos pesos-leves contra o soteropolitano, ou seja, quatro categorias acima da faixa de peso na qual havia se sagrado campeão pela OMB no passado.

Popó teve 45 dias de treinamento intenso em Palm Springs, na Califórnia, cidade com clima desértico e temperatura que ultrapassava os quarenta graus no verão, o que ajudava no processo de perda de peso.

O combate contra Kotey, marcado para 29 de setembro de 2001 no Miccosukee Resort & Gaming, em Miami, nos Estados Unidos, não punha o cinturão de Popó em jogo. Acelino estava empolgado. Oscar Suárez corrigira algumas falhas do boxeador: retificou a base, investiu em movimentação, treinou a defesa e tentou aumentar sua velocidade. Popó chegava para a disputa dizendo aos quatro ventos que não procurava mais somente o nocaute, ele evoluíra na parte técnica. O brasileiro pisou no ringue consciente de que, em 12 de janeiro do ano seguinte, após uma série de adiamentos, ele mediria forças com Casamayor.

Popó foi soberano contra Alfred Kotey. Dominou o centro do ringue desde o primeiro round, buscou mais a luta. Impôs-se, mostrou que era o campeão e avisou que estava de volta. O nocaute, porém, nada de chegar. Um, dois, três assaltos. Ninguém havia aguentado tantos golpes sem se curvar em 29 lutas. Acelino tinha em seu caminho um boxeador longe do melhor momento na carreira, mas um africano guerreiro, duro na queda. Quatro, cinco, seis rounds. Os meses de inércia começavam a pesar. O brasileiro, entretanto, continuava superior. Sete, oito, nove assaltos. A decisão por pontos, pela primeira vez, parecia irremediável. As tentativas de Popó esbarravam na resistência do ganês. O décimo e último round permaneceu fiel ao enredo dos anteriores e assim o gongo derradeiro registrou que a sequência de nocautes estava quebrada. A marca histórica chegava ao fim.

Acelino de forma alguma se abateu com a quebra do recorde. Sabia que cedo ou tarde algum confronto se arrastaria até o final, para a decisão por pontos. Nos tempos de amador, o baiano chegou a ver triunfos certos se transformarem em derrotas graças a avaliações equivocadas e suspeitas dos juízes. Ali não havia razão para temor, a supremacia brasileira havia sido límpida, e o anúncio do resultado a confirmou: 100-89, 100-90 e 100-90 para Popó. Uma vitória unânime.

Foi uma das melhores lutas de sua vida. Acelino machucou a mão no quinto round de tanto que golpeou o rival, mas ainda assim continuou lutando. Ganhou todos os assaltos e ainda não sabe como Kotey permaneceu de pé.

round 7

A glória da unificação

O teste contra Alfred Kotey havia sido mais que válido. O hiato fora preenchido. Acelino Freitas (30-0-0), vida nova, empresário novo, técnico novo, estava pronto para a guerra. Não havia mais brechas para que postergasse seu caminho.

Popó habituou-se, ao longo dos anos, a ouvir alguns especialistas questionando a qualidade de seus adversários. A superluta contra o cubano Joel Casamayor jogaria uma pá de cal nas críticas. O confronto, que unificaria os títulos da OMB, em posse de Acelino, e da AMB, nas mãos de Casamayor, provava a coragem do baiano. Independentemente do resultado final.

Popó poria seu cinturão em jogo contra um pugilista quatro anos mais velho, campeão olímpico em Barcelona no ano de 1992, com 26 lutas e 26 vitórias. O páreo era de gigante contra gigante, invicto contra invicto. Os dois lados não sabiam o que era perder. Um dos dois seria forçado a aprender.

Acelino decidiu voltar a Palm Springs para finalizar sua preparação. Foram três meses intensos na cidade. Ele vivia o auge de sua forma física. Estava com 26 anos e amadurecido. Feliz e focado, treinava com rigor espartano.

A fase áurea quase o atrapalhou. Acelino ofereceu quinhentos dólares a cada *sparring* local por um trabalho que se estendia de sábado a sábado. Nenhum pugilista contratado pela equipe brasileira suportou terminar a semana. Inventava um motivo e desistia, entre hematomas e cortes. Três deles acabaram machucados pelo baiano, dois norte-americanos e um mexicano.

Acelino se viu sem *sparrings* à disposição. O inconveniente foi amplificado por um detalhe: Casamayor era canhoto, ou seja, seria ainda mais difícil encontrar candidatos a fazer luva com Popó que tivessem as características do cubano. Luís Cláudio entrou em cena. O irmão, que se aposentara dos ringues e passara a ajudar Acelino, era o único que não podia dizer “não” ao árduo papel. Assistiu a alguns vídeos do adversário e se pôs a treinar como se fosse canhoto.

A fatigante rotina de treinamentos por pouco não foi interrompida por um acontecimento cômico e quase trágico. Popó corria pelas ruas de Palm Springs, para bater o peso dos superpenas, e um cachorro pastor-alemão se soltou de seu dono e avançou, instintivamente, contra o boxeador brasileiro. Ulysses Pereira, ao perceber a situação de perigo, saltou da van que acompanhava o pugilista e partiu para cima do cão. Nesse momento o dono do animal deu uma ordem e conseguiu conter o pastor-alemão. Oscar Suárez, técnico principal de Popó, questionou a atitude intempestiva do companheiro: “Que porra tu ia fazer? Está maluco?”, indagou. Ulysses retrucou sem pensar duas vezes: “Eu ia me agarrar com o cachorro para ele não morder Popó”. A gargalhada foi geral.

Em meio à preparação, surgiu a informação de que Acelino fora convidado para participar da segunda edição da *Casa dos artistas*, *reality show* transmitido

pelo SBT e sucesso de público. No ápice de sua fama, Popó declinou do desafio. Acreditou que a participação desviaria o foco de sua carreira. E ele tinha razão.

Outra proposta surgida nesses dias mexeu com o brasileiro. Acelino, por pouco, não se naturalizou norte-americano. A oferta partiu de Arthur Pelullo, que notara que o pugilista perdia muitos contratos de patrocínio nos Estados Unidos por não saber falar inglês. Morando lá, tudo ficaria mais fácil. Popó não se deixou seduzir. Só ele sabia como era duro ter de passar semanas afastado de casa e da família durante os treinamentos. Residir longe da sua Bahia e da feijoada de Zuleica era algo fora de cogitação. Acelino nunca negou suas origens, sempre teve orgulho de dizer de onde veio. A falta de incentivo no Brasil chegou a balançar, mas não falou mais alto que o patriotismo.

A superluta entre os campeões era, antes de tudo, uma disputa de estilos. Um brasileiro agressivo, nocauteador, mas que no último duelo viu sua série de 29 nocautes ser quebrada, contra um cubano técnico, rápido e eficaz, que pela postura de canhoto tentaria confundir Acelino. Dois centímetros mais alto que Popó, El Cepillo tinha cabelo quase raspado, barba por fazer e uma magreza que facilitava o baile no ringue.

Os números dimensionavam as distinções entre ambos. Em sete defesas do título da OMB, Popó disputara 24 assaltos. Em sete defesas pela AMB, Casamayor lutara 64 rounds. Na carreira, o baiano fizera trinta lutas em 106 assaltos. O latino, por sua vez, combatera em 144 rounds, em um total de 26 duelos. Os confrontos protagonizados por Acelino duravam em média 3,5 assaltos e o índice de nocautes era de 96%. Casamayor batalhava cerca de 5,5 rounds e tinha aproveitamento de 61%.

As bolsas de apostas davam leve favoritismo a Joel Casamayor por 7 a 5. Popó, alheio às especulações, condicionava-se para a disputa ao mesmo tempo em que mirava outras unificações, contra os norte-americanos Steve Forbes, campeão da FIB, e Floyd Mayweather, detentor do título dos superpenas pelo CMB. A luta entre Acelino e Casamayor era também uma chance rara de dar mais envergadura e respaldo à OMB, que crescia na Europa, mas ainda contava com olhares desconfiados nos Estados Unidos. As circunstâncias eram cristalinas: havia muito mais que uma unificação em jogo.

O páreo renderia bolsas de 1,3 milhão de dólares, 400 mil dólares para Acelino Freitas. Somada aos direitos de transmissão, a quantia era a maior já recebida pelo pugilista soteropolitano. Na véspera da luta, Popó desabafou: “Sou um campeão invicto, com sete defesas de título, e, mesmo assim, muitas pessoas não acreditam em mim. Tenho de fazer a unificação para mostrar que sou um campeão de verdade”. Casamayor não deixou por menos. Ressaltou que seria o combate mais importante de sua carreira. O jogo de palavras temperava ainda

mais a batalha. A ansiedade por uma luta adiada um sem-número de vezes seria, enfim, saciada. Chegava a hora da verdade.

Dia 12 de janeiro de 2002. O Dia D para Acelino Freitas. Cox Pavilion, cidade de Las Vegas, Estados Unidos. A majestosa arena, com 7 mil metros quadrados e 3,1 mil lugares, mostrava-se à altura da festa. O futuro de Popó estava ali, no quadrado central cercado por cordas, no polígono reservado aos guerreiros. Todas as perguntas seriam respondidas em, no máximo, 12 rounds.

Um acordo preestabelecido entre as equipes – atendendo a um pedido da Comissão Atlética de Nevada – definiu que Popó seria o primeiro a entrar no ringue e o último a ser apresentado, uma forma de agradar às duas partes. O cassino em Las Vegas havia sido palco de confrontos épicos de Sugar Ray Leonard, um dos grandes ídolos de Acelino.

Popó ambicionava, desde sempre, a conquista de um cinturão da AMB, maior e mais antiga organização de boxe do planeta, fundada em 1962, mas com raízes na década de 1920. O sonho estava debaixo do seu nariz. Só dependia dele. A confiança era reforçada pela fé de Babinha, que, antes que o filho viajasse para os Estados Unidos, repetia à exaustão: “Casamayor vai virar Casamenor”.

Na preleção da disputa, o árbitro Joe Cortez deu o seu recado: “Espero uma luta limpa. Protejam-se a todo momento e tenham muita precaução com os golpes baixos e com a cabeça. Toquem as mãos”. As palavras tinham destinatário certo. O provocador cubano Joel Casamayor era mesmo um osso duro de roer. No aquecimento, ainda de roupão, saiu de seu *corner* para bailar na frente do brasileiro, que, concentrado, se manteve indiferente à provocação.

Popó iniciou como de costume, sem deixar o oponente respirar. Dominou o centro do ringue, caminhou para a frente, marcou território com alguns *jabs* e arriscou alguns diretos. A esquiva de Casamayor estava afiada. O contragolpe, embora tímido, também. A tônica do round inaugural foi esta: o baiano encurralava, o cubano fugia. O soar do primeiro gongo elevou o espírito de Acelino Freitas. Sim, era possível vencer Casamayor. O segundo assalto foi franco e equilibrado, mas com vantagem brasileira. “Vai, Popó!” era o grito que mais ecoava das arquibancadas. Eliana era a voz que mais se ouvia.

Do lado dela, um ensurdecedor Luís Cláudio fazia tudo que podia para desconcentrar o cubano. Esgoelava-se proferindo pilhérias contra o oponente. O adjetivo mais repetido foi “cachaceiro”. Nos bastidores contavam que o latino era chegado à bebida. A cada intervalo, Casamayor olhava enfurecido para Luís Cláudio. Sinal de que o trabalho estava sendo benfeito.

No terceiro round, o relógio indicava 1 minuto e 12 segundos quando uma sequência de três socos aplicada por Popó derrubou Casamayor. O juiz abriu

contagem e o cubano, já de pé, reagiu com um sorriso irônico, contestando o *knockdown*. Argumentava que havia escorregado ao caminhar para trás. A luta recomeçou com o baiano ainda mais agressivo.

O quarto assalto foi mais morno, mas ainda com Popó comandando as ações. No quinto, Acelino já não tinha o mesmo ímpeto. A troca de golpes sem furor favorecia o campeão da AMB. Popó perdia o sexto round quando Casamayor foi penalizado por conta de dois golpes ilegais desferidos na nuca do brasileiro. No sétimo assalto, os papéis se inverteram. Acelino andava para trás, e Casamayor lançava sua ofensiva, acertando o soteropolitano com golpes contundentes. Popó tratou de se impor e retomar o controle do duelo. Fez pouco, mas o suficiente para pontuar. Ao final do round, Acelino ergueu os braços em sinal de vitória, mais para marcar um triunfo no assalto do que na luta em si. Ainda restavam cinco assaltos, mas essa era sua maneira de devolver a provocação.

Oscar Suárez e Ulysses Pereira já estavam quase sem voz de tanto berrar. Os gritos à beira do ringue eram uma luta à parte. Ao lado deles, o lutador de MMA Vitor Belfort, estrela do Ultimate Fighting Championship (UFC) e do Pride, comentava o duelo para uma emissora de TV estrangeira. Quando a rouquidão dos técnicos apertou, a saída foi apelar. “A gente cochichava as ordens para Belfort e ele gritava para Popó as nossas recomendações”, recorda Ulysses, que depois treinaria Vitor Belfort na conquista do cinturão dos meio-pesados do UFC.

No oitavo round, o cubano caiu com menos de vinte segundos. Joe Cortez dessa vez não entendeu como *knockdown*, mas como desequilíbrio. No nono assalto Casamayor foi à caça de Popó. O festival de incitações entre um e outro obrigou o árbitro a interromper o combate e pedir o cumprimento dos rivais. Acelino ganhava a luta, mas já não tinha o mesmo gás, a mesma potência. Passava a ser cada vez mais atacado. O décimo assalto seguiu no mesmo enredo. O ímpeto de Casamayor também desmoronava ante a fortaleza baiana. No penúltimo round, Popó lançou mão de movimentação, esquivas e contragolpes.

Oscar Suárez sacudiu o brasileiro no último intervalo. Gritou que ele podia fazer mais. Frisou que era preciso lutar até a morte. Um nocaute àquela altura era improvável, dado o cansaço, mas foi uma luta digna de dois campeões, dois leões, apesar da certeza de que somente um continuaria no trono. O esporte muitas vezes é implacável.

No apito final, comemorações dos dois lados. Popó e Casamayor levantaram os braços e foram erguidos por seus treinadores. O sorriso do cubano não convencia, ele parecia preocupado. Acelino externava maior convicção.

Antes mesmo do resultado, o beijo de Eliana brindou o esforço do baiano. Abraçaram-se em uma bandeira do Brasil e festejaram com a equipe brasileira.

Eliana revelaria que o casal havia passado três semanas de abstinência sexual para que Acelino se mantivesse 100% concentrado. Dormiam no mesmo quarto, mas a preparação era um ritual sagrado e cumprido à risca.

O futuro era uma incógnita. Qualquer placar seria possível. Foi a luta mais difícil da carreira de Popó. Do outro lado estava um ex-campeão olímpico, com mais de quatrocentos combates entre boxe amador e profissional. Vencedor, experiente e dono de artimanhas nem sempre lícitas. Um craque no antijogo. Acelino tomou pisões, cotoveladas, cabeçadas, chutes e joelhadas, golpes ilegais sempre disfarçados.

Casamayor, entretanto, estava longe de ser somente provocação. Sua trajetória vencedora falava por si. Suas investidas renderam ao brasileiro 38 pontos no supercílio direito e mais sete abaixo do olho esquerdo. Pela primeira vez ele sangrava durante a luta. Popó estava contundido, mas confiante de que havia atacado mais do que fora castigado.

O anúncio de que a decisão havia sido unânime calou o ringue e a plateia. Imperou o silêncio da apreensão. Os três juízes – Robert Byrd, Bill Graham e Dave Moretti – marcaram 114-112. Restava saber para quem: “O novo campeão dos superpenas da AMB e da OMB é... Acelino Popó Freitas!”. Agarrado à bandeira nacional, Popó (31-0-0) comemorava em alto e bom som a principal conquista de sua carreira. O público que lotava as dependências do cassino ecoou o seu grito.

O 10-8 anotado por todos os juízes em favor de Acelino no terceiro round pesou de maneira decisiva no resultado, assim como a penalização a Casamayor no sexto assalto pela sequência de dois golpes ilegais na nuca do brasileiro. O time do cubano ainda apelou ante a Comissão Atlética de Nevada. Em vão. Perdeu dentro e fora do ringue.

Quase dois anos e meio depois de vencer Anatoly Alexandrov e se tornar campeão do mundo pela OMB, Acelino Freitas encerrava de vez as dúvidas que pairavam sobre ele. Popó se tornara uma certeza irrefutável com o segundo título mundial. Unificara dois cinturões. Seu nome estava na seleta galeria das lendas do esporte.

Da euforia Popó partiu para o desafio. Chamou Floyd Mayweather, campeão mundial dos superpenas pelo CMB, para a briga: “Podem avisar para o Mayweather que ele é o próximo”. Ele queria mais um cinturão. Mayweather, presente no evento, chegou a subir ao ringue e aceitou o convite: “Definitivamente quero lutar com Acelino Freitas”. A disputa entre o brasileiro, considerado o maior da categoria, e o norte-americano, reputado como o mais completo entre os superpenas, prometia.

Na volta para casa, Popó foi recebido por cerca de 8 mil pessoas. Trazia mais

um cinturão afivelado. Assim como na vitória contra Alexandrov, seu primeiro cinturão, o brasileiro desfilou em uma viatura do Corpo de Bombeiros e cumpriu um percurso de quarenta quilômetros até a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, a principal de Salvador, onde agradeceu a Deus pela consagração. De lá seguiu direto para a casa da mãe, na Cidade Nova, onde se deleitou com a tradicional feijoada preparada a cada retorno.

Nesse ritmo, seu prato típico acabou ganhando fama a ponto de Zuleica ser chamada para o programa de TV da apresentadora Ana Maria Braga para preparar a sua especialidade. O encontro das duas resultou em uma passagem engraçada. Durante a conversa, Ana Maria perguntou à mãe de Popó: “Você cozinha com o quê?”. Queria saber quais eram os ingredientes utilizados, mas Zuleica não entendeu e respondeu, ao vivo, para todo o país: “Com Brasilgás”. Sem ter a intenção de fazer propaganda da distribuidora de gás de cozinha em cadeia nacional, pois era apenas falta de entendimento, o errado deu certo e Zuleica se tornou garota-propaganda da empresa. Ganhou avental, chapéu, botijões e um cachê de 50 mil reais para gravar um comercial.

O campeão unificado Acelino Freitas passou a ser cobiçado por toda a categoria. Além de ter desafiado Mayweather, Popó recebeu uma proposta para enfrentar Steve Forbes, detentor do cinturão da FIB, e um pedido de revanche de Joel Casamayor. Uma decisão da OMB frustrou os planos de todos. A organização definiu que o próximo adversário de Acelino seria o nigeriano Daniel Attah, primeiro no ranking da entidade. E Popó teria o prazo de 120 dias para pôr os cinturões em disputa. O regulamento da OMB foi seguido na definição do desafiante e no prazo para a disputa, procedimento comum a todas as organizações de boxe, e com isso os desejos dos campeões teriam de ficar em segundo plano. Funciona assim no mundo do boxe.

O pega entre Popó e Mayweather ficou ainda mais distante quando o norte-americano venceu, por pontos, em 21 de abril de 2002, o título dos pesos leves do CMB contra o mexicano José Luís Castillo, em decisão contestada. Essa categoria é um nível acima da dos superpenas.

Outro agravante era a rivalidade histórica entre o CMB e a OMB. Os organizadores do CMB disseram que certamente Popó poderia disputar o título da entidade, mas que, para isso, ele teria de abandonar o cinturão da OMB, instituição pela qual ele nutria muito carinho, por ter sido a primeira que lhe abriu as portas.

Frustração à parte, Acelino viajou para os Estados Unidos. Ele foi para Pocono, na Pensilvânia, para a reta final de sua preparação para a luta contra Attah. O africano tinha um cartel com vinte vitórias, um empate e nenhuma derrota. A fase áurea vivida por Popó possibilitou que mais brasileiros tivessem

chance nas disputas internacionais. O evento teria a participação de outros quatro lutadores nas preliminares: o peso-leve Juliano Ramos, o meio-pesado Laudelino Barros, o peso-pena Valdemir Pereira, conhecido como Sertão, e o meio médio ligeiro armênio José Archak, que estava em processo de naturalização e já defendera a Seleção Brasileira de Boxe. Pouco antes de embarcar, Acelino tinha anunciado a criação da Ali Promoções e Produções, empresa de gerenciamento de pugilistas. Archak era o primeiro boxeador empresariado pelo baiano.

A defesa aconteceu no Dodge Theater, em Phoenix, também nos Estados Unidos. Popó entrou no imponente teatro fazendo uma homenagem à Seleção Brasileira de Futebol, que acabara de conquistar o pentacampeonato mundial. Caminhou para o ringue ao som de *Festa*, música de Ivete Sangalo, que havia se tornado tema do escrete canarinho. O pugilista vestiu um roupão verde e amarelo e distribuiu bolas para a plateia. Queria repetir o sucesso de Ronaldo, Rivaldo e companhia. Queria misturar grama com ringue, bola com luva, chute com soco. Queria samba.

Attah se anunciava como uma provável repetição da tormenta chamada Casamayor: também era canhoto e, assim como o cubano, tinha fama de fazer jogo sujo. Acelino foi para a luta ciente de que seu adversário costumava dar cabeçadas propositais nos rivais. No entanto, em Attah faltava o principal: qualidade. O nigeriano foi pressionado nos 12 rounds por Popó. Arriscou alguns contra-ataques, mas nada que o ameaçasse. Acelino ainda teve um ponto descontado pelo árbitro Robert Ferrara por um golpe baixo desferido no décimo round e reclamou do excesso de cabeçadas de seu oponente, além de um pisão.

No *corner*, antes do início do último assalto, na iminência da terceira vitória seguida por pontos pela falta de nocautes, Popó desabafou: “Não tenho obrigação de nada”. O triunfo era tão certo que, no final, antes de o gongo soar, o baiano arriscou uns passos de dança. Houve quem criticasse a atitude, classificada como menosprezo a Attah, mas Acelino argumentou que se tratava de uma homenagem a Sugar Ray Leonard e Muhammad Ali. O brasileiro acabou vencendo por decisão unânime. Os três juízes – Raul Caiz, Guy Jutras e Chris Wilson – anotaram 117-110 para Popó, ante um público de quase 2,5 mil pessoas que vibraram com o campeão.

Nas entrevistas antes do duelo, Acelino Freitas (32-0-0) mirava um nocaute. Estava com saudade de finalizar os combates com os golpes arrebatadores que lhe deram fama. Tentava esconder a frustração, minimizar o assunto e exaltar o triunfo. Os números, no entanto, gritavam. O Popó de Luiz Dórea fez 29 lutas e obteve 29 nocautes. O Popó de Oscar Suárez e Ulysses Pereira tinha três lutas, todas vencidas por pontos. Dórea acredita que a mudança de comando prejudicou o lutador. A metodologia do treinador baiano fez de Acelino o artista

do nocaute. A dupla se entendia pelo olhar, tamanha a confiança. O trabalho técnico, tático e psicológico explorava o poder nocauteador do pugilista. Dórea preparava Popó para o nocaute como um artilheiro é preparado para o gol. O ex-treinador afirma que, com a nova equipe, ele perdeu a essência. Mudou seu estilo. Ulysses, por outro lado, tentou explorar a técnica do baiano, antes adormecida e calada pela agressividade. Humilde, afirma que chegou para acrescentar. Acelino Freitas se esquivava da polêmica. Resume sua posição ao dizer que se adaptou bem à nova realidade e que não quer fazer comparações.

round 8

O adeus a Babinha

Acelino já havia enfrentado muito na vida, mas não a dor da perda. Nada chegava perto do que sentiu quando Babinha recebeu, no início de 2002, o diagnóstico médico de que estava com câncer na garganta, fruto de anos e anos de cigarro e de bebida em excesso. Lutou contra Daniel Attah já ciente da doença do pai e ficou feliz de poder proporcionar a ele mais essa vitória.

Palavras não explicam o amor entre pai e filho. Popó não negava os defeitos de Babinha, mas nunca gostou de beber porque sabia exatamente os males que o álcool pode trazer a uma família. Havia outro Babinha que Popó também conhecia. Um homem com alma de boêmio, carismático, louco por Acelino.

Babinha já andava com a saúde fragilizada antes mesmo de descobrir que o caroço na garganta era um tumor maligno. Estava sempre no hospital necessitando de nebulização, já que a falta de ar causada pelo enfisema pulmonar se tornava cada vez maior.

Babinha ficou uma semana internado no Hospital Aristides Maltez, em Salvador, referência estadual no tratamento contra o câncer. Fez rádio e quimioterapia, mas não havia muito jeito: o caso era irremediável. Ninguém ousava contar a ele, mas Babinha sabia que era apenas questão de tempo.

Já muito debilitado, foi novamente internado. A consciência do pai era o que mais angustiava o filho. Babinha chamou Popó à Unidade de Terapia Intensiva e pediu a ele, quase afônico: “Eu quero ir embora daqui”. Pediu para morrer em casa. As palavras sussurradas eram uma ordem. Acelino abraçou o pai e foi dar andamento à montagem de uma estrutura de *home care* na casa da Cidade Nova. Uma ambulância transferiu Babinha do hospital para casa, onde ele tinha à disposição todos os aparelhos necessários e duas enfermeiras de plantão. Já era noite quando chegaram.

Na madrugada seguinte, às 4 horas, o telefone de Acelino tocou. Seus irmãos o chamavam com urgência. O quadro de saúde do pai havia piorado.

Já amanhecendo, Babinha cochichou no ouvido de Acelino um último desejo. Companheiro inseparável do violão e da noite, queria ouvir música antes de morrer. Era sexta-feira, dia oficial da boemia, uma razão a mais para atender ao seu apelo. Luís Cláudio e Popó correram atrás de algum colega com quem Babinha tocava os sucessos de cantores como Nelson Gonçalves e Roberto Carlos pelos becos da periferia soteropolitana. Encontraram um. O violonista fez corpo mole. Inventou uma série de motivos para não ir até lá. Os irmãos insistiram, mas acabaram voltando para casa frustrados. Não tiveram tempo de justificar a ausência de um violonista. O ponteiro do relógio chegava às 8 horas, no dia 8 de novembro de 2002. Ao lado de Acelino, Babinha deu o último suspiro. Nada disse. Descansou.

O sofrimento do pai se encerrava. O vazio do filho começava. Popó,

campeão mundial unificado de boxe, precisaria seguir em frente, transpor a lacuna deixada por Babinha. O desafio era se acostumar a não ouvir mais aquela voz malandra chamando pelo seu “galinho de ouro”. Acelino queria que o pai tivesse acompanhado um pouco mais de sua ascensão, mas Babinha havia levado o orgulho de ter visto o filho campeão mundial.

Recorda que o apoio irrestrito do pai não existia somente quando o assunto era boxe. Babinha sempre fora defensor ferrenho de Eliana – ela não era unanimidade entre os parentes por ter nascido em berço de ouro. Aconselhava o filho a ser para a mulher tudo que ele não foi para Zuleica.

Babinha deixou 16 filhos, de três mulheres diferentes, alguns tidos já depois do casamento com Zuleica – que nunca foi de papel passado. Mesmo casado, não deixou de ter suas amantes. Mais afeito às noitadas que ao trabalho, o homem tinha suas artimanhas para amaciar a mulher. Quando fazia alguma bobagem, levava um acarajé para acalmar Zuleica. Viúva, diz ela que nunca ninguém amou um homem como ela amou Babinha. Sente saudade.

Babinha faleceu segurando debaixo do braço uma pequena bolsa contendo 2 mil reais entre moedas e notas menores. O dinheiro era fruto de trocados que ele pedia a Popó sempre que o via. Era o tesouro escondido por Babinha e encontrado pelos filhos. Alegria dos netos, Babinha ganhava cinquenta reais para mergulhar na piscina da casa de Acelino à noite. Ignorava a água gelada para ver o sorriso no rosto das crianças, mas também o dinheiro em seu bolso.

Acelino ficou cerca de cinco meses sem pisar no ringue. Perdeu o pai e um incentivador. Por mais difícil que fosse, era necessário continuar. Todos ao seu redor dependiam de suas vitórias. E sua carreira estava em jogo.

Passado o longo luto, o retorno aos ringues foi anunciado. O oponente seria o mexicano Gabe Ruelas, de 32 anos, que ganhou notoriedade após o drama que se tornou a sua luta contra o colombiano Jimmy Garcia, em 6 de maio de 1995. Ruelas, então campeão mundial pelo CMB, defendia seu título e, no 11o round, acertou uma sequência de golpes que fez o desafiante desmaiar. Garcia ficou em coma e morreu 13 dias depois. Considerado uma promessa do esporte, Ruelas viu sua carreira declinar após a tragédia. Perdeu o cinturão já no duelo seguinte, chegou a parar de lutar e demorou a se recompor. A Showtime, transmissora do evento, terminou vetando o nome de Ruelas para a luta em 6 de fevereiro de 2003, alegando a baixa qualidade dos últimos rivais do mexicano.

No dia seguinte, outro mexicano, Juan Carlos Ramírez, foi anunciado como adversário de Popó. Acelino foi fazer sua preparação em Porto Rico e levou, com a equipe técnica, sua cozinheira Márcia Santos. Queria se manter fiel ao tempero caseiro. Nas semanas anteriores ao duelo o lutador chegou a receber o convite para posar nu em uma revista masculina, mas recusou. Não havia

momento mais inapropriado para essa proposta.

O calendário chegava ao dia 15 de março de 2003. Popó teria de lutar. A disputa lotou os quase 7 mil lugares do UIC Pavilion, em Chicago, nos Estados Unidos. Iniciou a luta com a mesma concentração de sempre, a mesma sede de sempre. Estava no ringue, nada mais existia. Dominou o centro do tablado, castigou o rival e, em alguns momentos, partiu para a troca franca. Fez lembrar o Popó dos velhos tempos, menos técnica e mais coração. Mesmo deixando espaço para os contragolpes, o brasileiro era mais contundente e preciso que o mexicano.

No segundo round, em uma virada inesperada, Acelino foi ao chão em meio a uma sequência de ataques. O juiz Genaro Rodríguez abriu contagem. Popó logo se levantou. Fez sinal de negativo com a cabeça, como que argumentando que a queda havia sido mero desequilíbrio. Eliana não aguentou ver o marido ser derrubado e saiu do ginásio. Foi para o vestiário. Retomou o combate, mas, no afã de recuperar o ritmo, passou da conta. Acabou acertando um golpe baixo e o público vaiou o baiano.

Aquela manifestação da torcida deixou Popó engasgado. Era hora de virar o jogo. No terceiro assalto precisou somente de 23 segundos para estirar o mexicano na lona e ver a multidão de novo ao seu lado. Um direto de direita e uma sequência de socos determinaram o *knockdown*. Tonto, Ramírez se agarrou ao brasileiro e se viu cada vez mais acuado pela mão de pedra do campeão. A trinta segundos do fim do round, outro direto certo, e outra queda aplicada por Popó. O mexicano ainda tentou continuar, mas o gongo soou como alívio para os socos desferidos pelo baiano. O quarto assalto chegou com *script* já traçado, inevitável. Ramírez quase não tinha forças para retornar do *corner*. Acelino, ciente do abalo causado, não deixou o desafiante nem respirar. Precisou de apenas 19 segundos para prensar o cambaleante latino nas cordas e ver o árbitro dar a luta por encerrada.

Um choro incontido nocauteou Popó (33-0-0). O abraço emocionado no irmão Luís Cláudio sinalizava que aquela era uma vitória da família Freitas. Os cinturões da AMB e da OMB estavam mantidos. A invencibilidade estava mantida.

Acelino dedicou a Babinha aquele triunfo. De filho para pai. De ídolo para fã. Do amor incondicional nutrido por Babinha, Popó tirou forças para voltar a vencer por nocaute após três lutas consecutivas decididas por pontos. “Meu pai sempre me pedia um nocaute no terceiro ou no quarto round. Dessa vez não passou do quarto. Estou muito realizado como filho”, declarou ele em entrevista coletiva após o duelo.

O nocaute não pôs fim às turbulências na vida particular do lutador. Mal

havia superado a perda do pai, Popó teve de se acostumar a outro doloroso adeus. A cabeça estava fora do lugar e as discussões eram frequentes. Pouco depois do duelo com Ramírez o baiano se separou de Eliana Guimarães. Em entrevista ao portal UOL, em 6 de maio de 2003, Acelino anunciou o rompimento para evitar a proliferação de boatos: “Fizemos de tudo para ficar juntos. Mas, depois de um ano e meio, percebemos que não era mais isso que a gente queria. Não estava mais legal. Faz um mês que terminamos nosso relacionamento e eu não contei para ninguém. Decidi falar agora porque, uma hora ou outra, alguém ficaria sabendo. Sou um ídolo e as pessoas querem saber sobre minha vida”.

As tatuagens foram apagadas da pele do casal – ele tinha o rosto dela desenhado na perna direita e ela, uma estrela com a letra P no pescoço. A empresária viajou para Madri. Ficou noiva de um espanhol. O pugilista foi para Goiânia. Um patrocínio do governo local e um *affair* na cidade guiaram o boxeador ao planalto, mas Acelino não queria saber de compromisso. O momento era outro.

Nem a proximidade da luta contra o argentino Jorge Rodrigo Barrios devolveu o foco a Popó. Pelo contrário. Solteiro, o pugilista comprometeu sua preparação em Vero Beach, na Flórida, com farras e mulheres. Acelino revela que, em plena véspera da defesa dos títulos da AMB e da OMB, recebeu três mulheres na concentração. Um campeão em desalinho.

O oponente, conhecido pelo apelido de La Hiena pelo tino galhofeiro, provocou o quanto pôde antes do confronto. Em entrevista coletiva, declarou que o baiano “precisava cortar o cordão umbilical”, uma referência ao fato de sua mãe, Zuleica, ter viajado para a Flórida. Barrios não sabia – ou fingiu não saber – que era a primeira vez que ela acompanhava o filho em uma luta e que o fez ainda fragilizada pela morte do marido. O argentino, com 39 vitórias, um empate e uma derrota, ainda insistiu na ironia típica: “Mas é melhor que ela esteja lá. Será a única capaz de reconhecê-lo depois de sábado”.

Acelino respondeu com seriedade: “Barrios falou demais. Tudo bem. Isso faz parte do espetáculo. Mas somos profissionais e vamos lutar em cima do ringue, onde falam os punhos, e não as palavras”. Mais relaxado, em uma entrevista posterior devolveu o chiste: assegurou que o público não teria tempo nem de dar o segundo gole no chope, de tão meteórico que seria o seu triunfo. “Barrios fez gesto para mim, me chamou de veado e de corno, xingou minha mãe, falou que iria fazer e acontecer. Rebatí que iria arrancar a cabeça dele e descontar dentro do ringue todas as besteiras que ele disse”.

Popó, na época, despistava quando era questionado se a separação de Eliana afetaria o seu desempenho. “Sou profissional. Não vou permitir que isso interfira

no meu treinamento”, disse Acelino em uma coletiva de imprensa anterior ao combate. Anos mais tarde, reconhece que a história era bem diferente. Acelino entrou na Miami Arena, em 9 de agosto de 2003, com o preparo físico e psicológico em xeque. O clima na equipe era dos piores. O temor de uma derrota perturbava o pugilista. A cabeça não estava boa.

Uma luta igual entre desiguais. Assim pode ser definido o confronto de Popó contra Barrios. O abismo que havia entre ambos foi desfeito pelo mau condicionamento do brasileiro. No instante em que o árbitro norte-americano Jorge Alonso dava suas últimas instruções para iniciar a luta, Acelino revidou uma das tantas provocações do oponente: “¿Y ahora, maricón, vamos a ver quién es más macho?”.

A tenacidade das palavras não se refletiu nos golpes. Nos três primeiros rounds o equilíbrio prevaleceu. A torcida era toda do brasileiro e tentava empurrar, no grito, um campeão que parecia inerte ao incentivo. Um *upper*, um direto de direita, mas nada muito efetivo. No quarto assalto o baiano esteve abaixo da crítica. Imóvel e óbvio, foi presa fácil do argentino. No vestiário, de costas para o telão, Zuleica rezava.

A luta se arrastava. As mãos de Popó pesavam. Por outro lado, o supercílio esquerdo de Barrios, aberto no terceiro round, jorrava cada vez mais sangue. Acelino cresceu no combate, mas no oitavo assalto foi surpreendido por um contragolpe e caiu sentado. Reergueu-se, sorriu, voltou, bateu, levou. Barrios, ferido e valente, atacava com confiança. Sentia-se capaz de dobrar o campeão. E assim o fez. O argentino aplicou o segundo *knockdown* em Popó aos 21 segundos do 11o round. Um direto contundente derrubou o favorito. O espanto foi geral. Ninguém parecia acreditar no que estava acontecendo na Miami Arena.

Acelino não se entregou. Retornou para uma disputa que parecia cada vez mais perdida. Retornou para deixar o coração no ringue. Retornou para, uma vez mais, cravar seu nome na história. Como um craque que, em noventa minutos, só precisa de um lance para decidir o jogo, Popó esperou o último segundo do penúltimo assalto para fazer sua jogada de gênio. A arrancada de Ronaldo Fenômeno. O toque preciso de Romário. O passe milimétrico de Zidane. A mão de pedra de Acelino. O direto de direita explodiu no rosto de Barrios com mais ímpeto que o gongo. O argentino tombou duro, em câmera lenta, os braços abertos e endurecidos, ante a explosão de uma torcida que presenciava o impossível se tornar realidade.

Barrios, ensanguentado e desnortado, ainda tentou voltar para o último round, mas já havia perdido o rumo. Cambaleou, caiu mais duas vezes e viu o juiz dar a guerra por encerrada. Popó (34-0-0), quase nocauteado, quase derrotado, mais campeão que nunca, chorava aclamado pela multidão e

fortalecido por uma epopeia que escapou de todos os prognósticos.

“A luta se tornou dramática pelo fato de eu ter abusado durante a preparação. Levei mulher para meu treinamento, para o quarto, queria aproveitar de todo jeito, aí acabei fazendo com que o duelo fosse mais difícil do que deveria. Foi algo que nunca tinha acontecido antes. Fiquei perdido durante a luta, bem menos preparado do que deveria”, ponderou Acelino.

A primeira frase pronunciada após a vitória foi “Meu pai está aqui comigo”. Às lágrimas, o boxeador saudava a memória de Babinha na madrugada do segundo domingo de agosto, Dia dos Pais. Dedicou o triunfo homérico a todos os pais do Brasil. O combate foi eleito a luta do ano pela OMB e o 11o assalto, escolhido o melhor round de 2003 pela ESPN e pela revista especializada *The Ring*, a mais tradicional publicação sobre o pugilismo. A disputa é reputada, ainda hoje, como a maior luta da história do boxe latino-americano.

A mesma *The Ring* listou Popó no seletivo grupo dos vinte boxeadores que formavam a elite do esporte. O brasileiro estava ladeado por figuras do porte de Lennox Lewis, Chris Byrd, Roy Jones Jr., Evander Holyfield, Mike Tyson, Oscar de la Hoya, Shane Mosley, Arturo Gatti e Floyd Mayweather. Acelino Freitas ainda foi escolhido o melhor lutador peso por peso de 2003 pela AMB.

O maior prêmio ainda estava por vir. Na religião Acelino encontrou o alento que o corpo pedia e a alma procurava. Meio ano distante de Eliana, a saudade deu o empurrão e Deus, a luz. Em outubro de 2003, o baiano soube, por meio de amigos, que ela havia rompido o noivado com o espanhol. Estava solteira. Popó buscou a reaproximação. Eliana interpretou o gesto como um sinal. Convenceu o então católico Acelino a entrar com ela na Igreja Batista Caminho das Árvores, do bispo Átila Brandão. Disposto a tudo para ter a ex-mulher de volta, ele aceitou. Os dois entraram na igreja separados. Saíram casados.

A vitória heroica contra Jorge Barrios foi a última de Popó como superpena. A rotina de sacrifícios para bater 58,967 quilos, entre dietas rigorosas e duras sessões de sauna, liquidava o baiano. O peso normal do atleta variava entre setenta e 75 quilos. Baixar até o limite da categoria era uma luta à parte antes de cada duelo.

Popó pediu autorização à Showtime, transmissora de suas lutas, e fechou acordo com a OMB para subir, em grande estilo, para os pesos-leves (61,235 quilos): o brasileiro disputaria o título da divisão com o experiente armênio Artur Grigorian, de 36 anos, detentor do cinturão, invicto, e cujo cartel incluía nomes de gabarito como os dos ex-campeões Stefano Zoff e Raul Balbi.

A guinada de peso, além do alívio, deixaria Acelino na cola de Mayweather, a quem chegou a desafiar nos superpenas e que subira de categoria em 2002. Além disso, não seria bem uma novidade para o soteropolitano atuar entre os

pesos-leves. Suas 17 primeiras lutas foram nessa faixa de peso, até 61,235 quilos. Popó encarava a situação como um retorno.

A mudança gerava dúvidas. Acelino já estava habituado a ser superpena. Era, sem discussão, o melhor pugilista de sua divisão. Em uma categoria acima, enfrentaria rivais mais fortes, com a mão mais pesada. No boxe, vitórias pesam gramas. Nos dois quilos que separam os superpenas dos pesos-leves, poderia caber o fracasso ou o sucesso.

Uma forte gripe quase nocauteia o brasileiro dias antes da luta contra Grigorian. Em vez de isotônico, vitamina C. Em vez de ringue, cama. Acelino precisou amenizar o treinamento em Palm Springs para ficar de pé. Adoentado e tonto com o fuso norte-americano, chegou a dormir até as 14 horas em um dos dias. Recuperado, Popó chegou tinindo para a disputa que punha o campeão na condição de desafiante.

Foxwoods Resort Casino, Connecticut, Estados Unidos, 3 de janeiro de 2004. O ano de Acelino Freitas começava ali. O pega ainda colocava em jogo o futuro das transmissões de suas lutas. Era o último combate do contrato com a Showtime. A HBO sondava o baiano. Popó precisava convencer as emissoras de que seus duelos valiam a pena.

Na entrevista concedida na véspera do confronto, o armênio foi comedido nas palavras: “Deus é que vai decidir como a luta vai terminar, mas vou dar tudo de mim para tornar a decisão mais fácil para Deus”. Acelino, para reforçar o laço divino, entrou no ringue com uma roupa que estampava passagens bíblicas em inglês. A própria equipe de Grigorian apontava certo favoritismo para o desafiante Popó, pelo fato de o europeu vir de quase um ano de inatividade, em decorrência de uma cirurgia no ombro.

Dono de um bigode inconfundível e cabelo penteado para o lado direito, Grigorian carregava como emblema o apelido de Rei Artur, figura lendária britânica que, segundo a tradição da Idade Média, teria liderado a expulsão dos invasores saxões no Reino Unido no século VI. Domínio sedimentado na Europa, o Rei Artur dos ringues fazia sua primeira luta nos Estados Unidos.

A disputa começou com um *script* diferente do habitual. Popó trocou o ataque inicial pela tática do estudo. Nos dois primeiros rounds o baiano foi pouco efetivo. No terceiro, viu Grigorian tomar conta do ringue. Mas não deu brecha à ameaça vinda do armênio. A luta, para Acelino, começou no quarto assalto. Na marca de 1 minuto e meio, aplicou um *knockdown*. O golpe deixou o europeu atordoado. A diferença de sete centímetros a favor de Grigorian pouco importava. O boxe agigantava Popó. Os *jabs* e as combinações começaram a aparecer. O peso das mãos do soteropolitano se sobressaía.

No sexto round o armênio caiu pela segunda vez. O ímpeto do brasileiro

crescia. O domínio também. O nocaute parecia cada vez mais iminente. O sétimo assalto seguiu o mesmo enredo dos anteriores, com a terceira queda de Grigorian, que chegou a contestar a abertura da contagem pelo árbitro Eddie Cotton. Incontestável mesmo era a superioridade de Acelino Freitas, que conseguiu outro *knockdown* a meio minuto do término do oitavo round. Nos quatro assaltos finais Popó manteve o controle. Nem mesmo o ponto descontado no 10o round, por conta do terceiro golpe baixo desferido contra o armênio, mudou os rumos de uma luta até certo ponto tranquila. Às 3 horas, já no meio da madrugada, a disputa registrava a audiência média de 16 pontos na Globo, expressiva para o horário.

Rei Artur sucumbia pela primeira vez. Reputado nos livros como monarca imbatível e responsável por livrar o Reino Unido das invasões inimigas, o personagem britânico é figura histórica controversa, cuja existência nunca foi comprovada. Popó era a lenda do mundo real, o rei dos nocautes, o cavaleiro sem armadura. E, a partir daquela noite, por decisão unânime dos juízes (115-108, 116-107 e novamente 116-107), ele se tornava também imperador em uma nova categoria. De joelhos, festejou o título de campeão dos pesos-leves da OMB, uma conquista histórica, que o igualava a Éder Jofre – até então o único brasileiro a faturar o título mundial em duas categorias diferentes. Na mitologia do boxe, havia um homem maior que o rei Artur, e este homem era Popó.

Acelino (35-0-0) teria sessenta dias para escolher se ficaria com o recém-conquistado título dos pesos-leves da OMB ou com o cinturão unificado dos superpenas. A decisão já havia sido tomada, mas Popó resolveu esticar a permanência nos Estados Unidos com Eliana para aprender a esquiar em meio ao rigoroso inverno norte-americano. Retornou ao Brasil no dia 8 de janeiro, quando anunciou que permaneceria nos pesos-leves. O baiano abandonou o título unificado após a marca de dez defesas na OMB, que lhe rendeu a alcunha de supercampeão, e três na AMB.

Em uma viagem a Caracas, capital da Venezuela, onde recebeu o prêmio de melhor lutador do ano de 2003 em 3 de fevereiro de 2004, Popó se encontrou com Don King, ex-empresário de Mike Tyson, Evander Holyfield e Lennox Lewis. King teceu elogios públicos a Acelino. Longe dos holofotes, fez uma proposta para passar a agenciar o brasileiro. Don King chegou prometendo mundos e fundos. Disse que lhe daria ouro, que haveria joias debaixo da sua cama e diamantes em cima do colchão. Popó balançou, mas não se iludiu. Preferiu continuar com Arthur Pelullo. Já ganhava dinheiro suficiente para viver bem, para sustentar os filhos e dar a eles o melhor. Zuleica não passava mais por apertos. Acelino, desde que se casou com Eliana e desfez a parceria com a Oficina de Ideias, gozava de um padrão de vida diferenciado.

O nome de Popó atingia uma dimensão imensurável. Em uma reportagem exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, foi questionado pelo jornalista Geneton Moraes Neto sobre qual celebridade brasileira gostaria de conhecer e ainda não havia tido a oportunidade. “Uma das grandes figuras que eu não conheci ainda é Popó”, respondeu sem titubear. O desejo do rei foi uma ordem. Um almoço selou o encontro. Uma fotografia registrou o momento histórico.

round 9

A primeira derrota

Unanimidade como pugilista, condenável como homem. O novo desafiante de Acelino Freitas era o norte-americano Diego “Chico” Corrales, de 26 anos. O lutador tinha um currículo respeitável no boxe, com 38 vitórias e apenas duas derrotas, uma para Floyd Mayweather e outra para Joel Casamayor, ambas por nocaute técnico. Chegava com moral para enfrentar Popó justamente por ter conseguido, em sua última luta, devolver o revés contra Casamayor, em um triunfo fruto de decisão dividida dos juízes. Assim como o brasileiro, tinha fama de nocauteador pelas 32 vitórias encerradas antes dos 12 rounds previstos.

Havia outra faceta naquele campeão. Um Corrales desprezível, que de maneira alguma era passível de admiração. O norte-americano foi preso em 2001 por espancar sua mulher, grávida do terceiro filho. Cometeu a agressão azucrinado por ligações telefônicas que davam conta de que ele estava sendo traído. Ficou um ano e meio na cadeia e voltou ao boxe em 2003.

O combate entre Popó e Corrales foi vendido como tira-teima para saber quem era o melhor nocauteador. Diego Corrales – pele morena, cara de mau e o corpo talhado por tatuagens – tinha uma vantagem significativa: media 1,80 metro, 12 centímetros mais que Acelino. “Ele é um pegador duro, boxeia bem e é um excelente contragolpeador, mas sou ainda melhor nos contra-ataques e muito mais veloz. Estou pronto para ele. Se eu o atingir em cheio, a luta acabará. Vou mostrar quem pega mais”, o baiano afirmou em teleconferência que antecedeu a disputa. Popó foi para a luta sem assistir a nenhum vídeo de confrontos anteriores de Corrales. Minimizou o fato alegando que boxeadores costumam mudar de estratégia a cada oponente. Acreditava que bastava olhar para si mesmo. A subestimação poderia ter um preço a pagar.

O grande envolvimento com a religião evangélica preocupava os que cercavam Acelino. Os treinos diários em Pocono, região montanhosa na Pensilvânia, eram regados a música gospel e orações guiadas por um missionário que fora contratado como tradutor da equipe. Havia o receio de que a religiosidade em excesso tirasse o ímpeto de sua mão de pedra. Popó garantia que não. Usava a esquiva para despistar o temor alheio.

O combate ocorreu em 7 de agosto de 2004 no Foxwoods Resort Casino, mesmo palco da última luta de Popó. Acelino entrou ovacionado pelo público e aclamado por Eliana. Diego Corrales também tinha uma ala fiel. A diferença de altura entre ambos era gritante, mas no início o baiano compensou o desequilíbrio físico com movimentação no tablado e rapidez nos golpes. Começou acertando bons *jabs* e diretos em Corrales, para delírio da torcida. O primeiro round foi para a conta do brasileiro com certa facilidade.

No segundo assalto, um destemido Popó continuava à caça do adversário. Os contragolpes do rival ameaçavam, mas o soteropolitano seguia superior. O

terceiro round contava somente dez segundos e Acelino acertou o oponente com firmeza. Corrales sentiu, os gritos da plateia foram instantâneos, mas quando se esperava que Popó encurralasse o norte-americano, ele andou para trás. Refugou. Faltou fome. Popó venciu, pontuava, mas faltava contundência.

O quarto, o quinto e o sexto assalto seguiram no mesmo ritmo. Corrales dominava o centro do ringue e perseguia Acelino de forma infrutífera. O baiano bailava e atacava, mas sem impor nenhuma combinação mais efetiva.

O cansaço começou a incomodar Popó a partir da metade da luta. Já no final do sexto round Diego Corrales passou a acertar mais socos. No intervalo, uma frase de Ulysses resumiu o espírito da equipe de Acelino. Um erro de estratégia que custaria caro. “Vamos lá. Esse é o Popó. Você não tem de se preocupar em nocautear. Você tem de marcar seus pontos.”

Acelino teve chance de buscar o nocaute. Não o fez. Preferiu o comedimento. O desgaste físico pesou nas pernas. Popó já não conseguia se movimentar como antes. Mais lento, fincado em pontos fixos, se tornava alvo fácil para o boxeador mais alto que já havia enfrentado. Corrales percebeu a fadiga do oponente e passou a ousar cada vez mais. A torcida gritava o nome do brasileiro, mas o corpo parecia não responder. O último gesto maior do campeão foi a vinte segundos do término do sétimo assalto, quando uma esquiva e um cruzado de esquerda balançaram Diego Corrales. Depois disso, Acelino uma vez mais fugiu de si mesmo, de sua essência.

Mais inteiro, Corrales voltou ao oitavo round para decidir. Popó estava esgotado. Acuado nas cordas, sofreu um direto no queixo e caiu. Levantou-se, soltou o protetor bucal e ganhou alguns segundos para respirar. O combate se invertia. Arfante, Acelino tentou reagir no nono assalto, mas lhe faltavam forças. Tentou um ataque, abriu a guarda e sofreu o contragolpe característico de Diego Corrales. Novo *knockdown*. Reergueu-se combalido, o olhar perdido, a cabeça em sinal de negativo. Teve um ponto descontado por deixar cair o protetor de maneira proposital pela segunda vez.

Popó sentou-se no *corner* cabisbaixo. Presentia a derrota. Retornou para o décimo round tentando buscar o improvável. Já era impossível. Os torcedores norte-americanos, cada vez mais barulhentos, gritavam o nome de Corrales. Os brasileiros engoliam em seco, silêncio de incredulidade. Diego Corrales castigava, Acelino Freitas resistia. O relógio marcava 1 minuto e 24 segundos e Popó sofreu a terceira queda. Valente, o baiano ainda ficou de pé, esperou o árbitro Mike Ortega abrir contagem e chegou a fazer um sinal de que estava apto a seguir no duelo. Tolo engano. Em um segundo tudo mudou. Um olhar para o técnico Oscar Suárez e suas luvas fizeram o sinal da desistência. Popó perdia de maneira inapelável. Esperou 36 lutas para sentir o amargo sabor da derrota pela

primeira vez.

Resignado, apenas olhou para o céu e recebeu o abraço emocionado de Oscar. Suas únicas palavras no ringue foram endereçadas a Eliana: “Estou bem”. O carinho dela era o maior consolo do agora ex-campeão. O abraço em Corrales era o reconhecimento de que o rival fora superior.

Acelino reflete que estava bem até o oitavo round, mas fez a estratégia errada. Deveria ter ido para cima, mas recuou. O próprio Diego Corrales disse após a luta que, se Popó tivesse continuado fazendo pressão, o teria nocauteado. Acelino entendia que o revés também fazia parte do esporte. O pugilista baiano era o atleta brasileiro em atividade que havia permanecido por mais tempo no topo do mundo: cinco anos. Não é pouco.

Nada que Popó (35-1-0) fizesse dali em diante apagaria o que aconteceu. As derrotas fazem parte da vida e do esporte. Machucam, incomodam, chateiam, mas também ensinam, amadurecem, fortalecem. A queda é inevitável. Acelino precisava digerir a perda da invencibilidade e ter a convicção de que o mundo não acabava ali.

Popó tentou encarar o revés, brioso. Deixou o ringue cantarolando uma música religiosa que marcou sua reconciliação com Eliana e sua entrada na Igreja Batista. Buscava a fé como motor para o recomeço. Apesar disso, ainda seria golpeado outra vez antes de deixar o Foxwoods Resort Casino.

Descansava no vestiário quando seu irmão, Luís Cláudio, invadiu o local como um furacão, enfurecido. Apontou o dedo na cara de Acelino e berrou: “Você não é o Popó que eu conheço. Quem ensinou Popó a boxear fui eu. Popó é aquele que entra, vai para o pau e põe no chão. Você não é mais meu campeão. Ainda bem que meu pai não viu você perder desse jeito. Ele teria vergonha”.

As palavras do irmão doeram mais que qualquer dos socos de Corrales, não seria fácil digerir aquele sermão. Luís Cláudio não concordava com o treinamento realizado por Oscar Suárez e Ulysses Pereira. Fazia parte do *corner*, mas o carimbo final era dos técnicos. As divergências entre o ex-pugilista e a dupla se exacerbaram após a derrota para Diego Corrales. Segundo Luís Cláudio, Popó perdeu por causa de seus treinadores. Era o mais ferrenho crítico da metodologia de Oscar e Ulysses. Não admitia ver um nocauteur andando para trás na hora de boxear. Julgava inconcebível.

Acelino se esquivou de uma discussão com o irmão. Foi para o chuveiro. Ficou lá por longos minutos. A água gelada esfriava o corpo e acalentava a alma. Reconhecia que havia merecido a derrota, mas, ao mesmo tempo, desejava reerguer-se.

Popó voltou ao Brasil e do aeroporto foi direto para uma unidade de saúde. Os golpes de Corrales fizeram o baiano se queixar de intensas dores de cabeça.

O atleta foi internado no Hospital Aliança, em Salvador. O exame realizado pelo neurologista Aroldo Bacelar detectou um pequeno sangramento interno. Ouviu da equipe médica que, se tivesse continuado a luta, poderia até ter sofrido um derrame. Acredita que foi a voz de Deus que o orientou a desistir naquele momento. Cinco dias depois, o sangramento cessou, e Acelino recebeu alta médica.

O primeiro passo do recomeço foi um pedido público de revanche contra Diego Corrales. Acelino Freitas tinha certeza de que, para dar a volta por cima em grande estilo, nada melhor que vencer seu algoz. Sabia que poderia derrotá-lo caso adotasse a estratégia certa. Era como se Corrales fosse o antídoto para curar todos os males, para fazer o baiano recobrar a altivez perdida. O boxeador, entretanto, declinou. Recusou um, dois, três, vários convites feitos pela equipe de Popó. O norte-americano concedeu revanches posteriores ao mexicano José Luís Castillo e a Joel Casamayor, mas sempre negou a Acelino a chance de um novo combate. É como se pressagiasse o insucesso e não abrisse mão da insígnia de ter conseguido o que nenhum outro boxeador conseguiu: destroçar o tricampeão mundial Popó. Acabou perdendo o cinturão dos pesos-leves da OMB por não ceder aos apelos de desforra feitos pelo brasileiro.

Popó tentou por anos uma redenção que nunca veio. Diego Corrales morreu em 7 de maio de 2007 em um acidente de moto em Las Vegas. Tentava ultrapassar um caminhão a uma velocidade estimada em 160 quilômetros por hora, quando colidiu na traseira de outro veículo. Seu corpo foi arremessado por cerca de cinquenta metros. O laudo apontou que ele havia ingerido bebida alcoólica em excesso. A morte de Corrales enterrou o sonho da revanche alimentado por Popó desde o minuto em que perdeu aquela luta. Acelino teria de conviver com a frustração. Não havia outro jeito.

Apesar da derrota para Corrales, Popó retomou o passo de cabeça erguida. Primeiro colocado no ranking dos pesos-leves da OMB, teve seu retorno marcado para 11 de dezembro de 2004 contra Yuri Romanov, de Belarus. Um acordo com o governo estadual de São Paulo permitiu que o combate fosse promovido no ginásio do Ibirapuera, um marco na cidade de São Paulo, com capacidade para 11 mil espectadores. Acelino considerava essencial o calor da torcida brasileira para se reerguer. Tudo encaminhado, Romanov desistiu do duelo. Outros nomes foram sondados, como o polonês Matt Zegan e o argentino Victor Castro, que também rejeitaram a proposta. O vaivém só teve fim com a escolha do também argentino Fernando David Saucedo, de 23 anos, com um cartel de 16 vitórias, três derrotas e um empate. Boatos davam conta de que, vencendo, Popó desafiaria o mexicano Júlio Díaz, campeão dos pesos-leves pela FIB. Díaz foi *sparring* do brasileiro no confronto contra Casamayor.

Quem esperava uma luta fácil contra Saucedo se surpreendeu. Popó afirmara nas entrevistas antes da disputa que queria encerrar o duelo de maneira fulminante. Assegurou que ressuscitaria a pegada perdida. Prometeu nocaute. A realidade fugiu dos planos. Acelino, se não chegou a passar apuros, teve trabalho diante do argentino, que sofreu um *knockdown* no nono round, mas conseguiu fugir dos diretos de direita letais do ex-campeão e vendeu caro a derrota. Saucedo aguentou os golpes de pé e, na raça, foi até o fim.

O som do gongo no encerramento do décimo e último round levou o ginásio do Ibirapuera à loucura. Os juízes Osvaldo Zuanella (100-88), Durval Ribeiro (100-87) e Sumaia Alakra (100-86) registraram o óbvio: a vitória unânime, e por pontos, de Popó (36-1-0). Um sorriso tímido voltou a estampar o rosto do brasileiro. O beijo de Eliana deixou de ser consolo para tornar a ser prêmio. O gosto da vitória era, uma vez mais, saboreado. Pela primeira vez em muito tempo, Acelino não tinha um cinturão para erguer. O jeito foi erguer o microfone e fazer uma promessa ao país: “O verdadeiro campeão luta até o fim e eu vou lutar até o fim. Podem ter certeza de que eu vou conquistar o título mundial pela quarta vez”. Os aplausos do público se misturavam à música *Gonna fly now* [Vou voar agora], do personagem Rocky Balboa, interpretado por Sylvester Stallone. Os personagens da realidade e da ficção se misturavam no *script* da redenção.

A sequência da carreira era mais uma vez uma incógnita. A luta com Júlio Díaz, dada como certa após contrato assinado com o campeão dos pesos-leves da FIB, foi cancelada depois que o mexicano abdicou do título para encarar José Luís Castillo, detentor do cinturão do CMB. A rede de televisão HBO, em seguida, ofereceu a Acelino que subisse para o meio-médio-ligeiro (até 63,503 quilos) para uma superluta contra o ítalo-canadense Arturo Gatti, campeão da categoria pela AMB. Popó aceitou, mas, outra vez, viu um adversário desistir da disputa. Gatti refugou após a oferta para confrontar Mayweather.

A indefinição poderia minar o baiano. A inatividade era um oponente traiçoeiro. Popó vivenciou vácuos na carreira em momentos cruciais, como no rompimento com a Oficina de Ideias e na morte de Babinha. O tempo ensinou que não dava para esperar a vida passar. O combate contra o panamenho Fabian Salazar era um pouco disso. O latino tinha 21 vitórias e 13 derrotas, um cartel para lá de duvidoso, mas serviria como preparação para o duelo de maior envergadura que se avizinhava. Acelino não podia sequer pensar em perder.

Popó, em meio à preparação para a luta, descobriu que seria pai do sexto filho. Experiente no assunto, vibrou como se fosse a primeira vez. Tinha motivo: era o primeiro filho planejado do baiano, fruto do casamento com Eliana Guimarães. Eliana fez um pedido a Acelino durante a gestação, e desejava de

mulher grávida não se contesta: ela cobrou a volta dos nocautes. Lançou mão de vídeos de lutas antigas do pugilista e o persuadiu a demonstrar o instinto que lhe dera fama mundial e que havia se perdido no meio do caminho.

Acelino realizou a vontade de Eliana lá mesmo em Salvador, no ginásio Antônio Albino. No reencontro com o passado, com o palco que era parte indissociável de sua história, com o local onde dera seus primeiros passos no pugilismo, um reencontro com as raízes. Um Popó fulminante voltava a vencer por nocaute no primeiro round depois de nove lutas. Salazar foi aniquilado decorridos apenas 2 minutos e 28 segundos do assalto inicial. Era a vitória que faltava para devolver confiança ao ídolo brasileiro. Pouco importava se Salazar não era um adversário de primeira linha. E nem mesmo se aquela era sua 14a derrota na carreira. Pouco importava se o panamenho não estava no nível dos últimos oponentes de Popó. O que importava mesmo era ver os olhos de águia e o coração de leão de volta. Tudo o mais soava insignificante. Era o 32o nocaute de Acelino (37-1-0).

round 10

O tetra e o fim

O triunfo revigorou o lutador. Acelino tinha um leque de campeões como possíveis oponentes: Juan Díaz, detentor do cinturão dos pesos-leves da AMB; Leavander Johnson, dono do título da FIB na mesma categoria; e o carrasco Diego Corrales, campeão unificado da OMB e do CMB. A luta com Díaz travou em razão de pormenores burocráticos, como a dificuldade da ESPN, que transmitiria o duelo, em achar uma data. Johnson, por outro lado, acabou falecendo em 23 de setembro de 2005, aos 35 anos, em decorrência de complicações após o nocaute técnico sofrido no 11o round contra Jesus Chávez, no qual perdeu o cinturão da FIB. O norte-americano ainda passou por uma cirurgia no cérebro, ficou em coma, mas não resistiu. E Corrales foi destituído do posto de campeão da OMB pela recusa em aceitar, mais uma vez, o pedido de revanche de Acelino.

A entidade decidiu, então, que o título vacante dos pesos-leves seria disputado por Popó e o norte-americano Zahir Raheem, de 29 anos, que em sua última luta protagonizara uma das maiores zebras da década ao bater o mexicano Erik Morales – favorito no combate e a quem Acelino esperava enfrentar – por decisão unânime. Raheem carregava consigo a marca expressiva de 27 vitórias e uma derrota.

Meses antes do duelo definitivo, no dia 3 de setembro de 2005, nascia Acelino Popó Guimarães Freitas Jones, o Popozinho. O sexto da linhagem. O primeiro programado. Uma felicidade inédita. O caçula arrebatou Acelino. O boxeador tinha, naquela vida que se iniciava, uma nova razão para viver e vencer.

O retorno de Popó a uma disputa de cinturão seria exibido, desta vez pela HBO, no programa *Boxing after dark* [Boxe depois de escurecer]. Foxwoods Resort Casino, Connecticut, 29 de abril de 2006. O local carregava um simbolismo singular. Fora palanque de seu terceiro título mundial, contra Artur Grigorian. Era também o palco de sua primeira derrota, para Diego Corrales. Acelino precisaria exorcizar os fantasmas daquele 7 de agosto de 2004. Depois desse dia sua vida e sua carreira nunca mais foram as mesmas.

Popó prometia, com timidez, continuar retomando a agressividade perdida. O primeiro adversário seria a ausência da mulher, Eliana, que ficou no Brasil para cuidar do filho recém-nascido. Figura marcante nas arquibancadas, por sua beleza irradiante, era alvo certo das câmeras nas lutas do marido.

Zahir Raheem, por sua vez, encarava o pega como o maior de sua carreira e entraria no ringue para tentar se desfazer da pecha de azarão. As bolsas de apostas já desvelavam outra realidade: o norte-americano era apontado como favorito. Acreditavam que o auge de Popó havia acabado. A descrença geral contrastava com a fé inabalável do baiano.

Raheem entrou por último no ringue, honraria concedida normalmente aos campeões ou aos pugilistas mais bem avaliados. Isso era sinal de que até mesmo a organização do evento não confiava no triunfo brasileiro.

O norte-americano pisou no tablado vestindo um roupão branco ornado com plumas e na cabeça usava uma coroa. Era majestade, carregava o apelido de “rei”. O povo, na verdade, estava com Popó. O povo era Popó e mostrou isso no anúncio dos dois lutadores.

Raheem era rei, mas no jogo sujo. Foi o oponente mais rasteiro que Popó já enfrentou. O enredo do duelo era claro: o baiano atacava, o norte-americano usava malícia. Raheem, desde o primeiro round, abusou de um arsenal de táticas antiéticas como *clinch*es, empurrões, cabeçadas e quedas que mais pareciam golpes de judô. A arbitragem de Steve Smoger era passiva ao antijogo, o que minava a paciência de Acelino e de seus técnicos. “Juiz, você não está vendo esses agarrões, não?”, perguntava, aos gritos, um enfurecido Ulysses Pereira. Raheem logo ganhou a antipatia do público.

Popó se chateava, mas dominava a luta, pontuava, e seguia vencendo. Parecia ter redescoberto o instinto avassalador e, em muitos momentos, buscava a troca franca. Acertava golpes pesados, mas a tentativa de emendar uma sequência era brecada pelos agarrões do norte-americano. Quando esquecia os recursos astuciosos e se preocupava apenas em lutar, Raheem também oferecia perigo. Veloz, acertou bons contra-ataques no brasileiro. O terceiro assalto fora exemplo disso, com um *jab* de esquerda que incomodou Popó. No quarto round, Raheem quase sofreu um *knockdown* após um direto de Acelino, mas conseguiu se equilibrar antes de cair. No mesmo assalto, o norte-americano chegou a tombar, a 45 segundos do final, mas o árbitro não entendeu como *knockdown* e, por isso, não abriu contagem.

Todo ataque de Popó era parado por Raheem não com defesas ou esquivas, mas com abraços e empurrões até as cordas. O baiano não aguentava mais ter de se soltar do rival ante a passividade de Smoger. Acelino diz que Raheem era um lutador sujo, um “amarrão” nato. Tentava jogá-lo no chão como se fosse luta livre, não boxe. Em nenhum momento Acelino tocou as luvas com o adversário, gesto comum entre pugilistas. Mesmo assim, a concentração do baiano foi seu maior diferencial. Popó manteve o foco, alheio às provocações, e em momento algum perdeu o controle da luta. No sexto round, Raheem empurrou Acelino ao chão de maneira acintosa. A torcida reagiu com um coro de vaias. O árbitro, novamente, nada fez.

Raheem, do meio para o final, passou a ousar mais. Deixou de só contragolpear e tratou de tomar iniciativa também. Popó se preocupou em não ser derrotado pelo cansaço, como acontecera contra Corrales. Era urgente

suportar até as últimas consequências, de pé, para recuperar o que era seu. Um gancho de Acelino no nono assalto, em um momento em que Raheem tentava agarrá-lo, tonteou o norte-americano, que chegou a ficar de joelhos, mas não caiu.

Popó ainda buscava o nocaute. Estava consciente de que deixar a decisão para os pontos era arriscado. No penúltimo round, um coro tomou conta das arquibancadas: “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”.

Somente no início do último assalto os rivais, finalmente, tocaram suas luvas e trocaram sorrisos. O round final foi aberto. A tática passou longe. O coração guiou os ataques. Ambos bateram, nenhum dos dois nocauteou. As reações ao término da luta foram opostas e ajudavam a presumir o resultado. Acelino ergueu os braços de imediato, certo de que havia vencido. Raheem ficou alguns segundos com as luvas apoiadas nas cordas do ringue, absorvendo a realidade. Cumprimentou o baiano e só depois partiu para uma tímida comemoração. Em seguida, recolocou a coroa na cabeça para esperar o resultado.

Apesar das reações dos pugilistas, o resultado não estava nos gestos de um ou de outro, mas nas mãos dos juízes. A primeira leitura feita foi da contagem de Clark Sammartino, que marcou 115-113 para o norte-americano. O murmúrio geral denotava surpresa ante os números. Popó sorriu. O segundo juiz, Steve Weisfeld, anotou o mesmo placar, mas a favor de Acelino.

A terceira leitura separava o fracasso da glória. Entre o sonho e o pesadelo, a pontuação de Glenn Feldman. Dúvidas no ringue. Brindaria o antijogo de Raheem ou a atitude de Popó? Premiaria os contragolpes eficientes do norte-americano ou o controle da luta do brasileiro? Daria o cinturão à zebra ou consideraria a estrada do tricampeão mundial? Feldman marcou 116-112. Quatro pontos de diferença. Uma vantagem significativa, apesar da decisão dividida. Nem foi preciso dizer o nome de Acelino para que a festa brasileira tivesse início no Foxwoods Resort Casino. Quando o *announcer* se referiu ao vencedor como “o novo tetracampeão mundial”, todo o planeta já sabia que se tratava de Popó.

A sensação experimentada era antiga, mas as lágrimas pareciam de primeira vez. Acelino Freitas (38-1-0), o cinturão nas mãos, a bandeira do Brasil no corpo, foi lançado ao ar por sua equipe sob os gritos e aplausos emocionados do público. Popó, aos trinta anos, voltava a sentir o doce sabor de um título. Era a afirmação do homem e a aclamação da lenda.

O cassino contava com a presença de não menos de 150 jornalistas. O triunfo que marcou a volta por cima de Acelino foi transmitido a 20 milhões de espectadores somente nos Estados Unidos. Os 1,5 mil brasileiros que compraram ingresso pagaram para ver seu ídolo, pela quarta vez, no topo do mundo. Tinha boas chances de dar tudo errado. Deu certo. Popó, teimoso por natureza, era a

história do improvável. “Aprendemos mais a cada dia. A derrota fez de Popó um lutador melhor”, afirmou o treinador Oscar Suárez à imprensa mundial depois do confronto.

Na volta para casa, no voo entre Nova York e São Paulo, as bagagens do campeão foram extraviadas. Certamente o novo cinturão não correria esse risco. Popó não tinha a menor intenção de se desgrudar daquela peça um segundo sequer: levou o cinturão na mão, exibindo-o a todos dentro da aeronave.

Acelino reencontrou Eliana e o caçula Popozinho ainda na capital paulista. Juntos tomaram o avião para casa e Popó desfilou, como de costume, em um carro do Corpo de Bombeiros pelas ruas de Salvador. O pugilista voltou cobrando do presidente Luiz Inácio Lula da Silva maior incentivo aos atletas do boxe, algo que faltou durante toda a sua carreira. É a ausência de apoio que impede o surgimento de outros Popós.

Engrandecido pela conquista, o baiano tornou a pedir uma revanche a Diego Corrales, mesmo não havendo mais título ou cinturão em jogo. Apenas a revanche. Popó seguiu, cansando-se do jogo de bastidores, da rotina de treinos, do doloroso processo de perda de peso. Frustrou-se com a revanche que não veio. Acelino Freitas pensou em parar assim que desceu do ringue após a vitória contra Zahir Raheem, mas deixou o desejo contido por mais de cinco meses. O anúncio oficial foi dado em 4 de outubro de 2006, ao lado do irmão Luís Cláudio, sua fortaleza desde a infância. Em entrevista coletiva, ele assegurou que manteria a forma física: “Quem disse que vou parar de treinar? Não quero ficar feinho e gordinho. Quero continuar bonitinho para a minha mulher”, brincou.

Acelino se despedia dos ringues no auge, como campeão do mundo. O tetra deixou o baiano acima de Éder Jofre em número de conquistas. Popó punha um ponto-final em sua trajetória de maneira precoce, aos 31 anos, sem nenhuma lesão que o impedisse de continuar lutando. Alegou tão somente falta de motivação para seguir adiante. Queria olhar para si, dedicar-se a Eliana, curtir o filho pequeno, viajar com a família, tudo aquilo que, por anos, ele nunca pôde fazer. O boxe era uma rotina incansável: *sparring*, corrida, suor, pancadas, perda de peso, viagens. Popó sentiu que havia chegado a hora de mudar.

A aposentadoria prematura de Acelino Freitas causou surpresa geral. Da equipe à família, de amigos a fãs, a ideia de que estava cedo demais para ele largar o boxe era unânime. O promotor Arthur Pelullo era um dos mais incrédulos com a notícia, ainda esperançoso de que houvesse uma reviravolta nessa decisão. O mexicano Júlio Díaz, detentor do título dos pesos-levés da FIB, com quem o soteropolitano tinha luta marcada, esbravejou, chamando o brasileiro de “amarelão”. Eliana apoiou o marido, Zuleica respirou aliviada.

A atitude tão repentina quanto inesperada foi seguida de um clamor popular

para que Popó voltasse atrás. Era cedo para dizer adeus. Ainda que tivesse se despedido dos ringues com o enredo perfeito, o título mundial, Acelino estava jovem demais para desistir do esporte que era sua paixão.

A chuva de ofertas e apelos mexeu com Popó. A cabeça de Acelino mandava-o parar, o corpo já não suportava a rotina de um atleta profissional, mas o coração regia suas escolhas. Vinte dias após o anúncio da aposentadoria houve o dia do “diga ao povo que volto”. Por decreto emocional, Acelino Freitas revogava a decisão de pendurar as luvas, a despeito do chamado interno que sussurrava em sentido contrário.

Fez a escolha, a princípio, animado pela oportunidade de conquistar o cinturão do CMB, antigo sonho. O título estava nas mãos do cubano Joel Casamayor, a quem Popó finalmente concederia uma revanche. Menos de quatro meses depois de anunciado o confronto Casamayor foi destituído pela entidade. A luta perdia o sentido. Acelino desistiu do combate.

Em seguida entrou em cena o famoso Don King, promotor de Juan Díaz, de 23 anos, invicto em 31 duelos, com 15 nocautes, e campeão dos pesos-leves da AMB. King ofereceu a Arthur Pelullo uma superluta entre Popó e Díaz, valendo a unificação dos títulos da OMB e AMB. Popó cresceu o olho ante a chance de mais um cinturão. Alheio ao que seu corpo dizia sobre boxe, o baiano só pensava em um fim de carreira ainda mais triunfal, com a segunda unificação e o quinto título de campeão do mundo.

O confronto era, antes de tudo, um encontro de gerações. O veterano contra a promessa, o passado contra o futuro. A luta foi reputada como mera passagem de bastão de um para o outro. No discurso, o respeito deu o tom. Díaz se declarou fã de Popó e, por isso, foi comedido nas palavras. Balde de água fria no tradicional jogo de provocações. Acelino devolveu os elogios.

A troca de gentilezas foi somente soterrada em 28 de abril de 2007, data da disputa. Acelino voltava ao Foxwoods Resort Casino um ano depois da última aparição. Ele chegava longe da melhor forma física. O combate fora antecipado em um mês, o que comprometera a sua preparação. Acelino, até dois meses antes, estava com quase oitenta quilos, o maior peso que atingira na vida. O trabalho para bater 61,235 kg foi o mais inglório possível. Popó tirou quase vinte quilos do corpo. O Foxwoods festejava sua centésima programação de boxe, com mais de 3 mil pessoas presentes.

Acelino Freitas não chegou a lutar contra Juan Díaz. Havia no ringue apenas o espectro do campeão. Os quatro primeiros assaltos até mantiveram certo equilíbrio, mas muito cedo Popó assumiu o papel de caça. Díaz dominava o centro do ringue, atacava, buscava a luta. O baiano se conformava com os contragolpes. A defesa do mexicano anulava os diretos de direita de Acelino, que

passou a apelar para os *uppers* e para *jabs* pouco efetivos. O brasileiro chegou a fazer algumas combinações, como havia feito no terceiro round, mas o rival parecia não sentir as consequências. Em momento algum balançou ante a mão de pedra que consagrou Popó.

A partir do quinto assalto, Díaz encurralava, Popó fugia. A movimentação, aos poucos, sucumbia diante do cansaço. Nem mesmo o apoio da torcida conseguia mudar esse quadro. Na metade do quinto round, uma sequência de golpes aplicados pelo latino desorientou o baiano. O sétimo assalto foi um massacre. Guerreiro, Acelino resistia em pé, mas não tinha mais forças para contra-atacar. Preso nas cordas, era alvo fácil. Irreconhecível, a respiração ofegante, a fuga como único recurso, Acelino não lutava mais. O oitavo assalto foi um baile de Díaz. Popó ficou zozzo, mas não caiu.

O gongo interrompeu o martírio. Acelino foi ao *corner*, mas não voltaria ao centro do ringue. Oscar Suárez, enquanto enxugava o rosto do pugilista, deu a sentença: “Escute. Esta luta acabou para você, ok?”. Do lado de fora, um injuriado Luís Cláudio resmungava contra Oscar, sem acreditar no que ouvia. Oscar o ignorou. “Você está para esta luta ou não está para esta luta?”, indagou o técnico. Popó fez sinal de negativo com a cabeça. Não falou nada. Ordenado pelo treinador, Acelino se retirava do combate. Perdia sua segunda luta na carreira e, por conseguinte, dava adeus ao cinturão da OMB.

Acelino reconhece que retornou por ganância. Nunca encontrou a motivação que a disputa pedia. A falta de vontade se refletiu no desempenho. Foi uma derrota desnecessária. Popó acertou 159 golpes, contra 222 aplicados por seu oponente. Nos quatro últimos rounds, foram somente 56 socos conectados pelo soteropolitano, enquanto Díaz aplicara 125, sinal irrefutável do declínio do brasileiro ao longo da disputa.

Derrotado, Popó foi erguido pela equipe e lançado ao ar como se fosse campeão. O gesto premiava não o revés, mas a carreira do baiano. Acelino levantou os braços e distribuiu sorrisos como quem agradecia pela estrada vitoriosa. Quem estava ali não era o boxeador recém-saído de um fiasco evitável. Popó sabia que aquela seria a última vez. Queria se despedir sorrindo. Recebeu o beijo de sempre de Eliana. E, ao contrário do que aconteceu na primeira derrota, teve o respaldo do irmão Luís Cláudio: “Você é meu campeão, garoto”. Pronto. Era o que bastava. O choro escorria feliz.

Popó (38-2-0) dizia adeus ao boxe convencido de que deu o melhor que podia ao esporte. Tetracampeão mundial, 32 nocautes, 13 no primeiro round, e a certeza do dever cumprido. Havia vencido muitos oponentes, dentro e fora do ringue.

round 11

Sai Popó, entra Acelino

A aposentadoria do boxe não significava o fim das lutas. O ringue daria lugar a outras arenas, algumas até mais árduas. As luvas saíram de cena e foram substituídas pelo terno e pela gravata. Acelino foi chamado para ser secretário de esporte, lazer e entretenimento de Salvador, a convite do então prefeito João Henrique, do Partido Progressista (PP). Assumiu a pasta em junho de 2007, mas, já em dezembro, menos de seis meses depois, encaminhou ofício solicitando sua exoneração. De acordo com Acelino, ele encontrou uma máquina pública falida e que não lhe dava condições de trabalho. Os projetos concebidos esbarravam na falta de orçamento. O sonho não chegava à realidade.

Desiludido com a política, resolveu voltar a estudar. Acelino Freitas frequentara as aulas somente até a 4ª série. Abandonou a Escola Estadual Leopoldo dos Reis, na Baixa de Quintas, para treinar boxe. Uma atitude ao mesmo tempo arrojada e perigosa, mas, além de estar apaixonado pelo boxe, a falta de condições mínimas de subsistência também pesara na evasão, caminho quase natural de garotos que, como ele, batalhavam para sobreviver.

Quase vinte anos depois, Acelino trilhava o caminho de volta às aulas. Iniciou o supletivo, completou o ensino fundamental e terminou o ensino médio. Os estudos deram outra visão de mundo ao baiano, que prestou vestibular e iniciou o curso de direito na Faculdade Batista Brasileira, em Salvador.

Os dias caminhavam bem e a vida corria em águas calmas até que Acelino recebeu o golpe mais doloroso desde a morte do pai, Babinha. O ex-pugilista teve seu nome ligado a um assassinato ocorrido em 9 de setembro de 2009. Havia morrido o ex-presidiário Moisés Magalhães Pinheiro, de 28 anos, amigo do também ex-detento Jonatas Almeida, de 22 anos, que mantinha relacionamento com uma sobrinha de Popó, filha de Luís Cláudio. O namoro era reprovado pela família, por causa do passado criminoso do rapaz.

Acelino relata que, naquele dia, fora até a casa de Jonatas para resgatar a adolescente, de 17 anos, que estava desaparecida há cinco dias. Popó conversou com o ex-presidiário e foi embora levando a sobrinha. Assunto encerrado. Horas depois, Jonatas e Moisés foram vítimas de um atentado – o primeiro conseguiu escapar, mas o segundo foi morto. Jonatas acusou Acelino de ser o mandante do crime.

Ídolo nacional, referência no boxe, dono de um carisma singular, tetracampeão do mundo, Popó saltava do caderno de esportes para as páginas policiais. Não importava se a acusação viera de um jovem que participara de homicídios, tráfico de drogas e roubo de carros, um bandido que arregimentava desafetos por onde passava. Não importava se Acelino fora reputado como esportista exemplar e se, mesmo durante a infância miserável, jamais se envolvera no mundo do crime. O mesmo povo que aplaudiu suas vitórias no

ringue apontou o dedo para crucificar Popó antes mesmo de qualquer averiguação.

O episódio é a maior mágoa que o ex-campeão carrega. Nem os socos de Diego Corrales e Juan Díaz, seus algozes, doeram tanto quanto os comentários que Acelino era obrigado a ouvir nas ruas de Salvador e nos meios de comunicação. Popó precisou pagar honorários de quase 300 mil reais para se defender de algo que não fez. Deixou de ser chamado para dar palestras, perdeu contratos de patrocínio, passou a andar de boné e óculos escuros. Sentia-se acuado.

A investigação conduzida pela Delegacia de Homicídios inocentou Acelino. Provou que ele não tinha nenhuma relação com a morte de Moisés. Parecia tarde para uma retratação. O ex-pugilista já havia sido execrado de maneira gritante e leviana. As desculpas, quando chegavam, eram tímidas. Jonatas, pivô de todo o tormento, foi preso novamente por confessar mais de trinta crimes à polícia.

O assunto sempre foi tabu para Acelino Freitas, que desabafa ao dizer que foi a maior injustiça que já sofreu. O preço da fama, lamenta ele, é ser o centro da notícia, seja ela mentira ou verdade. A associação é automática e precipitada. Quando a verdade é provada, a mentira já foi soprada pelos maus ventos. O direito de resposta, avalia, nunca é o mesmo. Em duas décadas de boxe, Popó nunca deu um soco em alguém no meio da rua. Em anos de pobreza, Acelino jamais se arriscou no mundo do crime. De repente era acusado, sem nenhuma justificativa ou prova, de ter mandado matar uma pessoa. Era suspeito apenas por retirar a sobrinha de um local que não lhe oferecia segurança. Nada mais.

Acelino Freitas chegou a gravar um quadro para uma emissora de TV que só foi exibido nove meses depois, quando toda a apuração policial foi concluída e seu nome afastado do crime. Era, por coincidência, época de eleições. Acelino, que havia decidido retornar à seara política e se lançara candidato a deputado federal pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB), quase desistiu do pleito. Não suportou os comentários maldosos que escutou quando fazia campanha nas ruas de Salvador. Zuniam que não votariam em assassino. Esqueceram o ídolo, ignoraram a história. Isso foi pior que a perda de um título mundial.

Ninguém, depois de Acelino, sofreu tanto quanto Zuleica. A mulher – que criou seis filhos e que, apesar das dificuldades, jamais abriu mão da boa educação – não aguentava ver Popó ser ofendido. Chorava junto. Brigava em nome da honra da família. Uma vez, participou de um comício no qual uma dona de casa gritou que não daria o voto dela a um criminoso. Zuleica subiu ao palanque. “Você sabe qual é a dor de uma mãe ao escutar alguém acusar seu filho de um crime que ele não cometeu?”, perguntou, às lágrimas e fervendo de indignação. “Desculpe, minha senhora. Queria ter um buraco para enfiar a

cabeça. Acredito na senhora e no seu filho”, respondeu a interlocutora.

Acelino Freitas perdeu o sono e a paz. Noites sem dormir, dias sem comer direito, uma reclusão quase forçada. Popó desabou, ficou deprimido, mas encontrou na família, em Eliana, nos filhos, nos amigos e nos fãs fiéis a sua trajetória e ao seu caráter o ânimo necessário para seguir adiante.

A história de Popó é a história da volta por cima. Acelino Freitas foi eleito em 2010 como primeiro suplente a deputado federal por uma coligação de sete partidos, incluindo o PRB. O ex-boxeador, que usou nas urnas o número 1.000, obteve 60.216 votos. Tornou-se titular no mesmo ano, com a indicação do deputado federal Mário Negromonte (PP-BA) para o Ministério das Cidades. Deu sequência a um trabalho social que já se iniciara muitos anos antes da política. Vive do investimento que fez em imóveis ainda nos tempos de pugilista, não do salário de parlamentar.

Divorciou-se de Eliana Guimarães em fevereiro de 2011. Não foi fácil. Precisou se acostumar a viver sem a mulher que sempre fora seu esteio – e, mais que isso, seu grande amor. Eliana é, nas palavras simples e diretas do baiano, a mulher perfeita para um homem imperfeito. Vivem no mesmo condomínio de luxo, em Lauro de Freitas, na Região Metropolitana de Salvador. Seguem unidos no amor por Popozinho. Foi para poupar o caçula de assistir às constantes brigas que o casal optou pela separação.

Acelino divide seu tempo entre Brasília e Salvador, para onde viaja quase todos os fins de semana para ficar com os seis filhos. Rafael, o primogênito, cursa engenharia civil. Tem uma tatuagem com o nome de Acelino. Igor quer seguir os passos do pai. Chegou a pesar 116 quilos, mas encontrou no boxe a inspiração para uma vida saudável e um motivo para sonhar. Já perdeu trinta quilos e hoje treina na academia Champion com ninguém menos que Luiz Dórea, o primeiro treinador de Popó. No dia 7 de setembro de 2013, conquistou seu primeiro título como amador: sagrou-se campeão baiano de boxe, na categoria peso-pesado. Os outros filhos – Iago, Juan Popó, Gustavo e Popozinho – ainda estão em idade escolar.

round 12

A redenção

Um pedido que se tornou uma ordem. Um dia que mudou a sua vida. “Pai, eu nunca vi o senhor lutar. Faz uma luta para mim. Quero subir no ringue com o senhor.”

Popozinho nem precisou insistir. Acelino não mediu as consequências, não enxergou as barreiras, não calculou os riscos. Apenas assentiu. As palavras do filho caçula o invocavam a um dos maiores desafios de sua vida. Aposentado dos ringues, Popó estava há cinco anos sem treinar ou lutar. Uma longa e considerável estiagem. Uma inatividade que tornava o fiasco provável e iminente. Pelo filho, prometeu o impossível. Não valia um título – valia a honra.

O ex-pugilista estava com mais de oitenta quilos, afastado dos treinamentos, em uma rotina incessante e diferente como parlamentar. O boxe nada mais era que a lembrança de um tempo glorioso e distante que não voltaria mais. Jamais passava pela sua cabeça reviver os sacrifícios e as penitências do esporte, até Popozinho lançá-lo na máquina do tempo. Não dava para negar o pedido do filho caçula. Os outros cinco já tinham visto Acelino lutar, menos ele. Menos aquele por quem Popó nutria o amor mais visceral de todos, fruto da história de amor com Eliana.

Acelino se viu na obrigação, como pai, de realizar o sonho do menino. Não quis pensar nas dificuldades, nas limitações físicas, na inatividade, na idade avançada, nos reflexos enferrujados, na velocidade comprometida, na resistência minada, na força que seria posta em xeque. Nada importava. Enfrentaria o que fosse preciso para ver o sorriso estampado no rosto de Popozinho.

Popó divulgou na imprensa que faria um combate de despedida. A ideia inicial era encarar um veterano também fora de ritmo, algum pugilista com quem o baiano pudesse duelar em igualdade de condições, em um evento meramente festivo.

Se fosse fácil, não seria Popó. A vida de Acelino nunca andou em linha reta. O paulista Michael Oliveira, campeão latino de 22 anos, 17 lutas, 17 vitórias, 11 nocautes, uma promessa do boxe brasileiro, atravessou o caminho do baiano e desafiou Acelino. Desrespeitou uma história de quatro títulos mundiais e conquistas inumeráveis. Afirmou que o tempo do rival havia passado. Prometeu fazer e acontecer: “No ringue, eu não vou ter nenhum respeito por ele”.

Carlos Eduardo Oliveira, pai de Michael, telefonou a Popó. Perguntou se o ex-boxeador aceitava o desafio. Ofereceu uma bolsa de 500 mil reais por um duelo de dez rounds. Acelino ficou de pensar. Sabia do perigo inerente. Queria conversar com a família. Zuleica achou um absurdo. Luís Cláudio foi a voz do incentivo. No dia seguinte, os sites e os jornais estampavam que Acelino havia aceitado a luta antes mesmo de ele tomar alguma decisão.

Popó não teve escolha. Diante do Brasil, de seus fãs, de seu caçula, estava

sendo desacatado por um garoto que tinha em idade o mesmo tempo que Acelino tinha de boxe. A luta se tornava uma questão de honra. De pai para filho. A lacuna seria preenchida. O último ídolo brasileiro do boxe tinha data marcada para voltar aos ringues: 2 de junho de 2012.

O retorno era incerto. A chance de um vexame homérico perturbava todos à sua volta. Por mais que Acelino negasse, o receio existia. Cinco anos sem lutar não são alguns meses. A inatividade não podia ser minimizada. A ocasião pedia cautela, entrega e fé.

Popó teria quatro meses de preparação em Brasília. O cotidiano de treinamentos estava de volta. Acelino chamou Ulysses Pereira para atuar em seu *corner* e reeditar a parceria de sucesso. Teria de se acostumar com a ausência de seu outro treinador, Oscar Suárez, que morrera aos 46 anos vítima de um tumor no pâncreas, no dia 13 de setembro de 2008. Oscar era o paizão do time, dono de uma educação singular e mestre na colocação de uma bandagem artesanal que ninguém fazia igual. Luís Cláudio preencheria o vazio no *corner*. Ulysses levava sempre uma foto do porto-riquenho em seu bolso. Oscar estaria lá.

A maratona incluía oito quilômetros diários de corrida e, pela primeira vez na vida, aulas de ginástica funcional. Popó corria com paraquedas amarrado às costas, suave, levantava peso, controlava a alimentação, tudo sob a supervisão do preparador físico Rafael Alejarra, tudo por uma vitória que parecia improvável – impossível jamais, o tempo assim o ensinou.

O desafio de enfrentar um jovem no início da carreira era o maior temor de Acelino. Era preciso, aos 36 anos, estar pronto para conter o ímpeto adolescente de Michael Oliveira. A solução encontrada foi caseira: Vitor Jones, 18 anos, sobrinho do ex-atleta e “três vezes mais rápido que Michael”, seria seu *sparring*.

No primeiro mês fazendo luva, Acelino foi um fiasco. Acertava um golpe para cada dez aplicados por Vitor. Não achava a distância correta. Não encontrava o ritmo ideal. O mau desempenho lançou dúvidas sobre o futuro. Popó esteve perto de desistir. Insistiu. No segundo mês, o veterano já conseguia emplacar três socos a cada dez do sobrinho. Era pouco. Persistiu. No terceiro mês, eram dez golpes para lá e dez para cá. Dali em diante, os socos de Acelino passaram a sobrar. Reaprendeu o que nunca havia esquecido. Voltou a ser o Popó de sempre, ao menos nos treinos. Foi nesse momento que percebeu que estava pronto.

Acelino, embora estivesse pesado como nunca, não passou por uma luta com a balança. Habitado a duelar entre os superpenas (58,967 kg) ou entre os pesos-leves (61,235 quilos), o baiano lutaria pela primeira vez na categoria dos médios-ligeiros (69,853 kg). Apenas de peso excedente, perdeu sete quilos com facilidade. Em suma, eliminou gordura corporal.

Livre da batalha do emagrecimento, Popó pôde se dedicar mais aos treinos físicos, técnicos e táticos. O único senão era saber como o seu queixo reagiria a uma mão mais pesada, já que enfrentaria um oponente dez quilos acima do que estava habituado. A dúvida incomodou, mas não tirou seu sono. A história de Acelino ensinava que, apesar de tudo, Michael teria mais motivos para se preocupar.

O jogo de provocações apimentava ainda mais um confronto que, por tudo que envolvia, prenunciava-se histórico. “Estou pronto para morrer no ringue. Para ganhar de mim, vai ter de me matar”, disparou Michael às vésperas do esperado confronto. Luís Cláudio, a boca tão grande quanto o coração, saiu em defesa do irmão: “Ele está falando muito e achando que vai fazer o nome dele em cima de Popó, mas cão que late não morde”. Os latidos eram gerais. “Ele cutucou a onça com vara curta. O campeão estava dormindo. Não estava morto. Voltei a treinar e Michael vai pagar caro por isso”, Acelino rebateu.

A pesagem foi tensa. O jovem desafiante chegou ao Conrad Resort & Casino, em Punta del Este, no Uruguai, e foi obrigado a escutar uma torcida barulhenta contra ele: “Uh, vai morrer! Uh, vai morrer!”, gritava a multidão. Michael ficou indiferente ao zumbido.

Popó, por outro lado, revoltou-se com a organização do evento, que tentou usar uma balança domiciliar para indicar o resultado oficial do peso dos atletas. Acelino se negou a subir no equipamento e exigiu uma balança antropométrica, de uso hospitalar, a utilizada na pesagem de lutas profissionais.

Popó foi o primeiro a aferir se estava no limite dos médios-ligeiros. Pesou 69,8 quilos. Bateu o peso por menos de cem gramas. A primeira batalha estava ganha. Michael teve mais facilidade. Com 69 quilos, resolveu cutucar o rival que conviveu, durante toda a carreira, com problemas com a balança. Comeu um sanduíche gigante enquanto se pesava, bem do lado de Acelino, um gesto que se juntava ao festival de disparates protagonizados pelo paulista.

Na tradicional encarada entre os adversários, o troco do veterano: olho no olho, rosto colado e um empurrão imponente em Michael Oliveira. O clima esquentou. Michael precisou ser contido. Alegou ter sido chutado por membros da equipe de Popó. Rafael, primogênito de Acelino, chamou para a briga um segurança com quase dois metros de altura. Nem sabe de onde tirou a coragem para isso, mas valia tudo para defender a honra e o nome do pai.

A família quase toda estava lá, os parentes de sangue e os que a vida lhe deu: três filhos, a mãe, os irmãos, Armando, Everaldo Júnior e Sóstenes Marchezine, assessor e braço direito. O médico Fábio Costa acompanhava a equipe e avaliou a idade física de Popó: 28 anos, oito a menos que a idade do lutador.

Michael Oliveira pôs mais lenha na fogueira: “Agora é pessoal. Sem perna,

eu vou lutar. Sem braço, eu vou lutar”, assegurou ele em entrevista à Rede Globo. Popó não ficou em silêncio e também esbravejou em conversa com a emissora: “Ele é malcriado, é um cara sem educação, que não respeita as pessoas e não respeita o que eu fiz pelo país. Por isso, eu treinei como se fosse por um título mundial”.

O duelo teve início muito antes de o gongo soar. Transcorria no jogo de palavras, no enfrentamento entre os times, na guerra psicológica. Michael Oliveira esbanjava confiança. Fazia *sparring* com arrogância. Carregava a convicção na ponta das luvas. Iniciante no boxe, tinha certeza de que um triunfo contra o ídolo nacional o alçaria a voos mais altos. Não estava enganado. Popó era o maior desafio de sua curta carreira. Uma catapulta.

Acelino Freitas disfarçava o medo de um fracasso. Emagreceu, entrou em forma, recuperou a agilidade, recobrou as forças, resgatou a autoestima, mas em instante algum subestimou a inatividade. O risco que corria tinha sido calculado. Era gigante. Jamais negou isso. E essa derrota seria bem pior que os insucessos contra Corrales e Díaz.

Popó tinha todos os motivos para perder e todos os motivos para ganhar. O presente de um lado, o passado do outro. A inércia de um lado, a obstinação do outro. A falta de ritmo de um lado, o amor de pai do outro. O óbvio ou o inesperado? A lógica ou o improvável? Todas as respostas cabiam em dez rounds.

Michael Oliveira foi o primeiro a entrar no ringue. Vestia verde e amarelo, empunhava o cinturão de campeão latino e guardava nos olhos toda a motivação que cultivou ao longo dos meses.

Acelino Freitas cumpria a primeira parte de sua promessa. Seguia pelo cassino de mãos dadas com Popozinho. Atendia ao pedido do caçula, que assim se manifestou: “Eu fiquei com muita raiva desse carinha porque ele chamou meu pai de bola. Não gosto que falem mal do meu pai”.

A trilha sonora que guiava o ex-campeão ao ringue era a música *Vai, Popó, bate sem dó*, composta pelo *rapper gospel* Juninho Lutero. Uma mescla de guerra e religião que recordava a estrada tortuosa, a glória mundial e a fé inabalável:

Você enche de orgulho a nação brasileira/
Provou que nosso povo não é bom só com a chuteira/
(...) De luva e calção, com talento e unção/
Na igreja, uma ovelha/
No ringue, um leão/
O Brasil acredita em você, Popó/
Jesus vai contigo, você não está só/
Vai, Popó, bate sem dó.

Acelino tinha o patrocínio da Pretorian Hard Sports, marca que, por força de contrato, apoia apenas atletas do UFC. Foi aberta uma exceção para o boxeador, por sua relevância internacional, respaldada por Dana White, presidente do UFC,

e reforçada pela amizade do pugilista com Ruy Drever, fundador da Pretorian.

Com um roupão negro e dourado, Acelino corria amparado por um quarteto de peso: seus quatro cinturões mundiais (1999, 2002, 2004 e 2006) eram erguidos por Rafael e Igor, seus dois filhos mais velhos. Popó buscava um final feliz, acreditava que sua trajetória merecia o clichê da chave de ouro.

Popó pisou no tablado sem olhar para Michael. Enquanto era apresentado, viu o público resumir, em um canto, em uma frase, o momento tão ansiado: “Ô, o campeão voltou”. O calor da torcida aquecia Acelino. Quando o rival foi anunciado, os gritos ecoaram ainda mais sonoros, repetidos à exaustão: “Vai, Popó, bate sem dó”.

O árbitro Hector Afu iniciou o combate e, após trinta segundos de estudo, o baiano tentou reatar com um passado mais longínquo, de ataques fulminantes e nocautes. Michael Oliveira aplicou um *clinch*. Não era surpresa. A maior parte das previsões pré-luta apontava a vitória do paulista. Outros diziam que a única probabilidade de Popó triunfar era tentar nocautear nos três primeiros rounds, enquanto ainda tivesse fôlego. Cada minuto a mais reduziria as chances do veterano. Acelino lutava contra Michael e contra o tempo.

Michael acertava alguns *jabs*, mas caminhava para trás. Popó encurralava, estudava a hora certa de tentar uma combinação e marcava compasso em direção ao alvo como um velho caçador, sabedor de todos os atalhos da selva.

O primeiro assalto teve fim e levava embora ao menos o temor de um vexame. Acelino se portava com altivez, bailava fluente, conectava mais golpes e mostrava que não se entregaria sem lutar. A confiança estava presente. O segundo round mantinha a tônica até que um direto de esquerda lançou o tetracampeão contra as cordas. O susto foi unânime. Apenas um teste, o queixo de Acelino Freitas estava aprovado. O restante do assalto serviu para o soteropolitano mostrar uma esquiva afiada como nos tempos de atividade.

No terceiro round, Michael voltou atrevido e Popó se mostrou decidido. Cada ação do paulista provocava uma reação mais contundente do baiano. O equilíbrio seguiu até dez segundos do fim. Uma sequência com a assinatura de sua mão de pedra fez as pernas de Michael bambearem. O adversário foi salvo pelas cordas. Hector Afu, ainda assim, assinalou o *knockdown* e abriu contagem. A torcida enlouqueceu. Imaginou que o triunfo de Acelino era iminente. Michael resistiu.

Popó voltou para o quarto assalto com o mesmo ímpeto com que acabou o anterior. As esquivas eram um espetáculo à parte. O desafiante foi às cordas duas vezes seguidas, mas se manteve de pé. Fez uso dos empurrões para tentar desconcentrar Acelino, aplicou golpes baixos, mas isso pareceu pouco para quem já tinha enfrentado o antijogo de Joel Casamayor e Zahir Raheem. Popó

tinha achado a distância, castigava, andava para a frente, era pouco ameaçado, mas os minutos transcorriam e aumentavam o drama e a dúvida de quem estava nas arquibancadas e do outro lado da televisão.

No final do quinto round, Michael Oliveira acuou o rival nas cordas. Tentou pressionar e esbarrou em uma ginga catedrática. Popó parecia que brincava com um bambolê, alheio ao festival de socos desordenados aplicados pelo paulista. O jogo de esquivas continuou no sexto assalto, Acelino de guarda baixa, um baile que levantou a torcida.

A partir disso Popó passou a evidenciar certo cansaço. Já não dominava o centro do ringue, não golpeava com a mesma frequência, não se livrava dos ataques com tanta eficiência, não se movimentava com a leveza de antes. O risco da derrota, pela primeira vez, aparecia. Só não era maior pela falta de pegada de Michael. Popó voltou a atacar e deixou claro que não se entregaria à fadiga. O campeão latino tentava os agarrões como rota de fuga. O perigo devolveu o apetite do baiano.

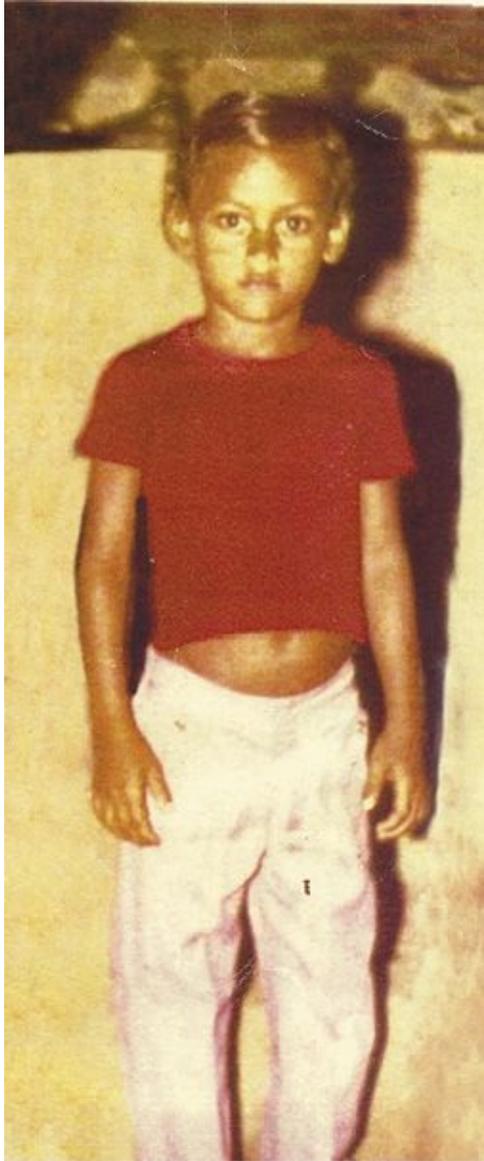
O antepenúltimo round chegava com a certeza de que o triunfo do veterano era quase irreversível. Mesmo assim, Popó queria a apoteose do nocaute. Partiu para cima de Michael ciente de que poderia se expor ao contragolpe e jogar fora uma vitória que, nos números, parecia sacramentada. O adeus à estratégia era nada mais que um retorno à essência. O passado gritou dentro do campeão que estava na hora de provar ao mundo o tamanho da história que se encerrava. Foram dezenas de *jabs*, diretos, cruzados, ganchos, um arsenal de imponência e poder de decisão.

Dois *jabs* de esquerda e um direto de direita derrubaram o paulista. A torcida ensaiou a explosão. Michael levantou-se, fez sinal para continuar, mas o olhar já denunciava seu estado. Popó continuou o massacre, convicto de que o final feliz estava cada vez mais próximo. O instinto não traiu o velho guerreiro. Uma combinação letal encerrou aquela luta aos 2 minutos e 19 segundos. O público soltava o grito entalado há tanto tempo na garganta. A audiência recorde do SporTV clamava que a lenda repensasse sua aposentadoria.

O cinturão de Acelino Freitas (39-2-0) naquela noite foi o abraço emocionado de Popozinho. Foi pelo filho que ele aceitou jogar tudo para o alto e reviver o velho sonho. “Papai ama você”, disse o tetracampeão mundial ao menino que era só choro e orgulho.

Popó voltava ao reino dos nocautes, voltava com suas mãos de pedra, voltava aos braços do povo, voltava para reatar com o destino e corrigir as páginas finais de uma trajetória em que as quedas foram tão inexoráveis quanto as voltas por cima. Não podia, depois de tudo, se despedir com a derrota para Juan Díaz. Não podia deixar, como última impressão, o desalento no olhar e a mancha no cartel.

Precisava refazer o seu destino. Precisava incluir um capítulo de brilho e redenção. Precisava ver o mundo duvidar para, aos 36 anos de idade, quarenta combates depois, dado como morto por todos, provar que a luta não havia acabado. Para ele, a luta começou muito antes do boxe. Acelino, campeão da vida, fechava as cortinas da carreira com um final memorável. Uma história que escreveu com as próprias mãos.



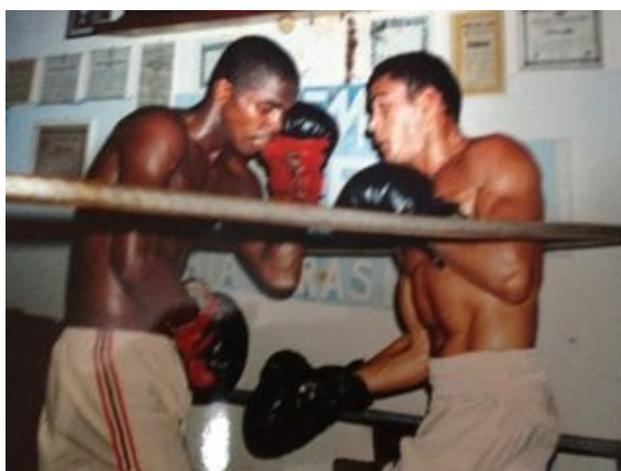
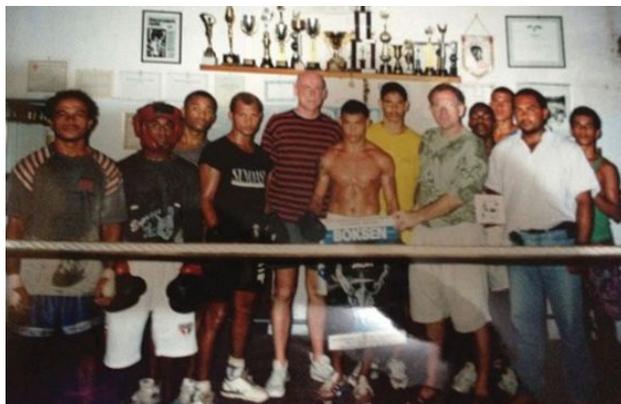
Popó ainda criança, em um dos raros registros fotográficos de sua infância. Tinha apenas cinco anos, e a camisa, herdada dos irmãos, já não lhe cabia mais. De origem humilde, ele cresceu e passou a juventude na Baixa de Quintas, periferia de Salvador (BA).



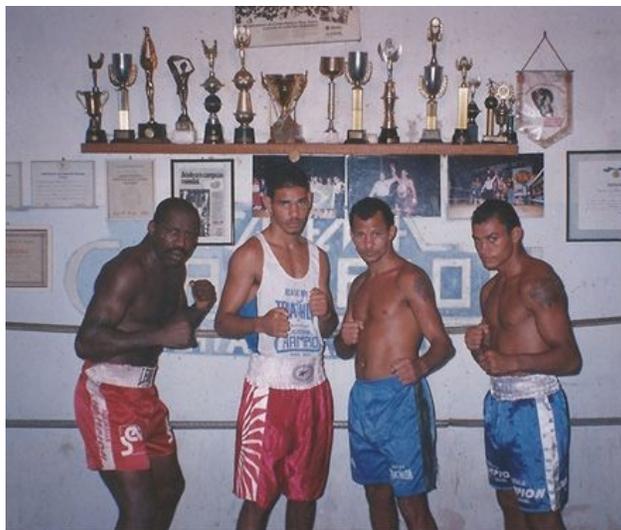
Popó em seus primeiros anos de boxe.



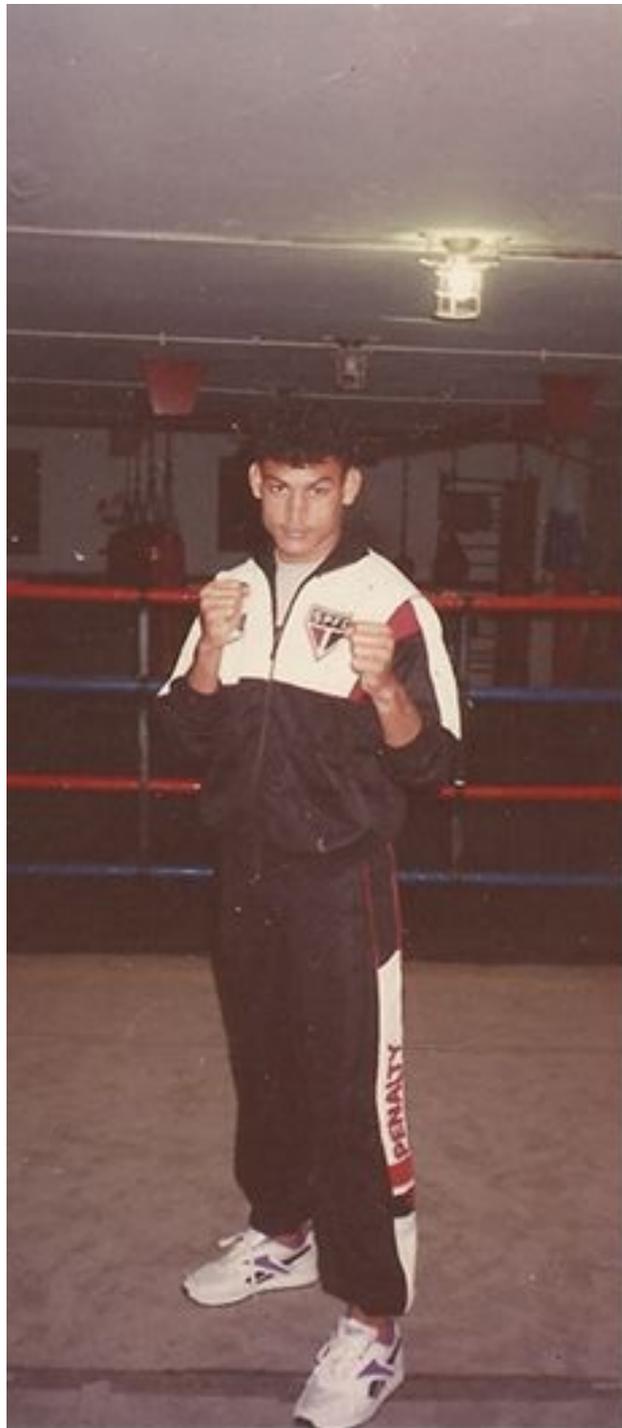
Popó ao lado dos quatro irmãos homens (da esquerda para a direita): Paulo, Luís Cláudio, Orlando e Nilton. Luís Cláudio foi o primeiro a enveredar pelo boxe.



Acelino Freitas treina na academia Champion, no bairro da Cidade Nova, em Salvador, fundada pelo treinador Luiz Dórea.



Na imagem ao lado, Popó posa com Reginaldo Holyfield (primeiro à esquerda) e Luís Cláudio (terceiro da esquerda para a direita).





Ainda como amador, Acelino foi buscar a sorte na capital paulista e, em 1993, fechou contrato com o São Paulo Futebol Clube.



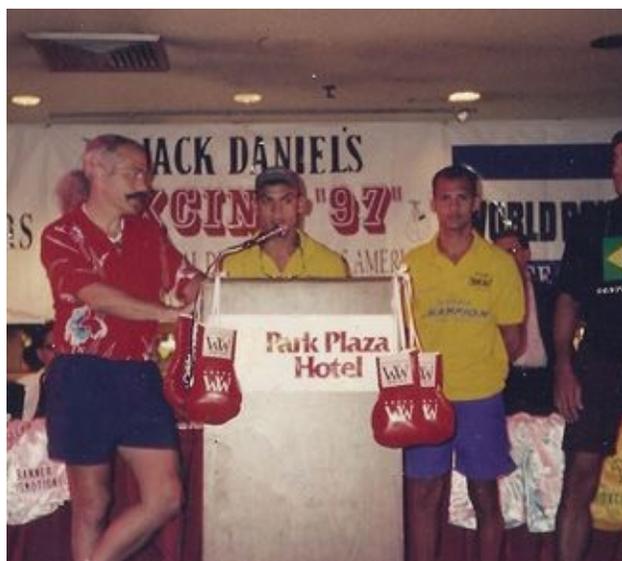
Em 1995, conquistou a prata nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata, um resultado histórico, perdendo em decisão contestada para o cubano Júlio González Valladares. Popó passou a dar entrevistas e a ter suas lutas exibidas na TV, deixando de ser desconhecido.



Aos vinte anos, Acelino Freitas sagrou-se campeão do Mundo Hispano pelo CMB. À medida que a carreira do pugilista deslanchava, a família Freitas reunia cada vez mais parentes, amigos e vizinhos para acompanhar as lutas de Popó.



De casaco preto, Rafael, primeiro filho de Acelino, nascido em 1993. Babinha e Zuleica também estavam na torcida.



A carreira internacional de Popó teve início com o torneio Boxcino, organizado pela Banner Promotions. Na foto acima, à esquerda, o baiano fala durante entrevista coletiva. Ele e Luís Cláudio foram os campeões em suas categorias e posam, acima, à direita, com o promotor Arthur Pelullo, que está de punho erguido.

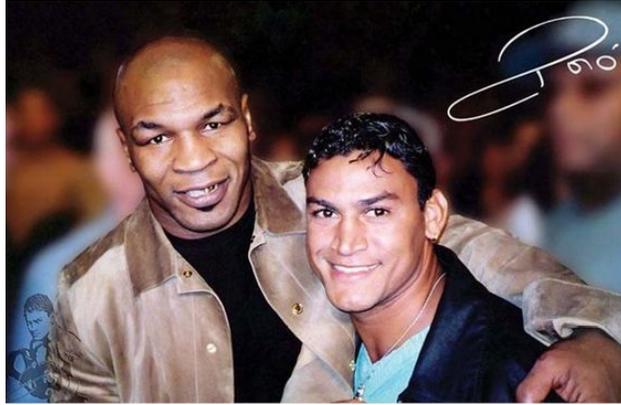
Ao lado, o técnico Luiz Dórea com os irmãos Freitas.



O melhor de cada viagem era a volta para casa, a volta para os braços de dona Zuleica e sua famosa feijoada. Foi assim quando ele retornou da França com o título de campeão mundial após nocautear Anatoly Alexandrov. A vitória garantiu o pagamento da casa que comprou fiado para a mãe.



Acelino Freitas tornava-se, aos poucos, ídolo em um esporte carente de apoio. Nesta foto de 1999, ele exhibe os cinturões brasileiro, intercontinental, do Mundo Hispano, do Boxcino e de campeão mundial.



Acelino em encontro inesquecível com Mike Tyson em 2003. Popó quebrou o recorde de 19 nocautes seguidos do norte-americano e chegou à marca de 29 nocautes consecutivos, sendo 21 deles no primeiro round.



A cada dia mais badalado, o baiano passeando em Manhattan.



Popó viveu um reencontro emocionado com Arthur Pelullo, que passou a empresariar o pugilista a partir da luta contra Alfred Kotey, em 29 de setembro de 2001. O baiano dedicou a vitória a seu velho amigo e novo empresário.



As mudanças também se refletiam no ringue. Acelino passou a ser treinado por Oscar Suárez e Ulysses Pereira (da esquerda para a direita). O boxeador treinou duro para provar que a troca de equipe não causara prejuízo.



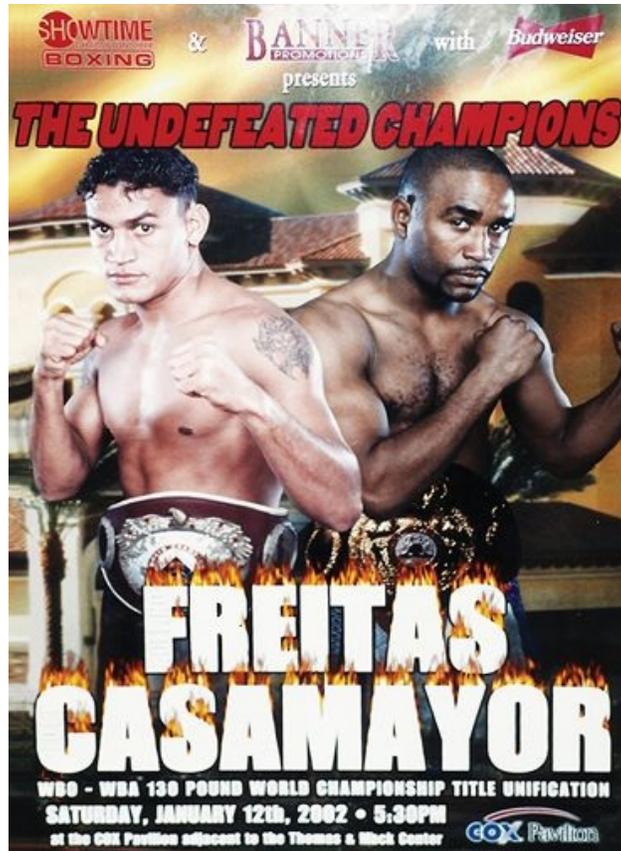
Acelino faz sparring sob os olhares atentos de Ulysses Pereira e Oscar Suárez.



O baiano treina com Ulysses para aprimorar sua técnica e encarar Joel Casamayor.



Popó atinge o companheiro de treino e mostra que está quase pronto para o grande duelo.



Poster anunciava superluta entre Popó e Joel Casamayor, em 12 de janeiro de 2002, valendo a unificação dos cinturões da OMB, nas mãos do brasileiro, e da AMB, que era do cubano. Foi uma das lutas mais duras da carreira de Acelino. Casamayor era campeão olímpico e, em 26 embates como profissional, permanecia invicto.





Acelino Freitas ignorou o favoritismo de Casamayor nas bolsas de aposta e, em um duelo duro e equilibrado, venceu por decisão unânime. A unificação dos cinturões foi a principal conquista de Popó.



A vitória sobre Casamayor fincava definitivamente o lugar de Popó na história do esporte. A importância do momento justificava as lágrimas de um campeão erguido pela equipe.



Na volta para casa após a unificação, Popó desfilou em um carro do Corpo de Bombeiros pelas ruas de Salvador e foi aclamado pelo povo.



Mesmo abalado com a morte do pai, Nijalma Ferreira Jones, Popó venceu o mexicano Juan Carlos Ramírez e lhe dedicou a vitória, mantendo os cinturões.



Após vitória, Acelino vestiu uma camisa com a imagem do pai e posou para a foto entre a então esposa Eliana Guimarães e o empresário Arthur Pelullo.



Erguido pelo irmão Luís Cláudio, um emocionado Popó chora e olha para o céu, como se conversasse em

silêncio com Babinha. A imagem, uma das mais emblemáticas da carreira de Acelino, estampou jornais de todo o Brasil.



Popó era o xodó de Babinha. Niujalma se referia a Acelino como seu galinho dos ovos de ouro.

BANNER PROMOTIONS **SHOWTIME PRESENTS BOXING** *Miami* **BISCAYNE BAY Marriott**

SATURDAY AUGUST 9TH, 2003 MIAMI, FLORIDA

SOUTH AMERICAN PRIDE & GLORY

WBA SUPER WORLD CHAMPION **THE BRAZILIAN KO KING**
FREITAS

WBO WORLD CHAMPION **THE ARGENTINIAN CHAMPION**
BARRIOS

UNIFIED WORLD CHAMPION
ACELINO "POPO" FREITAS
33-0 '30KO'S

WORLD TITLE CHALLENGER
JORGE "LA HIENA" BARRIOS
39-1-1 '29KO'S

WORLD CLASS CHAMPIONSHIP BOXING

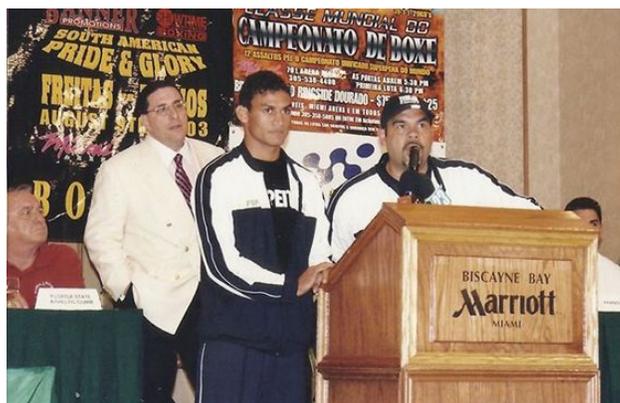
12 ROUNDS FOR THE JR. LIGHTWEIGHT CHAMPIONSHIP of the WORLD

Miami **701 ARENA BLVD. DOORS OPEN AT 5:30PM**
305-530-4400 FIRST BOUT AT 6:30PM

TICKETS: \$150 GOLDEN RINGSIDE - \$75 - \$50 - \$25

TICKETS AVAILABLE AT THE MIAMI ARENA BOXOFFICE AND ALL **ticketmaster** LOCATIONS
OR CALL 305-358-5885 OR LOG ON TO ticketmaster.com
ALL BOUTS ARE SUBJECT TO CHANGE WITHOUT NOTICE

Banner anunciava o duelo entre Acelino Freitas e Jorge Barrios, valendo mais uma defesa de cinturão. Abaixo, na véspera do combate contra Barrios, um festival de provocações marcou a coletiva de imprensa. Popó concede entrevista ladeado por Arthur Pelullo e Oscar Suárez.





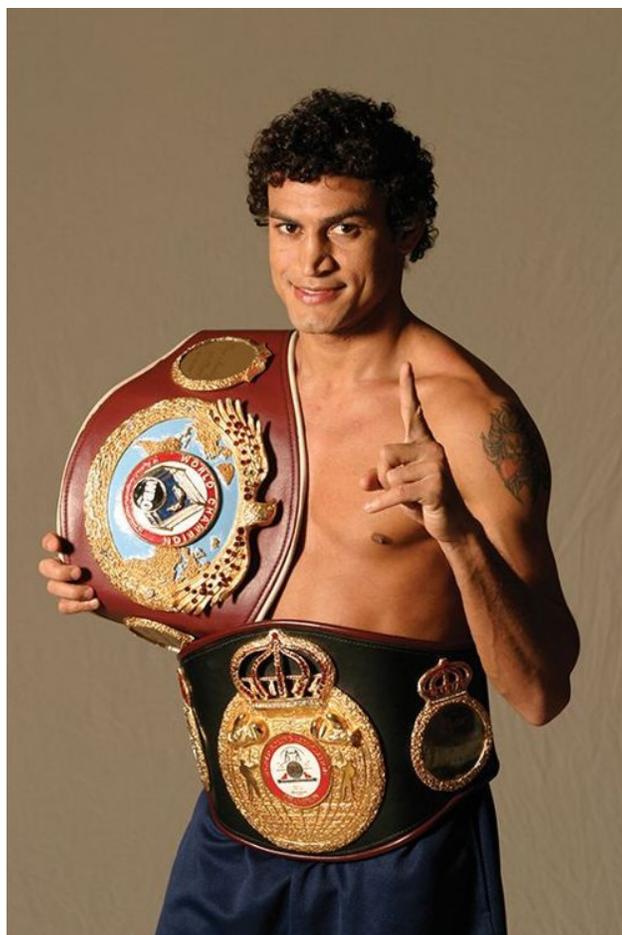
Popó se preparou mal, caiu duas vezes durante a luta e quase perdeu para o argentino Barrios. O confronto foi um dos mais difíceis da carreira de Acelino.



O brasileiro esteve perto da derrota para Jorge Barrios, mas conseguiu um nocaute salvador no final. Desnortado, o argentino vê o árbitro dar a luta por encerrada.



Após muitas provocações e até xingamentos, os lutadores se cumprimentaram ao final do combate vencido por Popó. Foi um gesto de nobreza do campeão.



Na foto, o baiano posa com os cinturões dos títulos da OMB e da AMB dos superpenas.



Em Caracas, na Venezuela, o então tricampeão mundial Popó recebeu o prêmio de melhor lutador do mundo da Associação Mundial de Boxe, em 2003.





A família Freitas com o novo membro, Popozinho, sexto filho de Acelino, foi ao aeroporto desejar boa viagem ao boxeador, que embarcava para tentar recuperar, em 29 de abril de 2006, o título dos pesos-leves da OMB em uma luta contra Zahir Raheem.



Raheem abusou do antijogo: deu empurrões, cabeçadas e quedas em Popó. No final, venceu o talento: Acelino sagrou-se tetracampeão mundial.



Após a conquista de mais um título mundial, o ritual se repetiu: o baiano desfilou pelas ruas de Salvador em uma viatura do Corpo de Bombeiros.



Uma nova faceta do campeão: Popó trocou as luvas pelo terno e gravata; os ringues, pela Câmara dos Deputados. Abaixo, em evento no qual propôs o projeto de lei para a criação do Dia Nacional do Boxe, o pugilista baiano foi homenageado pelo Conselho Mundial de Boxe com um cinturão. Pelullo entregou o

presente a Acelino representando a entidade.



No programa de Galvão Bueno, em janeiro de 2004, Popó fez as pazes com o ídolo do passado, Éder Jofre, com quem se desentendera anos antes. Acelino também realizou o desejo do Rei do Futebol, que disse em uma entrevista que o baiano era a celebridade que ele gostaria de conhecer. O encontro emocionado ocorreu em 2006, em Salvador.





Acelino Freitas posa com os cinturões que representam seus quatro títulos mundiais, conquistados por duas organizações distintas e em dois pesos diferentes, incluindo uma unificação.



Fora de forma e sem lutar há meia década, Acelino Freitas retomou os treinamentos para encarar o desafio contra Michael Oliveira em 2012.



A encarada com Michael foi tensa e, por pouco, os lutadores não se enfrentaram antes mesmo do embate.



Acelino Freitas ignorou a longa inatividade e mostrou o mesmo ímpeto de sempre. Partiu, desde o primeiro round, para cima da promessa do boxe nacional.



Ulysses Pereira orientava Popó a manter o controle da luta, que vencia nos pontos. Acelino sentia a ausência de Oscar Suárez, que morrera em 2008.



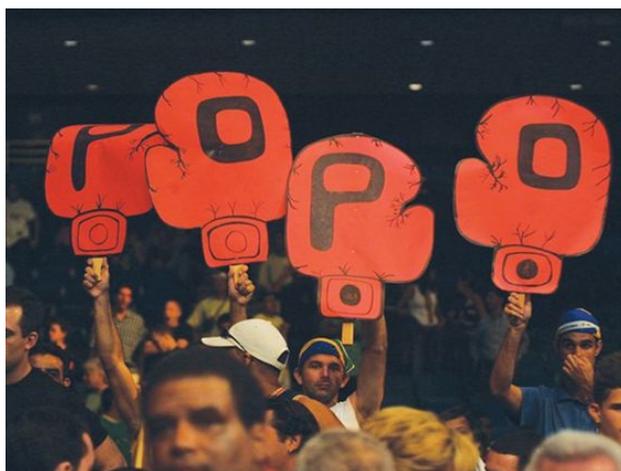
A última luta teve um desfecho marcado pela emoção. Realizado como boxeador e como pai, Acelino Freitas abraça o caçula Popozinho, a quem prometeu e dedicou a vitória.



Após vitória improvável em combate histórico, Popó posa para a foto ao lado de Sóstenes Marchezine, Popozinho, Ulisses Pereira e Michael Oliveira. Era a redenção da lenda. Uma imagem para sempre.



O beijo emocionado entre mãe e filho: Zuleica é a maior lutadora da família Freitas.



Torcedores erguem luvas que formam o nome do boxeador. No Brasil ou em qualquer canto do mundo, Popó sempre contou com o carinho dos fãs.



Acelino Freitas, quinto dos seis filhos de Babinha e Zuleica, nasceu em 21 de setembro de 1975 na Baixa de Quintas, bairro pobre de Salvador. Vislumbrou no boxe um instrumento para mudar sua história. O primeiro título chegou quando tinha apenas 14 anos. A partir dali, o apelido de infância, Popó, virou sinônimo de vitória. Foram quatro títulos mundiais por duas categorias diferentes, uma unificação, 29 nocautes consecutivos, 39 triunfos e a honraria de se tornar supercampeão após dez defesas de cinturão. Aposentado do boxe, Acelino retomou os estudos e foi eleito, em 2010, deputado federal. Hoje, é voz firme na defesa do esporte como vetor de transformação social e empresta seu nome, rosto e carisma a projetos e campanhas educacionais.



Wagner Sarmiento nasceu em Recife em 23 de agosto de 1984. Herdou do pai músico o dom e o gosto pelas palavras. Formado em jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em história pela Universidade de Pernambuco (UPE), é repórter do *Jornal do Commercio* desde 2007. Com incursões pela poesia e pela crônica, realiza coberturas nas áreas social e de direitos humanos e conquistou três prêmios por reportagens produzidas. O maior deles foi o Prêmio Latino-Americano de Periodismo sobre Drogas, em 2011,

fruto de uma reportagem especial sobre a vida de estrangeiros presos no Brasil como soldados do tráfico internacional de drogas.

© Acelino Freitas
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial

Marcelo Duarte

Diretora comercial

Patty Pachas

Diretora de projetos especiais

Tatiana Fulas

Coordenadora editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Lucas Santiago Vilela

Mayara dos Santos Freitas

Assistentes de arte

Carolina Ferreira

Daniel Argento

Capa

Daniel Argento

Foto de capa

Holger Keifel

Preparação

Beatriz de Freitas Moreira

Revisão

Juliana de Araujo Rodrigues

Telma Baeza G. Dias

Diagramação para e-book

Elis Nunes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Com as próprias mãos / Wagner Sarmento. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2013.

ISBN: 978-85-7888-346-1

1. Freitas, Acelino Popó. 2. Boxeadores - Brasil - Biografia. 3. Luta (Esporte). I. Título.
13-2189

CDD: 927.9683

CDU: 929:796.83

2013

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no [Facebook](#).

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora

Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

